



Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Arte
Programa de Pós-Graduação em Artes
Mestrado Acadêmico em Artes

CECÍLIA PEREIRA BARRIGA

**MALA SEM FUNDO:
PROCESSOS DE CRIAÇÃO LÚDICO – POÉTICA
DA ARTISTA HELIANA BARRIGA**

Belém, Pará
2013

Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Arte
Programa de Pós-Graduação em Artes
Mestrado Acadêmico em Artes

MALA SEM FUNDO:
PROCESSOS DE CRIAÇÃO LÚDICO – POÉTICA
DA ARTISTA HELIANA BARRIGA

Cecília Pereira Barriga

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Benedita Afonso Martins (Bene Martins)

Belém – PA
Setembro de 2013

MALA SEM FUNDO:
PROCESSOS DE CRIAÇÃO LÚDICO – POÉTICA
DA ARTISTA HELIANA BARRIGA

Cecília Pereira Barriga

Orientadora: Profa. Dra. Benedita Afonso Martins (Bene Martins)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Artes.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Benedita Afonso Martins (Bene Martins)
Presidente – PPGARTES/UFPA

Prof. Dr. Joel Cardoso da Silva
PPGARTES/UFPA

Profa. Dra. Wanderleia Azevedo Medeiros Leitão
NPI-EAUFPA/UFPA

Belém – PA
Setembro de 2013

RESUMO

Mala Sem Fundo: Processos de Criação Lúdico-Poética da Artista Heliana Barriga

Cecília Pereira Barriga

Orientadora: Profa. Dra. Benedita Afonso Martins (Bene Martins)

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Artes.

Esta dissertação versa sobre a trajetória de criação lúdico-poética da artista Heliana Barriga. Discute, também, o conceito de ludicidade a partir de sua compreensão como um recurso da pessoa humana para se desenvolver e encontrar caminhos para a sua expressão e interatividade social, neste estudo, por meio da arte. A pesquisa tem como base a identificação, a descrição e a análise de um conjunto de experiências de ação com poesia, da artista-educadora, escritora, compositora e acordeonista, em diálogo constante com outros interlocutores no âmbito da arte, ludicidade, educação e poesia.

Palavras-chave: Heliana Barriga. Ludicidade. Poesia. Processo de Criação.

ABSTRACT

Bottomless bags : Process of playfull-poetic Création of the artiste Heliana Barriga

Dissertation resume of the submitted thesis for post-graduation in Arts, Institut of Art sciences of the Federal University of Pará – UFPA, as a required document, for Master in Arts title.

The thesis is a study about directions the artist Heliana Barriga took in her playfull and poetic creation. This investigation approaches as well the concept of playfulness regarding the comprehension as a distinctive feature of the human being in order to develop himself and to find new ways of expression and social interaction, through the art. The research is based on identification, representation and analysis of a set of active experiences with the poetry of the artist-educator, writer, composer and accordionist, in continual dialog with the others in the context of art, playfulness, education and poetry.

Key words: Heliana Barriga. Cheerfulness. Poetry. Process of Creation.

RÉSUMÉ

Sac Sans Fond: Processus de Création Ludique-Poétique de l'Artiste Heliana Barriga

Résumé du mémoire de thèse soumis au programme de post-graduation en Arts, Institut des sciences de l'Art de l'Université Fédérale de Pará – UFPA, comme pièce requise, nécessaire à l'obtention du titre de Master en Arts.

Cette thèse examine la trajectoire de la création ludique et poétique de l'artiste Heliana Barriga. Cette étude aborde en outre la notion de jeu d'après la compréhension comme une caractéristique de la personne humaine pour se développer et pour trouver des moyens d'expression et d'interaction sociale, à travers de l'art. La recherche est basée sur l'identification, la description et l'analyse d'un ensemble d'expériences actives avec la poésie de l'artiste-éducateur, écrivain, compositeur et accordéoniste, en dialogue constant avec les autres parties dans le cadre de l'art, du ludisme, de l'éducation et de la poésie.

Mots-clés: Heliana Barriga. Enjouement. Poésie. Processus de Création.

*Dedico esta dissertação, em especial,
à minha mãe tão companheira de arte,
Heliana Barriga, sujeito-objeto deste estudo,
e à minha filha, minha maior inspiração,
Maria Adélia, com quem venho aprender a arte
da ludicidade com amor, prazer e alegria a cada dia.*

Agradecimentos¹

Agradeço à mulher-mãe-artista, Heliana Barriga,
e às palavras companheirismo, arte, ludicidade, poesia e simplicidade;
À mulher Bene Martins, e às palavras de ensinamento, seriedade, confiança e liberdade;
Ao homem Joel Cardoso e à mulher Wanderleia Medeiros, e à palavra respeito;
Ao homem Anibal Pacha, e às palavras otimismo e estímulo,
Aos homens e às mulheres do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA,
em especial, à mulher Wania Contente, e à palavra incentivo;
À mulher Edith Barriga (in memoriam),
e às palavras persistência, alegria e continuidade;
À mulher Nadir Magalhães, e às palavras fé, gratidão e humildade;
Ao homem Júlio Barriga, e às palavras justiça e honestidade;
Ao homem Bruno Jatahy, e às palavras paternidade, amor e verdade;
À menina dos olhinhos de peteca, Maria Adélia,
e às palavras maternidade, amor, paciência e sinceridade;
Ao anjinho chamado Alice, e às palavras fé, compreensão e espiritualidade,
Ao bebê Daniel, e às palavras ternura, realização e esperança,
A criança João Artur, e às palavras felicidade e infância,
Ao homem Júlio Filho e às mulheres Nairama e Letícia,
e às palavras força, carinho e cumplicidade;
À mulher Ceres, e à palavra acreditar;
Às mulheres Selma, Andreici, Giselle, Elane, Josilene, Denilma, Cibele, Hosana, Jacqueline,
Rafaelle, Charleny, Isabel, Christiane, Camila, Shérlita, Priscila, Deisi, Claudette, Maria
Matos, Nazaré, Nancy, Gabriela, Sônia, Larissa, Edivânia, Sílvia... e aos homens Isand, Léo,
André, Artur, Matheus, Tristan, Bruno Raphael, Éveri, Édrio, Moisés, Leandro... e tantas
outras e outros, que preenchem meu saudoso coração, e à palavra amizade;
Às mulheres e aos homens da equipe da E.M. Prof^a Ernestina Rodrigues e do CRIE – Centro
de Referência em Inclusão Educacional Gabriel Lima Mendes, e às palavras dedicação,
profissionalismo, exemplo e compreensão;
Aos meus alunos e às minhas alunas, e às palavras ensinamento e aprendizagem;
A todas as mulheres, homens, crianças e bebês de nossa sociedade,
e às palavras consciência, conhecimento, paz, respeito e criatividade.

¹ Texto inspirado na dedicatória da poeta Heliana Barriga em seu livro *Terra-Mulher* (BARRIGA, 1990, p. 07).

Giranda²

Abri bem os braços
Pendurei todos os brinquedos
Velhos do mundo
E comecei a girar.
O corpo girando a história.
Um carrossel que pulsava.
Ora em cima,
Ora embaixo.

- Heliana Barriga -

² BARRIGA, Heliana. *Mala Sem Fundo Um Lugar de Ilustrar*. Belém: Pingo D'água Poesia Ilimitada, 1993, p. 08.

SUMÁRIO DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01: Capa do LP <i>Mala Sem Fundo</i> de HB lançado em 1987.....	16
FIGURA 02: Capa da fita cassete <i>Mala Sem Fundo</i> de HB lançada em 1987.....	16
FIGURA 03: Palhaço Palmatória, crianças do público e a pesquisadora Cecília Barriga brincam com a artista HB no palco - Apresentação no CENTUR, comemoração dos 141 anos da Biblioteca Arthur Viana, 2012.....	21
FIGURA 04: Em diálogo com a autora em seu laboratório de criações artísticas, <i>Oikos Tis Poesias</i> , 2012.....	28
FIGURA 05: Fotografia de HB com, aproximadamente, dois anos de idade na época, 2012.....	28
FIGURA 06: Oficina para professores de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belém, 2010.....	30
FIGURA 07: Registro fotográfico da performance lúdica de HB com livros presente no livro <i>Barriga Literária</i> , 2005.....	35
FIGURA 08: Caricaturas da artista HB, por crianças da Escola de Aplicação - UFPA, 2012.....	37
FIGURA 09: HB brincando com um barquinho de papel.....	44
FIGURA 10: Matéria do <i>Diário do Pará</i> apresentando a obra MSF de HB, 1987.....	48
FIGURA 11: Performance de HB, <i>Arte da Palavra, Palavra da Arte</i> , 2010.....	50
FIGURA 12: Show de HB, com participação de Diogo Rezende nos teclados, Estação das Docas, 2010.....	51
FIGURA 13: Primeiro mosaico de imagens registradas na OTP de HB, 2012.....	53
FIGURA 14: Fachada da OTP, 2011.....	55

FIGURA 15: Registros da visita das pesquisadoras Izabel Sampaio e Socorro Ribeira à CSF, 2006.....	57
FIGURA 16: A Artista, Engenheira Agrônoma e Mestre em <i>Genética e Melhoramento de Plantas</i> , HB, vivenciando com simplicidade a natureza na OTP, 2011.....	59
FIGURA 17: HB escrevendo ludicamente na varanda da OTP, 2010.....	60
FIGURA 18: Seleção de fotos de performances e da residência do palhaço Slava Polunin - em Crécy-la-Chapelle, na França - cujas pinturas têm a assinatura dos artistas brasileiros <i>Os Gêmeos</i> , 2013.....	63
FIGURA 19: Segundo mosaico de imagens registradas na OTP de HB, 2012.....	64
FIGURA 20: Hortinha da Alice na OTP, 2011.....	70
FIGURA 21: Terceiro mosaico de imagens registradas na OTP de HB, 2012.....	71
FIGURA 22: Quarto mosaico de imagens registradas na OTP de HB, 2012.....	73
FIGURA 23: Borboleta e Papai Noel confeccionados por HB na OTP, a partir da reciclagem de embalagens descartáveis, 2012.....	75
FIGURA 24: Capa do álbum <i>Oikos Tis Poesias: Música, Planta e Poesia</i> de HB, em homenagem à OTP, 2011.....	77
FIGURA 25: Registro fotográfico da visita de uma borboleta à OTP, 2012.....	78
FIGURA 26: Os poetas Antonio Juraci Siqueira, Heliana Barriga e Cláudio Cardoso na Banca dos Escritores Paraenses;.....	80
FIGURA 27: Primeiro pôster do projeto <i>Tem Arte na Praça...</i> , respectivamente, 2013.....	80
FIGURA 28: Dedicatória lúdica aos seus quatro filhos na contracapa de seu livro <i>A Galinha dos Ovos de Cristal</i> , 1989.....	84
FIGURA 29: HB em visita à Unidade de Educação Infantil - UEI 1º de Dezembro, 2010.....	93
FIGURA 30: HB em visita à UEI 1º de Dezembro, 2010.....	94
FIGURA 31: Capa do primeiro livro de Heliana Barriga – <i>Poesia Primeira</i> , 1982.....	98

FIGURA 32: Capa do primeiro livro de Heliana Barriga – <i>Poesia Primeira</i> , 1983.....	101
FIGURA 33: Capa do primeiro livro feito em Literatura de Cordel de Heliana Barriga – <i>Um Amor de São João</i> , 1984.....	103
FIGURA 34: Capas dos livros lançados pela Editora FTD – 1984.....	104
FIGURA 35: Capas das edições renovadas de <i>A Abelha Abelhuda</i> e <i>A Perereca Sapeca</i> , livros ainda distribuídos pela editora FTD de São Paulo, 2006.....	106
FIGURA 36: Capa do livro <i>Levanta o Pau Acende a Fogueira</i> , 1988.....	107
FIGURA 37: Capa do livro <i>A Galinha dos Ovos de Cristal</i> , 1989.....	108
FIGURA 38: Capa do livro <i>De Cabeça Para Baixo</i> , 1989.....	109
FIGURA 39: Capa do livro <i>Terra Mulher</i> , 1990.....	111
FIGURA 40: Contracapa do livro <i>Terra Mulher</i> , 1990, com uma dedicatória da artista destinada à sua filha.....	112
FIGURA 41: Capa do livro <i>Jogo do Bicho</i> , 1997.....	113
FIGURA 42: Capa do livro <i>Balada de Frutas – Ecologia e Erótica</i> , 1998.....	115
FIGURA 43: Capa do livro <i>Mala Sem Fundo Um Lugar de Ilustrar</i> , 1990.....	117
FIGURA 44: Capas dos três livros lançados pela <i>Malta de Poetas Folhas & Ervas</i> , respectivamente em 1999, 2004 e 2008.....	118
FIGURA 45: Capa da agenda poética da <i>Malta de Poetas Folhas & Ervas</i> , 2012.....	120
FIGURA 46: Capa da primeira edição do livro <i>Trava Trova Língua</i> , 2001.....	123
FIGURA 47: Capa do livro <i>Poemas da Monga, suas façanhas e seu destino espantoso - 16 poemas sacro-profano sobre o Círio e a Virgem de Nazaré</i> , 2011.....	125
FIGURA 48: Capa do livro <i>Gozo: orgasmo poético com a Lagoa da Princesa (proibido aos insensíveis)</i> , 2005.....	127
FIGURA 49: Capa do livro <i>Barriga Literária</i> , 2005.....	128

FIGURA 50: Capa dos livros lançados em 2010: <i>Acredite Quem Quiser</i> ; <i>O Livro do Palhaço</i> ; <i>O Livro da Bruxa</i> ; <i>Mala Sem Fundo</i> ; <i>Parque de Diversão de Palavras: A Menina que anda com o dicionário nas costas</i> ; <i>Claria</i> ; <i>Trava Trova Língua</i>	130
FIGURA 51: Capa do livro <i>Tratado acerca das Flores</i> , 2010.....	131
FIGURA 52: Capa do livro <i>Livre</i> , 2012.....	132
FIGURA 53: Capas dos livros Vol. I e II, respectivamente, 2012.....	133
FIGURA 54: Capa do CD <i>Letícia Coça-Coça</i> , 1996.....	136
FIGURA 55: Participação da <i>Malta de Poetas Folhas & Ervas</i> na Arena das Letras, sob mediação de Linda Ribeiro, na XV Feira Pan-Amazônica do Livro, em 2011.....	137
FIGURA 56: Heliana Barriga no lançamento do livro-encarte de seu CD <i>Letícia Coça-Coça</i> no estande da Imprensa Oficial do Estado – IOE na XVI Feira Pan-Amazônica do Livro, 2012.....	138
FIGURA 57: Capa do CD <i>A Filha do Jabuti</i> , 1999.....	139
FIGURA 58: Capa do CD <i>Se Eu Fosse Você Eu Brincava</i> , 2002.....	140
FIGURA 59: Capa do CD <i>Ecológico Urbano</i> , 2005.....	141
FIGURA 60: Performance da artista HB no <i>Ponto de Cultura Novos Curupiras</i> , 2010.....	143

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. DE CABEÇA PARA BAIXO: POÉTICA DA ARTISTA HELIANA BARRIGA.....	28
2.1 LUDICIDADE E POESIA NA INFÂNCIA DA ARTISTA.....	34
2.2 POÉTICA DE HELIANA BARRIGA.....	48
3. OIKOS TIS POESIAS: ESPAÇO DE CRIAÇÕES ARTÍSTICAS DE HELIANA BARRIGA.....	53
3.1.1 CHEIRAR, TOCAR, OUVIR, ENXERGAR, SE DELICIAR E AMAR NA RESIDÊNCIA DA ARTISTA.....	58
3.2 ESPAÇO DE CRIAÇÕES ARTÍSTICAS E DE BRINCADEIRAS POÉTICAS EM CONTATO COM A NATUREZA.....	74
4. EXERCÍCIOS DE LUDICIDADE NAS OBRAS LITEROFONOGRÁFICAS E PERFORMANCES ARTÍSTICAS DE HELIANA BARRIGA.....	82
4.1 HELIANA BARRIGA: POETA E MILITANTE DA PALAVRA.....	82
4.2 O REINVENTAR-SE EM CORES E O BRINCAR COM PALAVRAS.....	97
4.3 MUSICALIDADE, POESIA E DIVERSÃO: INGREDIENTES ÍNTIMOS DA INFÂNCIA.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
BIBLIOGRAFIA.....	149
ANEXOS.....	159

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre os processos de criação da artista Heliana Barriga - doravante HB -, os quais culminaram na abertura simbólica, desde a década de 1980, de sua *Mala Sem Fundo* - doravante MSF -, título do conjunto de suas obras literárias e fonográficas.

A coleção da autora surge de uma relação muito próxima entre arte, pesquisa, poesia e ludicidade, na qual mãe, o sujeito-objeto deste estudo, e filha, a pesquisadora, reconhecem os papéis desempenhados por ambas em busca do conhecimento a respeito do conceito de ludicidade, a partir de sua compreensão como um recurso da pessoa humana para se desenvolver, principalmente, enquanto criança, e encontrar caminhos para a sua expressão e interatividade social, neste estudo, por meio da arte. Assim como Rubem Alves e Manoel de Barros, HB é uma defensora das crianças e do que elas gostam e precisam aprender na escola e em suas infâncias.

A experiência da pesquisadora ao aprender e ao conviver com os fundamentos apresentados pelo conjunto de obras literárias e musicais de HB chamado MSF, desde a peça com o mesmo título apresentada, em 1987, no *Theatro da Paz*, com participação com pouco mais de um ano de idade, e, também, em participações em outras atividades artísticas, culminaram na vontade da própria pesquisadora de desenvolver esta pesquisa em resposta a inúmeras indagações e reflexões a respeito das obras literofonográficas e da vida artístico-profissional da autora.

A pesquisadora participou como atriz nas peças infanto-juvenis *O Menino e os Vagalumes Amestrados* (1990), *Teatro Caseiro Embaixo do Mosquiteiro* (1992), *O Gato Que Virou Criança Mas Ficou Com A Lua Na Barriga* (1995), *O Mistério da Voz Invisível* (1996) participando também em *Gincanas Culturais* de autoria de HB, e mais adiante como

ministrante de oficinas sobre a obra da artista em eventos científicos, como, também, em animações de aniversários infantis, espetáculos em teatros, entre outras participações.

Atualmente, enquanto licenciada na área de Letras - Língua Francesa e Respectiva Literatura e professora na área de Educação Especial, a pesquisadora reconhece as contribuições dos trabalhos elaborados com a obra de HB e as provocações artísticas da autora para o desenvolvimento de suas práticas na Educação com ludicidade e mais poesia, atendendo de forma prazerosa a construção de conhecimento e as necessidades educacionais de seus educandos nas duas diferentes áreas de atuação.

As participações em eventos artísticos de autoria de HB, o contato direto com as obras da escritora e compositora, a curiosidade e intencionalidade de prosseguimento de estudos acerca da coletânea intitulada MSF e as constantes reflexões da pesquisadora culminaram no desejo de dar continuidade aos seus estudos referentes ao processo de criação artístico, transmissão e recepção da arte proposta pela artista pesquisada, logo que o intuito de desenvolver esta pesquisa teve como base a origem e relevância para a cena artística paraense do que foi o projeto MSF. Sobre a origem deste projeto, HB discorrida em um relato veiculado no jornal “Diário do Pará”:

‘Um dia, mandei fazer uma mala de madeira...’. O projeto *Mala Sem Fundo* visa atingir mais de 18 mil espectadores, não só os pequenos como os grandes, com trinta apresentações em teatros de Belém, no período de agosto a dezembro deste ano e ainda atingir um número bem maior, com o lançamento do disco, com uma tiragem de 3 mil cópias, no início (...). (DIÁRIO, 1987)

Figuras 01 e 02: Respectivamente, capas do disco e fita cassete lançados em 1987.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012

Em seguida, a matéria discorre acerca da gênese da MSF:

Para nos explicar como nasceu a *Mala Sem Fundo*, ninguém melhor para explicar que Heliana Barriga (...) “Um dia mandei fazer uma mala de madeira pintada de vermelho e forrada de papel. Foi a mala que levou o enxoval da minha filha Letícia para a maternidade, em 1981. A Letícia cresceu e a mala foi se enchendo de brinquedos. Depois, comecei a trocar esses brinquedos por brinquedos populares e objetos interessantes que eu encontrava nas minhas andanças, feiras, etc. Eram objetos que agradavam essencialmente à Heliana criança. Aí comecei a viajar pelo Brasil com essa mala. Encostava em bibliotecas, e com as crianças eu trocava os brinquedos. Elas me davam uma historinha, um desenho, e eu retribuía com cestinhas, cuinhas e outros brinquedos que elas adoram. Eu dizia que ia botar dentro da mala para sempre. Elas adoravam. (...) no início era “Mala Mágica”, um dia contei essas peripécias poéticas para um amigo, Salomão Laredo, numa reunião de escritores aqui, e ele falou: “Mas é a mala sem fundo!”. Aí, ficou. Quando viajo, participo de congressos e encontros, lá vai a *Mala Sem Fundo* a coletar emoções. A ideia de adaptar para o teatro é que eu imaginei uma mala enorme, de onde saiam pessoas, com brinquedos. A história fala do desejo de um menino e uma menina de encontrar uma estrela. Passam por várias aventuras em busca de sua estrela. (DIÁRIO, 1987)

Mais tarde, já em 1991, HB concede outra entrevista e discorre sobre o lançamento de outro projeto, *Mala Sem Fundo Um Lugar De Ilustrar*:

A escritora Heliana Barriga lança (...) *Mala Sem Fundo Um Lugar De Ilustrar*. A publicação compõe mais uma “é tapa” do seu projeto *Mala Sem Fundo*, destinado ao público infantil, iniciado em 1987, com o musical no Theatro da Paz. Em consequência desse trabalho, ela gravou um disco com o nome do projeto e, agora, traz à luz um livro de poemas. Brincadeiras, arte na infância, folclore, animais domésticos e selvagens, plantas da terra e da água integram a temática dos trabalhos de Heliana. As músicas do LP resultaram nas histórias que agora são contadas nessa edição de *Mala Sem Fundo*, impressa às próprias custas. Tudo no livro surgiu da vivência com as crianças, como parte das diversas oficinas de criação que a autora realizou com os pequeninos. A literatura de Heliana Barriga, pelo seu caráter lúdico, já se encontra difundida nas escolas “(...) eu gostaria que minha poesia fosse mais uma alternativa para alimentar a infância, as brincadeiras, a vivacidade própria da criança”, afirma. (“Diário do Pará”, 1991).

Os teóricos Stephen Nachmanovitch (1993), Gianni Rodari (1982), Johan Huizinga (2010), Celso Sisto (2001), Ana Elvira Gebara (2002), Fayga Ostrower (2007) e Rubem Alves (2008) atuam nesta pesquisa como bases teóricas para discutir e analisar as questões acerca do envolvimento criativo da artista com a palavra, tendo esta, como também compreendida pelo poeta Manoel de Barros (2010), o mesmo valor de um brinquedo quando trabalhada em oficinas, espetáculos e composições lítero fonográficas pela poeta, que cria a partir da poesia-ação.

Ao identificar, descrever e analisar excertos de reflexões contidas no que a autora intitula de *Relatórios Lúdicos*³ e também presentes em diálogos com a autora, a pesquisa foi tomando corpo e sendo constituída a partir de encontros que ocorreram de forma mais descontraída e próxima ao que se entende por conversas, por diferirem do modelo que segue roteiros bem estruturados que em diversas ocasiões chegavam a inibir a liberdade de pensamento e, por fim, as lembranças específicas para o entendimento dos processos de criação lúdico-poética da artista pesquisada.

Logo, faz-se necessário consultar as considerações a respeito dos conceitos de memória, escrita de diários íntimos e lembranças de fatos pessoais, a partir dos seguintes

³ *Registros escritos de sua emoção, um álbum fotográfico poético do que se passa em suas performances*. Conceito proposto pela artista Heliana Barriga em seus escritos pessoais. Fonte: Acervo pessoal da *Oikos tis Poesias de Heliana Barriga*.

historiadores: Ecléa Bosi (1994), Paul Thompson (1992) e Márcio Couto Henrique (2009). A escolha em desenvolver uma análise das reflexões de HB, presentes em seus escritos íntimos, surgiu de forma a preencher determinadas indagações acerca de seus trabalhos artísticos, processos de criação e obras literofonográficas já publicadas.

Desde 1982, ano de lançamento de seu primeiro livro “Poesia Primeira”⁴, a arte de HB tem se apresentado de maneira pluriforme e multifacetada. Na última década, houve um maior reconhecimento, pela sociedade acadêmica da Amazônia Paraense⁵, da contribuição de sua arte acerca do desenvolvimento do *ser consciente-sensível-cultural*.

Este conceito foi proposto pela artista-plástica e teórica Fayga Ostrower (2007, p.11). A partir de suas análises, é possível compreender que “(...) precisamente na integração do consciente, do sensível e do cultural se baseiam os comportamentos criativos do homem (...). O homem será um ser consciente e sensível em qualquer contexto cultural.”, e continua, ao discorrer que “(...) a consciência e a sensibilidade das pessoas fazem parte de sua herança biológica, são qualidades comportamentais inatas, ao passo que a cultura representa o desenvolvimento social do homem (...)”. Segundo a teórica (OSTROWER, 2007, p.11), a cultura configura, também, as formas de interação entre as pessoas. No entanto, é notória a carência de pesquisas analítico-científicas mais aprofundadas a respeito da conjuntura de suas obras artísticas, esta, reconhecida neste estudo como arte.

Segundo Ernest Fischer (*apud* VELHO, 1971, pp. 20-21), “é verdade que a função essencial da arte para uma classe destinada a transformar o mundo não é a de *fazer mágica* e sim de esclarecer e incitar à ação”, assim, encontra-se a intenção fundamental da arte de HB,

⁴ BIOGRAFIA e bibliografia de Heliana Barriga. Disponível em: <<http://www.helianabarriga.com.br/sitesed/tp1/depstinstitucional.php?p=&idsublink=1299727324935631>> Acessado em: 12/09/2012.

⁵ Os primeiros estudos acadêmicos a respeito das obras e da Arte de Heliana Barriga foram desenvolvidos nos anos de 2002 (PAUXIS), 2004 (OLIVEIRA; TAVERNAD) e 2006 (RIBERA; SAMPAIO), em Castanhal e Belém, Pará.

diversa em obras literárias, poéticas, musicais e outras expressões artísticas, as quais buscam provocar a ação e dar subsídios lúdicos a respeito do estímulo ao sensível.

Sua arte também tem como principal provocação o estímulo ao lúdico e ao respeito às necessidades educativas da infância. HB explora o imaginário infanto-juvenil de tal forma que instiga não somente as crianças e jovens, mas todos os demais agentes do processo educacional, *in praesentia*, professores, funcionários da escola, personagens comunitários e familiares daqueles.

Segundo o filósofo e poeta Antônio Juraci Siqueira (*apud* RIBERA; SAMPAIO, 2006, p. 42), não se pode falar em literatura infantil paraense sem tomar a arte de HB como uma referência e destaca que “seu trabalho tem valor na formação da criança, pois a preocupação com a natureza e com os problemas sociais são colocados em suas obras de forma lúdica”.

Roseli Sousa, escritora e doutora na área de Educação, acredita na qualidade de articulação entre educação e literatura na arte de HB. Para Roseli Sousa:

Ela penetra no universo da criança e produz para a criança com a criança. Ela se alimenta desse imaginário. Não é uma coisa que ela vá para casa e produza para a criança. Ela vai buscar os desejos, os sonhos, as brincadeiras desse universo mais próximo. A obra de Heliana não é didática, é feita do lúdico para o lúdico. Heliana fala de questões ambientais em seus livros porque ela vive isso. As brincadeiras falam de coisas sérias sem a intenção devida. Ela faz arte literária. Os livros de Heliana são obras de arte. (*apud* RIBERA; SAMPAIO, 2006, p. 44)

A partir de tais excertos, estes, considerações a respeito da arte e das obras de HB, pode-se identificar a valorização do potencial lúdico presente em seus trabalhos artísticos e da performance, aqui, no sentido de Paul Zumthor:

Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios lingüísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. É pelo corpo que somos tempo e lugar: a voz o proclama emanação do nosso ser. (ZUMTHOR, 1997, p. 157)

Entre a letra, entendida como a forma de expressão escrita, e o papel, a ferramenta para expressá-la, como também a pintura, o desenho ou o objeto tridimensional, entende-se a arte de HB, uma arte pluriforme e multifacetada no que diz respeito ao ponto de fusão que unifica a letra, já como produção artística: a poesia, a literatura e o ser palavra de suas composições musicais, e o papel, a performance artística, a ferramenta de transmissão de sua arte, por si, pela sua voz, gesto, corpo e olhar.

Retomando a escolha do entendimento da conjuntura das obras artísticas de HB como arte, no que concerne às diferentes matrizes do desenvolvimento do *ser consciente-sensível-cultural* (Ostrower, 2008, p. 11): Literária, Poética, Teatral, Contação de Histórias, Musical, Lúdica, Ecológica e no que se referem ao Bem-Estar do indivíduo. A presente pesquisa buscará discutir a partir destas áreas - tecidas e estimuladas nas obras da autora - de maneira analítico-científica, os processos de criação presentes nos *Relatórios Lúdicos* da artista, assim, como suas reflexões compostas após suas atividades artísticas.

A MSF de HB completou recentemente trinta anos. Três décadas de criação artística, entusiasmo, liberdade, divertimento, simplicidade e anseios pelas sensações lúdicas de outrem a partir de suas inventividades lúdicas. Segundo Nachmanovitch (1993, p. 22), “Todos temos o direito de criar, o direito à realização e à satisfação pessoal”. HB transmite, em suas criações, prazer e trabalho árduo que resultam em novos conhecimentos a seu público e a própria artista.

Nachmanovitch (1993, p. 49) vai além, “O trabalho criativo é divertimento; é a livre exploração dos materiais que cada um escolheu” e “a plena criatividade artística ocorre quando, por meio do talento, o adulto é capaz de entrar em contato com a clara e inesgotável fonte de prazer da criança que existe dentro dele” (*ibidem*, p. 54). Dalai-lama afirma que “a felicidade é sempre um resultado da atividade criativa” (Dalai-Lama, 2001, p. 39).

Figura 03: Palhaço Palmatória, crianças do público e a pesquisadora Cecília Barriga brincam com a artista HB no palco - Apresentação no CENTUR, Comemoração dos 141 anos da Biblioteca Arthur Viana, 2012.



Fonte: Bruno Jatahy / Acervo pessoal da pesquisadora

Em uma matéria veiculada no jornal “O Liberal” (1997), a artista afirma que a melhor parte de seus shows acontece no momento em que, segundo ela, torna-se inevitável a ‘invasão’ do palco por algumas crianças que estão presentes na plateia. A autora conta que “há crianças que sobrem ao palco e participam mesmo, junto com a gente, passando de simples espectadores a artistas por uma hora” (LIBERAL, 1997).

As considerações destes autores fundamentam a análise da arte de HB, no que concerne às possibilidades diversas que os participantes dos encontros com a artista têm de criar, de realizar-se e satisfazer-se ante si, no que se refere ao olhar de si em consequência de si. É importante atentar para o poder do prazer em vivenciar o belo de si ante si. Prazer que, possibilitado pela arte, disponibiliza a alegria, a autodescoberta e o conhecimento ulterior, principalmente, a descoberta da criança que há neste si de outrem e neste si da artista.

Determinadas questões tornam-se pertinentes à reflexão acerca da poética de HB e buscam, com este trabalho, elucidar possíveis caminhos para um novo olhar, o qual será

proposto aqui de maneira ainda mais lúcida sobre os seguintes problemas a serem analisados no decorrer desta pesquisa: há uma relação intertextual entre os processos de criação lúdico-poética de poemas e canções, e, assim, dos resultados publicados por HB? Quem são os atores que instigam o seu processo reflexivo e criativo, e os espaços de criação que sua arte acontece? O que ocorre nessas interações? De qual maneira a emoção, a inspiração, a criação e a performance da artista se apresentam em seus *Relatórios Lúdicos*? E qual o propósito de tais registros para a composição desta pesquisa?

HB representa a arte paraense, uma arte que se identifica com os traços singulares da região amazônica. Uma arte inspirada na natureza desta região, à semelhança do jeito de poetar de Manoel de Barros sobre a riqueza da natureza pantaneira, haja vista que a poeta - sujeito-objeto deste estudo - explora, com as suas qualidades crítico-reflexivas e expressivas, a diversidade da cultura, fauna e flora amazônicas. A artista aborda tais aspectos também, de maneira lúdico-poética, em suas obras.

Desde o início dos anos oitenta, a composição literária, poética, musical e outras da artista, busca inspiração na fauna e flora amazônicas com as suas ambiências naturais. Ponto que revela a formação acadêmica e os percursos profissionais, entre a década de 1970 e início da de 1980, de HB na área de Engenharia Agrônoma. Há preocupação com a consciência e ação de autopreservação cultural e regional em suas obras. Elas incitam, por meio da ludicidade⁶ e da poesia, a sensibilidade e o senso crítico de crianças, jovens e adultos sobre os animais, a natureza e as características regionais. Para ilustrar, segue a música *Papel do Homem*:

E chega o homem tão pequenino, perto da mata jovem menino./ Derruba tudo com seu machado,/em um segundo tudo estragado./Vem de outras terras com seus tratores/acabando com a Floresta sem escutar suas dores./ Vem de outras terras com seus tratores/acabando com a Floresta sem escutar suas dores./A dor de sua onça, a

⁶ Segundo Ferreira (2009, p. 1233), o termo *ludicidade* [*lúdico+(i)dade*] advém de *ludismo* [*De lud(i)-+ -ismo*], já este, de *lúdico* [*lud(i)- + -ico*], “referente a, ou que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos”.

dor de seu passarinho/A dor de sua minhoca, a dor de seu macaquinho. (BARRIGA, “*Se eu fosse você eu brincava*”, 2002).

No que concerne à criação lúdico-poética fonográfica de HB, é de interesse à análise de seu processo criativo, perceber o seu jeito de produzir e de escolher o viés para expressar seus pensamentos a partir dos recursos que a mídia escolhida lhe oferece para criar. Barriga (*apud* OLIVEIRA; TAVERNARD, 2004, p. 73) discorre:

Trabalhar a música é trabalhar com a intimidade, a afetividade, o inconsciente do ser humano. É realizar um processo contínuo de construção que envolva perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir, como também trabalhar com o que há de mais primitivo e pessoal, pois o primeiro som que ouvimos são os batimentos cardíacos e os ruídos das entranhas de nossa mãe. (BARRIGA *apud* OLIVEIRA; TAVERNARD, 2004, p. 73)

Na infância, segundo Oliveira e Tavernard (2004, p. 73), “a música está intimamente ligada à brincadeira”. HB se inspira nas questões procedentes da infância em conjunto com as crianças; e mesmo trabalhando com jovens e adultos, o brincar está sempre presente em seu trabalho.

A artista pesquisada possui um jeito singular de criar. Os processos de criação presentes em seus *Relatórios Lúdicos*, ao longo de três décadas, assim como suas reflexões após suas atividades artísticas são os suportes para a organização e análise de uma nova e aprofundada perspectiva acerca de sua arte.

A singularidade de seus processos criativos está relacionada ao fato dela apropriar-se dos registros de suas emoções após uma determinada apresentação artística e desenvolver um processo de criação para outros trabalhos. Seu processo de criação é contínuo, por exemplo, de um poema pode vir uma canção ou uma gravura, o que demonstra a sua permanente inquietação. Cada trabalho artístico inspira e contagia outros. Há um elo contínuo de criação. HB valoriza não somente a emoção presente, mas todas as emoções sentidas anteriormente.

Desse modo, outra finalidade deste trabalho é a de analisar a performance e os processos de criação lúdico-poética da artista pesquisada, a partir de suas reflexões registradas em seus *Relatórios Lúdicos*. A pesquisa terá como focos específicos analisar os diálogos entre as diferentes interfaces das obras e a poética de HB; destacar as reflexões da artista presentes em seus *Relatórios Lúdicos*, acerca de suas performances, obras publicadas e brincadeiras lúdico-poético-ambientais; e, apresentar as ambiências pelas quais sua arte realiza-se.

No capítulo *De Cabeça Para Baixo: Poética da Artista HB*, a pesquisa busca identificar, analisar e desenvolver um levantamento das lembranças, essencialmente, de sua infância, presentes em seus *Relatórios Lúdicos*, acerca das experiências com arte e ludicidade vivenciadas por ela enquanto criança. Neste primeiro momento, a pesquisa tem como foco a descrição dos prenúncios de sua poética e a busca pela análise da relação dialética entre os processos de criação lúdico-poética de HB. Estes, diversos no que se refere às expressividades artísticas de suas obras.

Em seguida, no capítulo *Oikos Tis Poesias: o cheirar, o tocar, o ouvir, o enxergar, o se deliciar e o amar*, a pesquisa lança mão de dados que venham analisar quais os atores que instigam o processo reflexivo e criativo da artista, e os espaços de criação em que sua arte acontece, e o que ocorre nessas interações, ao levar em consideração os relatos da artista sobre a identidade de sua própria residência e os hábitos sinestésicos no contato com a natureza que cultiva em sua casa.

Manoel de Barros (2010, p. 425) apresenta o seguinte pensamento acerca de poesia e morada: “Por viver muitos anos dentro do mato, moda ave, (...) pegou um olhar de pássaro (...) As palavras eram livres de gramáticas e podiam ficar em qualquer posição (...). E, se quisesse caber em uma abelha, era só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela. Como se fosse infância da língua”. HB compartilha destes exercícios de poesia propostos pelo poema

de Manoel de Barros em suas intervenções lúdico-poético-ambientais em sua *Oikos Tis Poesias*.

O capítulo *Exercícios de Ludicidade nas obras literofonográficas de HB* observa diretamente a prática da artista, por meio de seus trabalhos publicados e desenvolvidos em oficinas, espetáculos e apresentações artísticas. Neste momento, a discussão sobre as ambiências pelas quais a arte de HB realiza-se é relevante para o desfecho da pesquisa. Busca, em tais procedimentos, analisar suas performances e seus processos de criação lúdico-poética, de modo a alcançar um conhecimento atual acerca do fenômeno do estímulo ao sensível imanado por suas obras e apresentações artísticas, presentes em diversos segmentos educacionais e artísticos, particularmente, no município de Castanhal e na cidade de Belém. E busca esclarecer, ainda, de que maneiras a emoção, a inspiração, a criação e a performance estão presentes no processo de construção de suas obras.

No decorrer da análise de dados que deram base ao desenvolvimento dos capítulos descritos acima, tornou-se possível perceber que há, no processo de criação lúdico-poética de HB, algumas propostas fundamentais que se interrelacionam entre si e às suas variadas composições literofonográficas, a partir do posicionamento de Koch (1997) sobre o conceito de intertextualidade.

O uso de instrumentos textuais não publicados pela autora e desenvolvidos após direcionamento constante da pesquisadora constituem elementos que deram base a este estudo sobre a poética de HB, como, também, seu processo de criação e modo de conviver com a natureza – de forma poética e lúdica – e sobre as obras publicadas pela artista.

Todavia, a pesquisa foi desenvolvida a partir de procedimentos metodológicos, que se sustentam na História Oral, haja vista que o aspecto referente ao conceito de transcrição

hermenêutica está presente no desenvolvimento de análises desenvolvidas no decorrer deste estudo.

Acerca deste conceito, Caldas (1999), ao seguir às indicações de Meihy, propõe que:

transcrição (...) não pode ser somente uma textualização ou fim de uma textualização, não pode ser texto, mas processo que exige, no caso, uma postura geral e uma textualização radical. (...) Ao mesmo tempo (...) traduz uma ação criativa e uma relação entre as clássicas dicotomias (sujeito-objeto, eu-tu, oral-escrito, documento-pesquisador) (CALDAS, 1999, p. 107).

A presente pesquisa é um resultado vivo originado de transcrição hermenêutica desenvolvida no decorrer das diversas etapas exigidas até o final deste projeto - ou o convite a outros recomeços -, nestes vinte e quatro meses de Mestrado em Artes. O *corpus* da dissertação foi se formando e se transformando, a partir da coleta de dados referentes às obras publicadas pela autora pesquisada, no período de 1982 a 2012, pela leitura das entrevistas veiculadas nos jornais⁷ que circularam na cidade de Belém e nos meio virtual de comunicação, no período de 1984 a 2012, e pelo direcionamento da pesquisadora acerca das descrições e dos registros concedidos pelo sujeito-objeto deste estudo.

A respeito do resultado esperado pela pesquisa e ao que se refere ao conceito de transcrição, Caldas (1999) propõe:

O resultado final da transcrição são textos vivos, pulsantes, que se organizam numa grande ficcionalidade viva, exigindo uma outra postura diante dos textos terminados, sendo diferente também sua forma interna. O texto final (depois de ter passado por várias entrevistas, várias transcrições, vários encontros de leitura e por todo o processo de *formação textual*) jamais poderia ter sido pronunciado daquela maneira por nosso interlocutor; no entanto, cada palavra, cada frase, cada estrutura lhe pertence; cada história, cada ritmo, cada momento narrado pertence a ele e somente a ele, a ponto de o interlocutor nos dizer *eu vivi cada uma dessas palavras*; mesmo depois de sua fala ter se transformado no texto transcrito (não somente mudança de códigos, mas amálgama transcriativo), ao ter sido respeitada a essência viva da fala, o reconhecimento é muito maior do que com a simples pergunta-resposta. O texto transcrito é, para o interlocutor, sua vida no papel, aquela vida escolhida por ele para ser a sua vida, para ser o representante, para ele, do vivido (o que não quer dizer que seja o realmente vivido, o que seria voltar à metafísica das Histórias). (CALDAS, 1999, p. 109)

⁷ A pesquisadora teve acesso, durante o desenvolvimento da pesquisa, ao acervo de entrevistas veiculadas em jornais, organizado pela própria artista - sujeito-objeto deste estudo -, e aos arquivos da Biblioteca Pública Arthur Vianna – CENTUR, em Belém, referentes à sua trajetória artística.

Portanto, esta dissertação também está fundamentada na análise e transcrições de considerações, inventividades, sussurros e emoções da artista sujeito-objeto deste estudo, em suas práticas de poesia-ação na elaboração e lançamento da maioria de suas obras literofonográficas e performances de sua identidade artística, desenvolvidas, então, a partir dos conceitos de ludicidade, infância, poesia e natureza, de forma a dialogar com os interlocutores presentes no decorrer deste trabalho de conclusão do Mestrado em Artes.

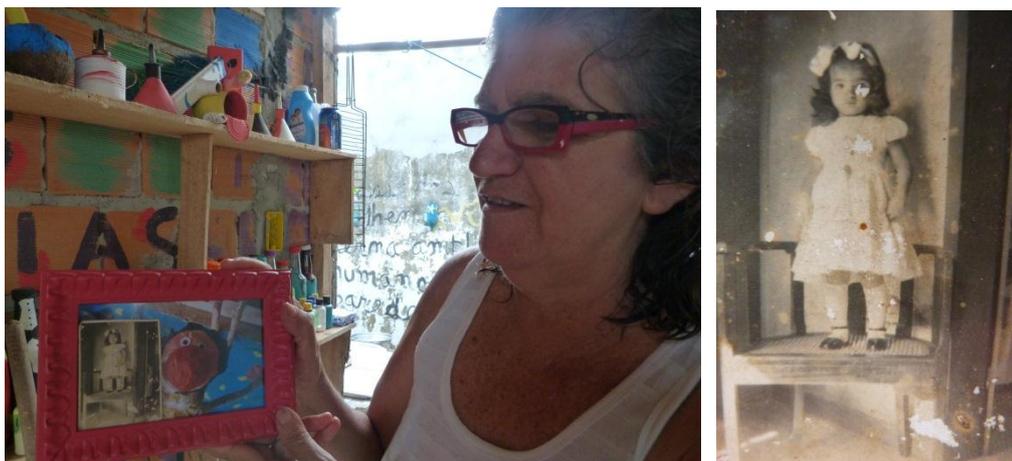
2. DE CABEÇA PARA BAIXO: POÉTICA DA ARTISTA HELIANA BARRIGA

*Sacudiram a menina poeta de cabeça para baixo, e de dentro dela:/
Caiu uma bolinha que rolou (...), desenrolou e enrolou/
(...) Caiu uma chave que faz careta e abre todas as gavetas.*

Heliana Barriga
(*De Cabeça Para Baixo*, 1989)

HB não nasceu escritora, ela descobriu esse talento quando adulta em sua militância artístico-literária. Ela constrói e reconstrói sua escrita com as vivências cotidianas, principalmente, em seu contato com as crianças. Mas, ao tomar conhecimento de suas impressões acerca do mundo, desde sua infância, é possível afirmar que ela já nasceu poeta.

Figura 04 e 05: Em diálogo (2012) com a autora em seu laboratório de criações artísticas, *Oikos Tis Poesias*, ela apresenta uma fotografia com, aproximadamente, dois anos de idade na época.



Fonte: Cecília Barriga / Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

A artista nasceu em 09 de agosto de 1950, em Castanhal, município situado a 73 km de Belém⁸, capital do estado do Pará. Lá, teve uma infância feliz com exercícios de ludicidade e arte. Primogênita de uma família com sete filhos, ela relata que o maior presente que recebeu dos pais foi a oportunidade de ter sido educada musicalmente desde a infância.

⁸ TRANSPORTES, Secretaria de Estado de. 2012. Disponível em: <www.setran.pa.gov.br/distancias.php> Acessado em: 29/11/2012.

Rubem Alves acredita que os seres humanos não são compostos somente por matéria, ele parte do princípio de que são formados por poesia. Segundo ele, ela é elemento que lhes fazem mover, portanto, a mola fundamental da vida. O autor, em seguida, acerca da sensibilidade humana, afirma que “o corpo humano é tocado (no mesmo sentido em que um violino é tocado, um piano é tocado: o corpo é um instrumento, é um instrumento musical (...) por coisas que não existem”. À luz de Manoel de Barros, ele conclui que tem mais presença na pessoa humana o que lhe falta, por exemplo, a trajetória que ficou marcada na memória (ALVES, 2008, p. 181). À semelhança destas considerações de Rubem Alves e Manoel de Barros, HB desenvolve suas inventividades artísticas a partir da própria poesia que há em si e a qual ainda lhe falta e é despertada pela ambiência que lhe inspira a sensibilidade própria dos poetas e das crianças como será analisado mais adiante.

Atualmente, com os relatos cedidos para a realização deste trabalho, a artista sente, ao relembrar fatos de sua infância e revolver os prenúncios de sua poética, todo um envolvimento íntimo com a menina que conserva ainda dentro de si, “as crianças que moram em nós são eternas. Não envelhecem” (ALVES, 2008, p.110). Aquela menina, descobridora de si, como ser humano e artista, e do mundo, principalmente, o vivido pelas crianças, que aguardava a abertura de sua obra intitulada *Mala Sem Fundo*.

HB possui formação musical desde a infância, ao se dedicar, particularmente, ao acordeom, instrumento presente em muitas de suas oficinas de formação de professores. Com o apoio de seu acordeom ou violão, a artista transmuta seus poemas em novas composições e redimensiona em uma nova linguagem artística a sua poeticidade lançada, primeiramente, em formato de livro ou voz que invade praças e oficinas a procura de um público ávido por poesia-ação de poetas comprometidos pelas insignificâncias da vida. Em 1987, o interesse em

tocar acordeom e início dos estudos deste instrumento é citado em uma matéria veiculada ao jornal “Diário do Pará” (CARDOSO, 1987):

(...) Heliana arrasa numa sanfona e num acordeom, lição aprendida com uma vizinha protestante, que todos os dias tocava o instrumento, então Heliana se entrosou e passou a ser aluna, e foram tocar na Igreja, isso depois que descobriu que não podia ser pianista. Ela acabou deixando o conservatório por causa das saudades de Castanhal. Tinha 11 anos. Mais tarde, com a amiga Rosa de Fátima, do Rio, aprendeu o método Mário Mascarenhas. E fizeram dupla em Castanhal (...). Faziam até campanha política e nem sabiam para quem. Queriam mesmo era tocar. Tirou o curso de acordeom em três anos.

Figura 06: Oficina para professores de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belém, 2010.



Fonte: Fotografia extraída do acervo de fotografias do site da artista HB, 2012.

Além de artista, HB é graduada em Agronomia pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará – FCAP, em Belém, e mestre em Genética e Melhoramento de Plantas pela Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz – ESALQ/Universidade de São Paulo – USP, em Piracicaba – SP. Para ela, Agronomia era uma possibilidade poética, pois “todo agrônomo ou qualquer outra pessoa que plante uma semente e vê uma planta nascer, tem um pouco de poeta” (BARRIGA, 2012b).

Em uma matéria veiculada ao jornal “O Liberal”, sua trajetória como engenheira agrônoma é destacada:

Orgulhando-se por ter sido uma das fundadoras da EMBRAPA/CPATU, (...) passou dez anos às voltas com pesquisas de campo, lidando diretamente com a terra e uma infinidade de sementes, até chegar a se especializar em genética e melhoramento de plantas. E foi graças à tese desenvolvida com a mandioca, a primeira de uma série de vinte publicações técnicas produzidas por ela, que Heliana descobriu sua identidade com a poesia. ‘Meu orientador de mestrado chegou a dizer-me em um desabafo que não conseguiria tirar dos textos técnicos minha linguagem poética’, relembra (...). Após tentar unir sua arte à profissão (...) resolveu abraçar de corpo e alma a música, o teatro e a poesia (...). (GOMES, 1997).

A poeta ressalta que não se interessava apenas pelo racional da terra, mas, especialmente, pelo seu movimento entre água, ar, sol e gente. Todo este movimento, para a agrônoma, era motivo de poesia. Ela conta que, apesar de muitas tentativas, seu orientador no mestrado não conseguiu eliminar a poesia de seus escritos dissertativos. HB cita Juraci Siqueira (BARRIGA, 2012b), ao dizer que ela era um caso achado e perdido de poesia. Para este, ela era uma agrônoma com o olhar de poeta e uma poeta com olhar de agrônoma. A artista produz uma arte que propõe uma união bem particular destes dois segmentos de formação, desenvolvidos no decorrer de sua vida profissional na área de Agronomia e como militante da palavra.

HB escreveu alguns textos técnicos sobre as culturas agrícolas com as quais trabalhava na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA na década de 1980, em Belém, entre eles, textos sobre o milho, segundo ela, seu bom filho, e sobre a malva⁹, uma cultura de fibra. Também escreveu, nesta mesma época, um projeto de arte para crianças, com o objetivo de estreitar os laços entre o pesquisador e a criança por meio de um elo criativo. Este seria desenvolvido com crianças que visitariam os campos de pesquisa e expressariam suas vontades em atividades de desenho e pintura. As crianças sempre foram o público-alvo da criatividade da artista.

⁹ BARRIGA, Raimunda Heliana Magalhães Pereira *et alii*. 1980. *Melhoramento genético da malva (Urena lobata L.) na Amazônia*. Disponível em: <http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/376828/1/CPATUPA9.pdf> Acessado em: 20/10/2011.

Relata que seu projeto não foi entendido por seus superiores, assim não o desenvolveu neste contexto. Em sequência de teimosia e insistência poética, no ano de 1982, lançou seu primeiro livro, intitulado *POESIA PRIMEIRA*, na Associação de Funcionários da EMBRAPA. Em seguida, pediu demissão para se dedicar de corpo, alma e intenções à poesia. HB conta que não pensava em se dedicar apenas à escrita poética, mas também, segundo ela, à poesia ação.

Em uma entrevista concedida à repórter Alethea Bernardo, da Agência Unama, em 2006, HB, ao ser indagada sobre como iniciou a carreira de escritora, responde:

(...) eu sempre fiz arte, desde criança, desde dois anos. Se você for olhar as minha fotos, são só poses artísticas. Eu sempre me envolvi com brincadeiras nos quintais. Lá em Castanhal (cidade paraense) tinha um cinema, eu ia muito, fazia show de calouros, era um ponto de encontro cultural. A casa do seu Duca também era uma casa cultural que eu ia passar o domingo só para ler livros e revistas e brincar no quintal. Eu sempre fui assim, isso não foi difícil. Difícil foi fazer Agronomia. Por que eu escolhi esta profissão? Porque pensava que ia trabalhar ao ar livre. Eu já vinha com essa tendência de liberdade desde pequena, mesmo. Eu aproveitei a minha infância não porque os adultos diziam, mas porque eu sabia e insistia nisso, era uma teimosia fértil. (*apud* BERNARDO, 2006).

A liberdade apresentada no estilo de criação lúdico-poética de HB é um aspecto da identidade profissional e artística da própria artista e da identidade de sua própria maneira de lidar com o mundo e de relacionar-se com os agentes que inspiram sua criatividade – crianças, poetas, amigos, amantes da poesia, animais e plantas -, facilitadores de sua alegria como escritora, compositora, poeta e contadora de histórias.

Em seguida, HB, ao ser questionada sobre o motivo que a fez deixar a profissão, contesta ao informar que ela é uma autora que escreve coisas da terra e procura curiosidades nela para mostrar para as crianças, portanto, segundo ela, houve um distanciamento somente do emprego formal na área, mas não da Agronomia, a qual também fundamenta o desenvolvimento de seu trabalho artístico, mas a seu modo bem particular de ver e relacionar-

se com os conceitos desta área de seu interesse e formação acadêmica (*apud* BERNARDO, 2006).

Em uma entrevista veiculada ao jornal “O Liberal”, a respeito de seu processo de criação e a relação entre arte e natureza, sobre a artista é destacado que:

Desde o início dos anos 1980, quando iniciou sua carreira, (...) busca inspiração na própria natureza. ‘Minhas músicas têm muito de verdade, não são baseadas apenas em leituras. Como sou agrônoma, tenho experiência com os costumes da roça e conheço muitos hábitos e formas de linguagens dos bichos’. Ela chegou a observar por muito tempo uma porca dormindo com seus filhotes para fazer uma música sobre eles. ‘Eu presto atenção e depois expresso o que entendi através da arte, que é a minha maneira de comunicar. (LIBERAL, 1996a)

HB conta que a música *A Porca Ronca* (CD *Letícia Coça-Coça*), foi criada a partir de uma provocação de seu filho aos dez anos de idade. Júlio Filho questionou o porquê de sua mãe-artista compor músicas de fácil memorização. A artista, desafiada, compôs esta canção na qual brinca com onomatopeias e ritmo acelerado de recitar-cantar que mais adiante teria também destaque no que a escritora intitularia de *Trava Trova Língua*. Segue, abaixo, a letra desta música:

A PORCA RONCA

A porca ronca, ron-ron-ron.
Remexe o rabo, plá-plá-plá.
Suas orelhas ficam a balançar, lap-lap.
São muitas moscas, zum-zum-zum.
Lhe cutucanto, tum-tum-tum.
Ela desliga, plim...
para roncar, ron-ron, rá.

Seis porquinhos
bem juntinhos,
pés com cabeça arrumados,
roncam, gemem,
sobem, descem,
desarrumam o amontoado.
Num sono de porco mesmo,
mas que sono agoniado.
E a porca fica a sonhar.
E a porca fica a roncar.

E a porca fica a sonhar.

E a porca fica a roncar.

Ron-ron-ron, ron-ron-ron, ron-ron-ron, ron-ron-ron, plá-plá-plá, plá-plá-plá, plá-plá-plá, plá-plá-plá, lap-lap, lap-lap, lap-lap, lap-lap, zum-zum-zum, zum-zum-zum, zum-zum-zum, zum-zum-zum, tum-tum-tum, tum-tum-tum, tum-tum-tum, tum-tum-tum, plim-plim, plim-plim, plim-plim, plim-plim, plim-plim, plim... óinc-óinc, óinc-óinc, óinc-óinc, óinc-óinc...

(BARRIGA, 1996, CD)

Desde a época que trabalhava formalmente na área de Agronomia, a poeta já valorizava a inteligência e expressividade das crianças, ao escrever poemas e demais textos para o público infantil e, compreendia que “(...) a criança tem sabedoria, expressão” (*apud* BERNARDO, 2006). Gebara afirma, à luz do poeta José Paulo Paes, que é preciso que o escritor que escreve poesias para crianças compreenda que “cabe ao poeta respeitar-se (...) ‘não subestimar a inteligência da criança, nem superestimar a sua.’” (GEBARA, 2002, p. 36).

2.1. Ludicidade e poesia na infância da artista

De fato, a infância da autora foi vivida com uma diversidade de expressões artísticas, como é possível notar em suas lembranças. Apesar de a artista destacar que não se interessava, por falta de incentivo, enquanto criança, em escrever e ler poemas, ela vivia a poeticidade advinda de sua relação com o brincar e com o se aproximar da natureza.

Em uma matéria veiculada no jornal “Diário do Pará”, em 1987, a jornalista Emily Cardoso aborda a infância da artista, que, de certa forma, apresenta fundamentos da composição artística de HB e que configuram as lembranças de sua própria infância:

Heliana tem, ou melhor, sempre teve atração pelo circo, lembranças da terra em que nasceu, Castanhal, dos tempos em que fazia teatro e brincava com os colegas e primos. De manhã cedo, fugia para o circo e ia bisbilhotar a cartola do mágico, o picadeiro, a rede do trapezista, o camarim do palhaço, da Mulher Barbada, a jaula, etc. Um dos meus sonhos, inclusive, é ter um circo para deixar aos netos, num

enorme terreno. ‘Quando a gente nasce para alguma coisa, não tem jeito...’.
(CARDOSO, 1987).

Figura 07: Registro fotográfico da performance lúdica de HB com livros presente no livro *Barriga Literária*, 2005.



Fonte: Edinaldo Silva, 2005.

Atualmente, além de compor canções, histórias e poemas, a escritora conta que tem o hábito poético de escrever *Relatórios Lúdicos* sobre suas apresentações artísticas, suas reflexões a respeito da infância e de seus processos de criação. O texto que a autora intitula de *Relatório Lúdico* tem uma relação com a arte.

Segundo HB, começou na época de um projeto da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – CENTUR que a artista frequentava no final da década de 1980 e início de 1990, *O Teatro do Texto*. Este projeto trazia poetas de outros estados brasileiros. Numa noite de apresentação, uma amiga estava fotografando este evento. Num dado momento, ela passou por HB e reparou que não havia filme em sua máquina. Então, Barriga disse: “Não te preocupas, continua fotografando que eu vou revelar!”.

Na mesma noite, em casa, a escritora revelou em forma de poema, as cenas não fotografadas. No dia seguinte, mostrou à amiga, que logo o entregou a Chacal, o poeta daquela noite. Ele adorou. E assim, iniciou a vontade de HB revelar, pelo viés da poesia, suas impressões de momentos vivenciados. Surgia mais uma inventividade desta artista paraense para registrar seu processo de criação. Ferramenta poética que utiliza até hoje após suas atividades artísticas.

A composição destes relatos lúdico-poéticos exige um ambiente favorável à escrita poética, à sensibilidade da artista e às suas emoções após cada apresentação. O *Relatório Lúdico*, segundo HB, é algo que poderia ser o próprio poema ou o texto, a letra de música, um diário de bordo pessoal, uma fotografia ou um vídeo que ela poderia produzir após suas atividades artísticas, mas vai além: é um tipo de relatório que une todos estes segmentos de uma forma lúdica pelas mãos da artista. Ele é o registro escrito de sua emoção, um álbum fotográfico poético do que se passa em suas performances. Registrar desta maneira o seu trabalho, segundo a artista, a estimula a criar e a desenvolver novos caminhos para a sua arte.

Márcio Couto Henrique (2009, p.52), a respeito da escrita de diários íntimos, discorre:

Ao trazer para o presente experiências situadas no passado, o diário como *aide-mémoire* favorece o diálogo entre tempos distintos, entre momentos diferentes da trajetória de um indivíduo, permitindo reflexão e mudança de atitude, além de conferir certa noção de ordem à vida. Tempo, memória e identidade são, portanto, etapas do mesmo processo de busca de autoconhecimento. (HENRIQUE, 2009, p. 52)

A artista, ao disponibilizar seus *Relatórios Lúdicos* a esta pesquisa, torna acessíveis fatos importantes de sua infância que comprovam sua relação, desde então, com diferentes linguagens artísticas, fundamentos de seu processo de criação e expressividade artística. As lembranças da infância de HB encontram-se registradas na *Mala Sem Fundo*, memórias da artista. De vez em quando se deslocam da calmaria de um simples lembrar para a efervescência do criar e nova criação vem a público.

Ao ter acesso aos escritos íntimos de HB e a relatos orais por meio de entrevistas semiestruturadas, a pesquisadora pode selecionar alguns relatos referentes à infância da artista com o intuito de observar e analisar os aspectos referentes à ludicidade e à poesia, que fundamentam a trajetória artística de HB, desde sua infância.

Um dos maiores sabores de seu processo de criação artística é compor legendas para desenhos infantis. Este exercício a impulsiona a se aproximar da poética da criança e a inspirar-se com suas cores, traços e referências. Huizinga (2010, p. 133) afirma que a função do poeta continua situada na esfera lúdica em que se fez surgir; ele reconhece a *poiesis*, ela mesma, uma função lúdica. É nato, nos poetas, a atitude lúdica de criar. *Ludus*, segundo este autor (HUIZINGA: 2010, p. 41), compreende os jogos infantis, a recreação e as competições.

Figura 08: Caricaturas da artista HB, por crianças da Escola de Aplicação - UFPA, 2012.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

A artista recebeu as caricaturas expostas acima em uma homenagem recebida na *Semana do Livro Infantil* da Escola de Aplicação da UFPA, em 17/04/2012, após este evento, a autora escreveu um *Relatório Lúdico*¹⁰, no qual narra algumas de suas emoções vivenciadas neste momento de alegria com as crianças e professores desta escola. No relatório, HB inicia descrevendo seu encontro com as crianças pela manhã:

Fazendo parte da programação da Semana do Livro Infantil, naquele dia, a partir das 8h30, meu encontro lúdico com as crianças no Salão Vermelho era muito esperado por elas (...). Cheguei cedo, de ônibus, dormi em Belém para isso. A Escola de Aplicação, que parece uma Universidade de gente pequena em corpo, estava calada ainda. Gosto de encontrar com o silêncio de hoje, repleto de barulhos de ontem. Eu sinto a atmosfera do processo de querências. (...) Nesses momentos eu chamo a criança da minha alma e passo a mão em sua cabeça. (RELATÓRIO, 2012)

A artista conta que estava com saudade de um encontro assim, onde existe um objetivo de qualidade com a Educação Infantil, a Inclusão, a Cultura e a valorização do autor paraense. HB descreve os seus primeiros passos naquele contexto de alegria, cultura e poesia. Ela conta que foi encontrando imagens referentes às suas obras por toda a escola. A manhã estava enfeitada de HB. A cada passo, uma nova surpresa a deixava num estado de alegria e, segundo ela, de “espantologia”. Continua descrevendo:

(...) na minha quietude concentrada, mudei minha casca lúdica, me maquiei, organizei um roteiro musical na minha cabeça embranquecendo. Este momento é sempre confuso porque são muitas músicas/histórias que querem ser apresentadas. (...) Fomos para o local do encontro, já lotado de vozes, gestos, inquietude e beleza. (...) HB rolou a efervescência das perguntas muito interessantes e novas. (...) Muitas perguntas e, grande é a curiosidade de saber sobre a autora (RELATÓRIO, 2012).

Em seguida, a artista conta que recebeu como presente, manifestações escritas e criativas dos estudantes. Segundo ela, o combustível que alimenta professores e visitantes à

¹⁰ *Relatório Lúdico* escrito por HB no dia 17/04/2012, após visita à Escola de Aplicação da UFPA – NPI, onde apresentou um espetáculo e recebeu homenagem de estudantes e professores na *Semana do Livro Infantil* desta escola.

escola e que sem ele, a educação não continuaria. Para HB é um rico presente porque eles exercitam, segundo ela, na diagonal do tempo, a escrita, o desenho, a pintura, a poesia, o desejo, a beleza, todos na linha do sentimento. A autora os guarda com alegria em sua MSF. Segundo Freire (1995, p.25), “quando a criança brinca, joga ou desenha, ela está desenvolvendo a capacidade de representar, de simbolizar. É construindo suas representações que as crianças se apropriam da realidade”.

Já no palco, quando passou a receber as crianças dentro de sua alma criativa e feliz, a artista vivenciou suas canções e histórias escolhidas por elas. HB relata que após o espetáculo foi acompanhada por várias crianças à sessão de autógrafos, que ela descreve como uma viagem pelos cadernos bonitos daquelas ou por pedacinhos de papel conquistados no momento do entusiasmo ao conversar com a artista. A escritora conta que souou bastante aquela poesia e não cansou de autografar e olhar cada criança entusiasmada.

A poetisa ressalta que as crianças devem ser assessoradas por professores interessados e que não devem mais ser solitárias em suas infâncias produtivas. Segundo a autora, os professores devem ouvir o que as árvores pelos caminhos dos estudantes escutam sobre suas ânsias lúdico-poéticas próprias da infância.

Após relatar o espetáculo e as brincadeiras vivenciadas em sua visita lúdico-poética e a homenagem recebida na Semana do Livro Infantil da Escola de Aplicação da UFPA, HB parabeniza a equipe da escola por este, segundo ela, sublinhado com essências de humanidade que reuniu crianças, adolescentes, professores, coordenadores, diretores, pessoal de apoio, pais e a escritora que acredita na qualidade de vida integrativa na educação.

Também sobre a relação entre poesia e ludicidade, o poeta José Paulo Paes (*apud* CADERNOS, 2010) escreveu em seu poema *Convite*, no livro *Poemas para brincar*, “Poesia/ é brincar com palavras/ (...) quanto mais se brinca/ com elas/ mais novas ficam./ (...) Como

cada dia/ que é sempre um novo dia. Vamos brincar de poesia?”. HB considera a palavra um brinquedo para ser brincado pelas crianças.

A poeta, ainda menina, gostava de vagar pelas ruas de barro com poças de lama espalhadas pelo chão, quando chovia. Achava seus sapatos intransponíveis. Conta que o cheiro daquela lama parada ainda mora na memória de suas narinas. Foi naquela época que começou a enxergar mais, pois começou a sentir deficiência visual. Lembra-se das ruas largas e extensas, sendo preparadas para um futuro asfaltamento e diz que seus olhos iam além, pois sabiam de cor cada pedacinho da cidade aonde ia passando e observando cada detalhe. Nas caminhadas de casa à igreja e vice-versa, tinha vontade de ir parando em tudo. Afirma que nunca andou depressa. O poeta é um ser errante que vaga pelos caminhos à procura de elementos sem sentido e sem importância. Quanto menos serventia tem, mais significativo é para o poeta e para a composição de sua poesia. A menina HB já manifestava esta característica desde a sua infância.

Rubem Alves, em *Pedagogia do Caracol* proposta por Gianfranco Zavalloni, escreve em seu livro *Ostra feliz não faz pérola*, em 2008, as seguintes linhas que, de certa forma, dialogam com os exercícios de ludicidade propostos pelas obras de HB e também pelo seu olhar poético, que, ao se deslocar no mundo, sente cada mínimo elemento em seu corpo como anúncio de uma inspiração:

Os caracóis não sabem o que é pressa. E ele (Gianfranco Zavalloni) conta de um curso de formação de professores do Gruppo Educhiamoci ala Pace di Bari sobre o tema ‘Na companhia do ócio, da lentidão e da poesia’. Sugere que no cotidiano dos professores com as crianças deveria haver tempo para simplesmente jogar conversa fora, conversa que não quer ensinar coisa alguma. Simplesmente ouvir as crianças é coisa muito preciosa. Elas aprendem que são importantes e que é importante ouvir as outras. Caminhar, passear, andar a pé, observando as coisas ao redor. Contemplar as nuvens. Escrever cartas e cartões a lápis ou caneta; não usar os *e-mails*. Plantar uma horta. Plantando uma horta, as crianças aprendem sobre os ritmos da natureza. Quem observa os ritmos da natureza acaba por ganhar equilíbrio pessoal. Plantar uma horta talvez seja uma terapia mais poderosa que a dos consultórios. A velocidade é o ritmo das máquinas. Mas nós não somos máquinas. Somos seres da natureza como os animais e as plantas. E a natureza é sempre vagarosa. É perigoso

introduzir a pressa num corpo que tem suas raízes na lentidão da natureza”. (ALVES, 2008, pp. 137-138).

Aos sessenta e três anos, HB analisa aspectos referentes ao seu olhar e, assim, destaca uma relação com a maneira como percebe a ambiência desde criança, como foi exposto acima. Em uma entrevista¹¹ cedida a esta pesquisa, em 13 de abril de 2012, ela discorre a respeito de seu modo de ver o mundo:

(...) Eu nunca enxerguei cem por cento, mas enxerguei o que eu queria enxergar e transformei em criatividade. De certa forma, eu transformei. Então, eu me acostumei a olhar, a me basear pela cor. Em Castanhal, eu fui criada lá, não tinha esse problema, porque eu vivia em comunhão com a natureza. Então, olhando a chuva, as folhas, as coisas, tudo de pertinho. Mas quando eu vim para Belém, comecei a sentir realmente o problema, porque era muita informação visual (...). Óculos, por ser uma criança de Castanhal, comecei a usar óculos com seis anos, eu dependia de Belém para vir fazer exames. Lá em Castanhal não tinha oftalmologista e também não tinha vendas de óculos. Mas os óculos do meu tempo de criança eram uns óculos enormes, eram uns modelitos interessantes... de feios! Eu sempre desejei óculos pequenos, mas foram surgir eu já com cinquenta anos, nos anos 2000. Então, eu também dependia financeiramente dos meus tios para comprar os óculos e eles também os escolhiam, e o gosto deles não parecia com o meu, mas eu aceitava porque eles pagavam óculos para mim. Então eu lembro que uma vez um tio meu decidiu colocar grau nos óculos escuros, mas eram óculos enormes que eu pequena, magrinha, eu sumia atrás dos óculos. Então foi passando isso e não quer dizer que eu não enxergasse, eu enxergava, então eu tinha um pouco de vergonha também de usar óculos, e eu, às vezes, usava muito na minha bolsa. Depois, mais velha e amadurecida que a gente vai precisar de óculos mesmo. Então, eu usava muito na minha bolsa. (BARRIGA, 2012e).

Em seguida, a artista conta o quanto valoriza as possibilidades poéticas favorecidas pela condição de sua visão, ao refletir sobre este aspecto referente ao seu processo de criação:

(...) através das árvores, eu enxergava bailarinos. Há pouco tempo lá na Oikos onde eu moro, eu enxerguei um bailarino dentro do pé de Pião-roxo. Aí eu vou atrás dessa viagem. Aí, toda hora que eu passo por lá eu tenho que ver aquele bailarino. E eu também educo a minha visão com óculos através da minha visão sem óculos. Eu passo a ver o bailarino com meus óculos (...). E eu sinto até um arrepio quando eu vejo essas coisas que já conduz para o meu trabalho com a poesia (...) (BARRIGA, 2012e).

¹¹ BARRIGA, Heliana. Entrevista cedida à pesquisadora Cecília Barriga, em 13/04/2012. Disponível em: Acervo pessoal da pesquisadora. Belém, 2012e.

C.P. Barriga, a respeito de um pensamento interessante de Manoel de Barros apresentado em sua participação no filme de João Jardim e Walter Carvalho, *Janela da Alma*, analisa:

Manoel de Barros, poeta mato-grossense, ressalta no filme *Janela da Alma*, que enxerga mais com o seu sentimento primitivo do que com os olhos de enxergar. Para criar, o poeta transfigura a realidade a partir de sua imaginação e acredita que esta é a principal ferramenta do artista. A imaginação, segundo ele, é que transfigura o mundo (C.P. BARRIGA in MARTINS & CARDOSO, 2012a, p.77).

Em seguida, a autora relaciona este pensamento ao conceito de *conversão semiótica* proposto com Paes Loureiro:

Transfigurar o mundo remete ao conceito de *conversão semiótica* proposto por Paes Loureiro. Este conceito para o teórico designa uma 'passagem modificadora da qualidade dos signos (...) como resultado da alteração da dominante em um contexto cultural ou passagem a outro contexto. (C.P. BARRIGA in MARTINS & CARDOSO, 2012a, p.77).

HB continua explicando sobre sua facilidade em desenvolver projetos durante o dia e discorre sobre as especificidades que esta escolha proporciona em sua criação artística:

À noite, por exemplo, hoje em dia, eu já tenho problemas à noite, então eu faço mais as coisa durante o dia, principalmente pela manhã, com a luz do sol que eu enxergo muito melhor e à noite eu já tenho o problema, assim, de insegurança, principalmente quando eu venho para Belém, eu tenho que saber direitinho onde eu pego os ônibus porque pela a cor já fica mais complicado eu ver a cor dos ônibus. Então eu procuro pegar numa parada certa para eu não ter problema de insegurança. Eu prefiro fazer mais os meus projetos durante o dia que eu não tenho esse problema, né? Então eu vou levando assim. Eu passei a usar a minha criatividade, a transformar essa falta de visão, eu também consigo muitas coisas com a poesia, com a ilustração, com a plástica. Para mim não é um problema. Eu consigo ser feliz nessa percentagem de visão que não é cem por cento. Então eu consigo ir nessa minha trajetória como artista, como poeta e transformando em música e em histórias. (BARRIGA, 2012e)

Já no trecho intitulado *Brincadeiras de Porta*, a poeta relembra a identidade lúdica construída em sua própria casa. Nestas linhas a artista relata as seguintes experiências:

Graças a Deus naquele tempo não existia TV ou computador. Digo isto porque ficávamos juntos na porta de casa conversando, brincando, contando causos, comendo frutas, rindo. A TV inicialmente, e mais recentemente o computador, afastaram as pessoas daquele convívio estimulador de antigamente. Aquele encontro após o jantar e após a louça lavada era sagrado. Sempre tinha um agente estimulador naquelas rodas e a nossa tinha a Maria, cria da casa e nossa segunda mãe. A Maria

era a gente maravilhosa, pois gostava de inventar mentiras, sonhos, histórias com a gente dentro. Ela mexia com Deus e o mundo, ria com uma risada gostosa de suas doidices, que enganavam a ela própria. Mas juntava gente naquelas rodas, minha senhora! Mas a Maria dava corda em quem a pegasse, aumentava as notícias. Ela mexia e aprontava com Deus e o Mundo! Que saudade dela! Que Deus a tenha. (BARRIGA, 2012b)

Em contiguidade ao exposto acima, Celso Sisto, em relação à arte de contar histórias, acredita que “quando se conta uma história começa-se a abrir espaço no pensamento mágico” (SISTO, 2001, p. 31) e também que

a palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal. Não é mais o tempo cronológico que interessa e, sim, o tempo afetivo. É ele o elo da comunicação. (SISTO, 2001, p. 31).

Em relação ao fato do homem, como também a criança contemporânea, não ter mais tanto tempo disponível e interesse para brincar livremente como sugere a ludicidade, a contação de histórias, ou ler um livro, sem a obrigatoriedade de lê-lo, tão-somente, para uma tarefa profissional ou escolar. Atualmente, falta tempo para ler por diversão. A respeito deste aspecto, Gebara discorre nas seguintes linhas:

A atitude em relação à leitura hoje mudou, os apelos são outros e a valorização de um hábito solitário e de reflexão parece ser incongruente com tempos em que o consumo estabelece os períodos que podemos gastar com cada atividade, cuja aplicação prática deve ser imediata. Assim se algum texto é escolhido, provavelmente terá como função primordial a informação e será condensado para que a interação ocorra num período reduzido de tempo, garantindo produtividade certa. (GEBARA, 2002, p. 21)

No entanto, Stephen Nachmanovitch, em relação à ludicidade e à capacidade da criança, ou a própria pessoa humana, de brincar com qualquer objeto, discorre:

A mente criativa brinca com os objetos que ama. O pintor brinca com a cor e o espaço. O músico brinca com o som e o silêncio. Eros brinca com os amantes. Os deuses brincam com o universo. As crianças brincam com qualquer coisa em que possam pôr as mãos. (NACHMANOVITCH, 1993, p. 49)

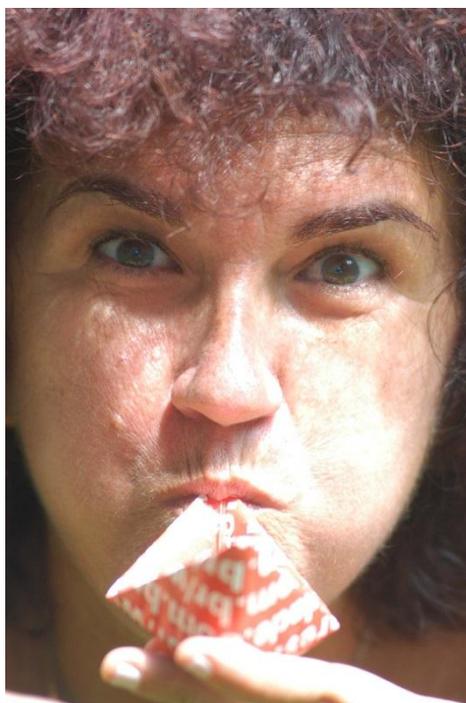
HB continua a narrar sobre as brincadeiras vivenciadas na porta de casa:

Na porta, a gente brincava de anelzinho, cai do poço, rodas, pulávamos corda, macaca, bandeirinha, cemitério, pira alta, pira se esconde, peteca (bola de gude), bola, ensaiávamos quadrilha, cantávamos, eu tocava sanfona, etc. Foi na porta que conhecemos o teatro com o meu pai, quando retornava do trabalho se fingindo de bêbado e nós o abraçávamos chorando, acreditando, e nós nunca o vimos tomar um só gole de bebida (BARRIGA, 2012b)

Helena Mauro e Regina Coelho, a respeito da essência lúdica da criança e elemento que também está presente na identidade artística da autora sujeito-objeto deste estudo, ressaltam que

a criança é essencialmente um ser 'brincante'. Ao brincar, ela cria, exercitando sua capacidade de se relacionar, de se conectar com suas motivações e, por isso, é divertido. É através dessa carga afetiva que nasce o desejo da comunicação, permitindo, assim, o desenvolvimento de todas as possibilidades de expressão. (MAURO; COELHO *apud* CARVALHO, Alysson et al., 2009, p. 184)

Figura 09: HB brincando com um barquinho de papel.



Fonte: Edinaldo Silva, 1990.

HB continua a relembrar fatos de sua infância. Na parte em que relata sobre *Bolinhas de Sabão*, a poeta utiliza sua poética para narrar este momento enquanto criança:

Tudo em silêncio. Meus gestos, meus sons, minhas vontades e o domingo à tarde. O meu anjo da guarda me ajudava a subir, e eu, quase no pôr-do-sol, subia para o telhado, me sentava na “cocuruta” das telhas emendadas e soltava bolinhas de sabão. *Bolinha de Sabão* era uma música que tocava no momento, e eu tinha vontade de viver a letra daquela canção. Arquitetei tudo sozinha e fiz o teatro da música no telhado, me deliciando ao ver as bolinhas caindo nos degraus imaginários da escadaria do domingo. (BARRIGA, 2012b)

Continua dizendo que tinha outro desejo infantil, o de interpretar uma cena da revista *O Gato Felix*, quando ele subia na janela, pegava o guarda-chuva preto, o abria e o segurava bem no cabo, e saltava com ele pela janela. Saía voando e olhando tudo de cima. Ela cansou de fazer aquela experiência, de janelas baixas, não do telhado, mas nunca conseguiu. Continua nas seguintes linhas:

Quando a gente é criança, a gente não tem medo, e se arrisca em experiências que nos façam crescer. Quando dá certo como aquela das bolinhas de sabão, que alegria. Pior é que a gente não podia repartir com pessoas interessantes, os adultos, e não podia, senão ia pegar o maior carão, ou castigo. Melhor era guardar em silêncio, ou rir para o espelho mais próximo, e depois transformar o bom resultado da experiência em algum texto. (BARRIGA, 2012b)

Os momentos mais lúdicos vivenciados em sua infância estão expressos em *O Circo do Quintal*. Nesta época, HB já estava na adolescência e morava com sua família no bairro de São Francisco, em Castanhal. Em frente à sua casa, havia um terreno aos fundos da Igrejinha e atravessando este terreno, ficava o quintal onde se situava o negócio de seu pai. Lá, ele revendia botijões de gás. Descreve que uma parte do terreno era livre, com árvores e havia um grande espaço para que executassem suas brincadeiras. Havia uma mangueira que dava *mangas bacuris*, que as crianças saboreavam ainda verdes, com sal. Embaixo daquela mangueira era onde acontecia a nova brincadeira: O circo de lençóis e redes de casa. Sua mãe só permitia aquele circo pela parte de manhã, pois, à tarde, sempre chovia e, assim, molharia

seus lençóis e redes. As crianças, nessa brincadeira, chamavam o circo de *Grand Circo Magalhães*, sem cobertura e com arquibancada em forma de círculo.

HB sempre era a mais animada das crianças e organizava quase tudo: da música com músicos de verdade, trapézio, picadeiro e muitas atrações. Ela diz que envelhecia devido as suas chateações com a irresponsabilidade de alguns artistas, mas conta que valia a pena marcar as suas infâncias com aquela brincadeira. Havia a participação dos músicos Danilo de dezesseis anos, no violão, Heliana de quatorze anos, no acordeom, Jurandir de 10 anos, como trapezista, Conceição de onze anos, como a Mulher Borracha, Otávio de 10 anos, como o Homem Biombo, Sérgio de 12 anos, como o Homem do Chicote, Waldinho de oito anos e Walbinho de três anos, como palhaços e Mundinho de 18 anos, como o Rei do Rojão. Segundo Barriga, aquela brincadeira marcou a vida de toda a vizinhança da Igreja de São Francisco, e a sua principalmente. Já em sua fase de artista-educadora, essa brincadeira evoluiu para a Oficina *PALAVRAS DE CIRCO*, desenvolvida em escolas da Zona Bragantina.

Em *Férias com Arte em Santa Izabel*, Heliana Barriga conta os momentos passados na casa de sua tia Rosita, no município de Santa Izabel do Pará, próximo a Castanhal. Ela era irmã caçula de seu pai. Casada e mãe de oito filhas, era a tia com quem HB mais adorava passar suas férias escolares, isso, para ela, era o melhor presente que poderia receber. Sua tia dava liberdade para brincar e ser feliz o dia inteiro e até à noite, como fazia com suas próprias filhas. Sua casa era imensa, de dois andares, com uma escada, segundo ela, maravilhosa, despensa farta e em cima, havia dez quartos. Mais acima, havia uma laje que acreditava que dava até para descer helicóptero. Lá em cima, entrando pela portinha do forro, brincavam de “cemitério”. Lembra que valia a pena descer inúmeras vezes para pegar a bola no quintal inclinado. Nos fundos deste, havia um igarapé que passava ali e corria para a vizinhança da pista da BR 316. Já adulta, HB conta que escreveu para aquele córrego: “Neste igarapé já

correu água com o gosto de mim”. Ambiente aparentemente comum que, aos olhos criativos da menina, transforma-se em beleza.

Havia, no quintal, próximo ao igarapé, uma construção de madeira que seu tio havia mandado construir, e parecia um palco ou um trapiche. Era ali onde as nove garotas e mais algumas amigas passavam horas lavando louças. No quintal, brincavam de várias brincadeiras e, no igarapé, brincavam de nadar por baixo da água e tantas outras brincadeiras na água. Por cerca de uns três anos, HB conta que trabalhava na Clínica Policlínica, em Santa Izabel, e que quando caminhava entre a BR 316 e o seu local de trabalho com Arte e Saúde, fazia questão de passar bem perto daquele igarapé, que atualmente é, segundo ela, um fio de água. Passava por ali só para rezar uma oração por sua infância feliz.

A escritora lembra que a mesa de refeições da casa de sua tia Rosita era um local de aprendizado de Língua Portuguesa. Conta que se alguém falasse errado era imediatamente criticado e consertava logo suas falhas. A família era dona do único cinema da cidade. Conta que brincavam de teatro, shows e cinema lá no palco. À noite, ela ajudava suas primas a tomar conta da bilheteria e da organização, assim, assistia a todos os filmes de graça. A casa de sua tia, assim como o cinema, se situava na praça, em frente ao Mercado Municipal. Lembra que, aos dez ou onze anos de idade, tocou a sanfona de um velho sanfoneiro cego neste mercado e ganhou algum dinheiro para ele. Quando as férias acabavam, ela confessa que não queria mais voltar para sua casa.

As lembranças citadas acima e tantas outras que compõem a memória da artista, contribuem constantemente com o seu processo de criação lúdico-poética e estão presentes na relação intertextual da conjuntura formada pelas suas obras. Para quem possa ter oportunidade de ter contato com mais de uma obra de HB, provavelmente irá perceber caminhos que se inter cruzam anunciando a identidade intertextual do processo de criação literofonográfico da

artista. Para criar sua poética, HB revivifica a trajetória lúdico-poética de sua própria infância ao criar poeticamente uma relação entre arte e natureza.

2.2. Poética de Heliana Barriga

Após lançar seu primeiro livro, em 1982, recebeu a sugestão de escrever para o público infantil. Nasceram, então, os textos *A Abelha Abelhuda*, *A Perereca Sapeca*, *Minha Historinha* e *A Anta Antonia*, todos editados pela editora FTD, de São Paulo. Desistiu de uma viagem para o doutorado na Inglaterra para se dedicar aos seus livros e à sua poesia. HB conta que se tornou escritora, poeta e compositora concomitantemente. Nesta fase, a escritora prosseguiu a criar poemas sobre a terra, histórias e músicas infantis, textos para teatro infanto-juvenil e músicas para o público adulto. Em 1987, estreou no Theatro da Paz, em Belém, o espetáculo infantil de sua autoria intitulado *Mala Sem Fundo*, para o qual compôs o texto teatral e a trilha sonora.

Figura 10: Matéria do *Diário do Pará* apresentando a obra MSF de HB, 1987.



Fonte: Extraída do acervo pessoal da artista HB, 2012.

Como poeta, iniciou sua carreira ao lançar em Belém, em 1982, seu primeiro livro intitulado *Poesia Primeira*. Desde então, lançou de maneira independente e com editoras locais: *Mãe Amor*, *Naturomem*, *Um Amor de São João*, *Antologia de Poetas Brasileiros*, *Terra Mulher*, *Balada de Frutas*, *Levanta o Pau Acende a Fogueira*, *Jogo do Bicho*, *Índio*, *Mala Sem Fundo Um lugar de Ilustrar*, *O Livro da Malta*, *Luz*, *O Livro da Malta III*, *Trava Trova Língua*, *Monga*, *Barriga Literária*, *Acredite Quem Quiser*, *O Livro do Palhaço*, *O Livro da Bruxa*, *Mala Sem Fundo*, *Parque de Diversão de Palavras*, *Claria* e *Tratado Acerca das Flores*.

Com uma obra consolidada ao longo de trinta anos, HB é uma escritora infantil reconhecida nacionalmente, seus livros integram o acervo de leitura de crianças de diversas escolas brasileiras. A escritora lançou *A Perereca Sapeca*, *A Abelha Abelhuda*, *Minha Historinha*, *A Anta Antônia* com a editora FTD de São Paulo; *De Cabeça para Baixo* com a editora Lê de Minas Gerais; *A Galinha dos Ovos de Cristal* e *Azulzinho* com a editora RHJ, também de Minas Gerais.

Figura 11: Performance de HB, *Arte da Palavra, Palavra da Arte*, 2010.



Fonte: Site da artista HB, 2012.

Como artista na área de música, participou como compositora e cantora em suas seguintes obras fonográficas: *Mala Sem Fundo* (Vinil) e CDs *Letícia Coça-Coça*, *A Filha do Jabuti*, *Se Eu Fosse Você Eu Brincava*, *Ecológico Urbano*, *Curupiras Ambientais*, *Monga: A Mulher Gorila* e *Oikos Tis Poesias: Música, Planta e Poesia*. O projeto de CD *Letícia Coça-Coça* de financiamento colaborativo entre admiradores da obra de HB em 1996, evoluiu para um livro de mesmo título, produzido em 2012 em parceria com a Imprensa Oficial do Estado do Pará - IOE. O livro-encarte *Letícia Coça-Coça* (com CD incluso) teve seus lançamentos nos estandes da IOE e dos Escritores Paraenses na XVI Feira Pan-Amazônica do Livro, em Belém. Este projeto evoluiu de uma parceria entre amigos admiradores para uma parceria familiar, tendo sua filha Letícia Barriga, a musa inspiradora da obra, Nairama Barriga, a ilustradora e Cecília Barriga participando na edição e revisão do livro-encarte e em contribuições lúdicas. Ela conta que seus filhos, desde suas infâncias, são exímios atuantes e provocadores de seu processo de criação.

A poesia na vida e obra da artista desempenha um papel vital que sustenta tanto suas relações profissionais quanto familiares, pessoais, artísticas, como também, as relações de divertimento e lazer da poeta. Com poesia, a escritora se comunica com as crianças, com os leitores e admiradores de seus trabalhos, com seus filhos e netas e, também, com toda a natureza que a circunda, em circo de inventividade e diversão com palavras e gestos.

Figura 12: Show de HB, com participação de Diogo Rezende nos teclados, Estação das Docas, 2010.



Fonte: Site da artista HB, 2012.

Atualmente, a artista considera que a inspiração poderá vir naturalmente ou também de forma direcionada. Relata (*apud* BERNARDO, 2006) que já se encontra em uma fase em que não procura mais a palavra, haja vista que é a palavra quem a procura. HB discorre acerca de seu processo de criação:

(...) eu tenho os meus segredinhos, que eu não posso revelar. É uma coisa muito minha, da minha relação com a minha própria escrita, que não está em livro, nem nada. É uma coisa que eu acho fantástica, porque eu busco, e essa minha relação com a infância é muito forte, porque eu trabalhei muito isso, inconscientemente ou não. Quanto mais experiências diferentes, por exemplo, eu estou acostumada a andar em linha reta, mas a literatura só aparece se eu começar a *curvalizar* esta linha, e eu

procuro mesmo. Nos momentos e situações mais variadas, eu faço um mundo de diversas maneiras pra poder encontrar a arte nele. Tudo certinho, em ordem, a gente não consegue tirar arte (*apud* BERNARDO, 2006).

A semelhança de HB, acerca da arte não ser possível ser obtida em algo cem por cento em ordem, Manoel de Barros, em um momento de criação poética, discorre: “(...) Passei anos penteando e desarrumando as frases. Desarrumei o melhor que pude (...)” (BARROS, 2010, p. 305). O poeta também acredita que “(...) Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer nascimentos – O verbo tem que pegar delírio”. (BARROS, 2010, p. 301). E desta forma, em contínuo desequilíbrio e desordem, ocorre à gênese do processo de criação da escrita de HB, pois “as coisas sem importância são bens de poesia” (BARROS, 2010, p. 148). E é com essas incontáveis desimportâncias que Heliana não se cansa de demonstrar a quem tem olhos de ver, mente e coração abertos, que o mundo, quando olhado com atenção e um tanto de poeticidade, é muito mais belo do que aparenta ser.

Plaza afirma que “é pelos sentidos que os homens se comunicam entre si” (PLAZA, 2010, p.45). Mais adiante, ele complementa, ao dizer que “o homem, para sobreviver, começa a transmutar o mundo em signos, em palavras e imagens, tomando posicionamentos e delineando as fronteiras da realidade em nosso entendimento”. (PLAZA, 2010, p. 46). É sob essa tônica, ou esses princípios que as vivências na OTP se tornam uma grande experiência sinestésica. O autor continua, em relação ao que considera acerca de sinestesia,

a palavra ‘sentidos’ é tão enganosa quanto o conceito de ‘sensação’, pois não existem sentidos departamentalizados, mas sinestesia como inter-relação de todos os sentidos. A sinestesia, como sensibilidade integrada ao movimento e inter-relação dos sentidos, garante-nos a apreensão do real. Os receptores no ouvido interno nos informam da nossa posição em equilíbrio durante o movimento, assim como a posição da cabeça e corpo. Os receptores do tato instalados na pele, nos informam constantemente das qualidades do ambiente e, sobretudo, o movimento sacádico dos olhos está coordenado com o movimento e a manipulação de objetos no mundo (PLAZA, 2010, p. 46)

Em seu site¹², a artista estimula momentos poético-ecológicos aos visitantes de sua residência: amigos poetas, artistas, pesquisadores, professores, amantes da palavra e crianças, enfim, pessoas sensíveis ao valor da natureza e da poesia são todos bem-vindos aos processos de criação proporcionados no espaço virtual também. A casa funciona como um espaço cultural destinado a encontros com a artista, onde os visitantes têm a oportunidade de dialogar com a autora sobre suas obras e de desenvolver oficinas de poesia, artes plásticas, teatro, danças, ecologia ou música.

¹² BARRIGA, Heliana. 2013. “Heliana Barriga: Arte Atrevida é Vida Tear é Arte Vida!”. Disponível em: <http://www.helianabarriga.com.br/sitesed/servico_02/> Acessado em: 26/06/2013.

Figura 14: Fachada da OTP, 2011.



Fonte: Nairama Barriga, 2011.

A OTP é um espaço de liberdade. Onde, segundo HB, se faz arte por prazer. Sua residência é um ambiente de interação entre arte, poesia e natureza a partir do cheirar, do tocar, do ouvir, do enxergar, do se deliciar e do amar. Este espaço é uma extensão da *Casa De Ser Feliz* – doravante CSF -, antiga residência e espaço de criações artísticas da artista-educadora.

Pessoato (2012), poeta e integrante, assim como a escritora, da *Malta de Poetas Folhas & Ervas*, ao lançar um livro em homenagem à CSF de HB, diz que “o ouro que sai da mala revela um valor profundo: é o sorriso da criança, capaz de mudar o mundo. E o mundo cabe na sala da casa de ser feliz, pois a boca é sempre aberta ao que se faz ou se diz” (PESSOATO, 2012, p.17). O sorriso da criança citado pelo autor é a alma da própria residência da autora, como, também, o entusiasmo, a criatividade e aspecto lúdico próprios da infância compõem o laboratório de criação da artista.

Em uma matéria veiculada no jornal “A Província do Pará” (1997), HB apresenta sua CSF como uma espécie de estúdio de criatividade. Nesta residência, a artista desenvolveu seus trabalhos artísticos, ensaios abertos, oficinas e também recebeu visitas lúdico-poéticas de amigos poetas, artistas, pesquisadores, professores, crianças e amantes da palavra, do teatro,

da literatura, da música e de tantas outras linguagens artísticas vivenciadas neste laboratório de criação de HB. A CSF funcionou, de 2003 a 2009, em Belém, nos respectivos bairros: Campina, Pedreira e Canudos; e no município de Castanhal-PA.

Localizada às proximidades da Praça da República, em Belém, e do Teatro Experimental Waldemar Henrique, a CSF acolhia em seu andar térreo um salão para os encontros de animação líteromusicais para crianças e contação de histórias com contadores convidados. Aqueles eventos aconteciam de preferência nas manhãs de domingo.

Geralmente, nas tardes de sábado, aconteciam shows de poesia e música para adultos com o título *Poeme-se*, inspirado no nome de uma livraria que a autora conheceu em uma de suas viagens à cidade São Luís-MA. Nas demais dependências térreas, funcionavam o *Clube do Livro*, a *Brinquedoteca*, a *Casa da Bruxa*, a *Farandolinha*, esta última também inspirada em outra viagem da artista, mas desta vez à Olinda-PE, onde há um restaurante chamado *Farandola*, e a *Oikos*. A artista manteve estes espaços com o intuito de deixá-los constantemente abertos para visitação, ensaios de bandas e de amigos artistas, em geral.

Havia espaços destinados a oficinas de literatura, com produção de textos e contação de histórias, encontro com brinquedistas e pesquisadores, desenhistas, pintores, fotógrafos, dançarinos, músicos, com oficinas constantes e encontros sobre arte. Era um espaço de criação constante da autora, alimentando seu trabalho itinerante de apresentações em escolas, creches, bibliotecas, hospitais, feiras de livro e tantos outros que convidam a *Mala Sem Fundo* e a artista para a promoção de momentos de arte, ludicidade e poesia.

Figura 15: Registros da visita das pesquisadoras Izabel Sampaio e Socorro Ribeira à CSF, 2006.



Fonte: Anexos *in*: RIBERA; SAMPAIO, 2006, pp. 68-69.
Composição editada por Cecília Barriga, 2013.

A CSF funcionava também como um espaço de exposição de objetos e instrumentos musicais utilizados em seus shows e de livros e álbuns fonográficos lançados pela autora. Era um local de encontro com professores com o objetivo de alimentar suas práticas pedagógicas com a poesia e a ludicidade das obras criadas por HB.

A casa diminuiu muito de tamanho ao mudar de bairro e, por isso, passou a não mais receber turmas de crianças, somente professores, universitários, pesquisadores e artistas, em um número bem mais reduzido a cada visita. Passou a ser somente um ambiente de criação da autora e, também, sua biblioteca/brinquedoteca e um local para os ensaios de sua banda formada pelos artistas Vilma Monteiro na percussão, Nide Braga no contrabaixo, HB na voz e no acordeom, e Júnior na baterista.

No ano de 2006, a CSF se mudou para a Rua Lomas Valentinas, funcionando em um quarto dentro da sede do *Ponto de Cultura Iaçá*. No ano de 2008, se mudou para Castanhal,

em um quarto na residência da mãe da autora e, em 2009, se mudou novamente para Belém, agora no bairro de Canudos, onde funcionava somente como local de criação e ensaios da autora e seus grupos de música e poesia.

Em 2010, a CSF transmutou-se em um ambiente de criação artística com natureza, ludicidade e poesia, com a construção de sua própria residência construída pelas vendas de suas produções literofonográficas, agora, chamada de OTP. Esta residência está situada no bairro Betânia, às proximidades de Igarapés, no Distrito de Apeú – cenário da infância da artista -, em Castanhal-PA.

3.1 Cheirar, tocar, ouvir, enxergar, se deliciar e amar na residência da artista

Ao construir a OTP, a artista HB aproximou-se de um antigo desejo relatado em uma entrevista veiculada no jornal “*Diário do Pará*” (CARDOSO, 1987), na qual cita que “se pudesse, viveria com as plantas, as crianças, os animais, com a poesia”, acrescenta que, com esta vida, “a gente sente no corpo aquela vibração, porque sempre estamos em estado de poesia (...)” (CARDOSO, 1987). Em sua atual residência e laboratório de criação artística, HB vive com simplicidade, bem mais próxima a natureza, de modo que interage com ela a partir da poesia e da ludicidade próprias das crianças.

Figura 16: A Artista, Engenheira Agrônoma e Mestre em *Genética e Melhoramento de Plantas*, HB, vivenciando com simplicidade a natureza na OTP, 2011.



Fonte: Nairama Barriga, 2011.

Neste espaço, a artista vivencia, diariamente, os diversos estímulos sensoriais, a partir de seus órgãos emissores e receptores, os quais são responsáveis pelo cheirar, tocar, ouvir, enxergar, se deliciar e pelo amar. HB é uma militante da palavra que vive em seu próprio processo de criação, sem dissociar a vida íntima da vida profissional. Atualmente, a autora vive no principal cenário de sua produção artística. HB, à semelhança do poeta Manoel de Barros, tira poesia das coisas sem importância, das folhas caídas ao chão, das formigas atarefadas em seus afazeres, dos galhos despencados das árvores, seja por velhice ou por mãos dos homens, tudo o que está à sua volta e nos entornos por onde passa, tudo se transforma por seu olhar poético, seu jeito sapeca-feliz de ver o mundo, tudo para HB é motivo para brincar com as palavras, rimar ou não, cantar, dançar!

Manoel de Barros, no poema *Olhos Parados*, assim como o convite feito por HB nos momentos imersos pela beleza da natureza na OTP, destaca nas seguintes linhas a relevância de

sair andando à toa entre as plantas e os animais. Ver árvores verdes do jardim. Lembrar das horas mais apagadas. Por toda parte sentir o segredo das coisas vivas. Entrar por caminhos ignorados, sair por caminhos ignorados. (...) Olhar, reparar tudo em volta, sem a menor intenção de poesia. (BARROS, 2010, p. 59).

A OTP também é reconhecida, neste estudo, como uma obra lúdico-poético-ambiental de HB, sendo reconstruída a cada dia, pelos sentidos da autora e dos seus visitantes – pessoas que, segundo ela, se interessam em crescer por dentro e por fora com as sensações e improvisos incitados pela natureza -, haja vista que “a improvisação permite que o indivíduo se perceba por dentro e por fora, colocando-se diante de suas inquietações em relação a ele mesmo e ao mundo.” (GOMES *In*: GERAL, 2009, p. 64).

Figura 17: HB escrevendo ludicamente na varanda da OTP, 2010.



Fonte: Edinaldo Silva, 2010.

Ao se permitir uma vida na qual os sentidos, sentimentos e sensações são estimulados pela natureza, a pessoa humana vive em equilíbrio com sua sensibilidade e querências. É o caso da vida da artista HB. Ao viver a partir desta perspectiva de reaproximar-se cada vez mais do que permitirá o seu bem-estar em contato constante ao brincar com a natureza e com a poesia.

Manoel de Barros, poeta mato-grossense, transcreve algumas querências do poeta em relação à natureza, o que faz compreender a próprio fundamento da poética de HB:

Eu queria fazer parte das árvores como os
Pássaros fazem.
Eu queria fazer parte do orvalho como as
Pedras fazem.
Eu só não queria significar.
Porque significar limita a imaginação.
E com pouca imaginação eu não poderia
Fazer parte de uma árvore.
Como os pássaros fazem.
Então a razão me falou: o homem não
Pode fazer parte do orvalho como as pedras
Fazem.
Porque o homem não se transfigura senão
Pelas palavras.
E isso era mesmo.
(BARROS, 2010, p. 465)

HB dedilha sua inspiração em cada letra escrita em seus poemas, tateia a cada sílaba o seu próprio sentir e se delicia em cada palavra ao compor um pensamento poético, ao cheirar, ao enxergar, ao ouvir e ao amar com o auxílio da natureza e de seus silêncios na OTP.

Manoel de Barros acredita que a poesia terá fim quando o nada desaparecer, para ele “só o silêncio faz rumor no voo das borboletas” (BARROS, 2010, p. 475) e mais adiante continua, em outro poema, ao constatar que “com as palavras se podem multiplicar os silêncios” (BARROS, 2010, p. 477).

HB, em seus escritos poéticos e composições musicais, multiplica os silêncios advindos da natureza que convive em sua residência, e em suas andanças pelos ambientes ecológicos como, por exemplo, Museu Paraense Emílio Goeldi e Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves, em Belém. No pequeno terreno que a artista comporta a OTP, momentos intuitivos em que a proposta é conviver e exercitar a própria poesia interior com a natureza da casa são, constantemente, oferecidos em companhia da poeta. Aos moldes de uma simples brincadeira de ‘casinha’ desenvolvida por crianças a partir dos elementos oferecidos pela natureza que ainda se conserva por perto.

A artista conta que, ao se lembrar da infância, tinha pressa em crescer. Atualmente, aos sessenta e três anos de idade, a única querença é a de ser uma idosa brincando de casinha com a menina que ainda preserva dentro de si. Segundo HB, esta menina que há no interior de sua memória de infância, gosta de nutrir-se com folhas e frutos produzidos de forma espontânea ou por intervenções das mãos da artista-agrônoma em seus trabalhos com terra, arte e poesia na OTP.

Rubem Alves acredita que é possível continuar jovem ao envelhecer:

Na velhice, a pele é o meio através do qual a alma se torna visível (...) vai depender dos poemas que estão guardados na alma. Pois a alma é apenas isso: o lugar onde os poemas estão guardados. (...) Os velhos terão rosto de criança se a criança eterna continuar viva dentro deles (...) a criança, como disse Zaratustra, é 'inocência e esquecimento, um novo início, uma brincadeira, um moto-contínuo, um primeiro movimento (...)'. As crianças jamais desejam se aposentar de serem crianças. (ALVES, 2003, pp. 28-29).

Há uma relação entre processo de criação, performances e residência da artista e o palhaço russo Slava Polunin¹³ (SLAVA, 2013) que também reside num cenário com os mesmos fundamentos da OTP, *Le Moulin Jaune*, na cidade de Crécy-la-Chapelle, na França. Slava é reconhecido mundialmente, coincidentemente nasceu no mesmo ano de HB, em 1950.

O artista mora em uma residência na qual produz seus trabalhos artísticos, recebe seus amigos artistas e apresenta ensaios-abertos e instalações à comunidade. Tanto a OTP, quanto a casa de Slava se fundamentam a partir do tripé: arte, ludicidade e trabalho com a terra, e têm como objetivo maior instigar as diferentes sensações e emoções de seus visitantes. O lar colorido do palhaço também funciona como um espaço de criação com liberdade em contato constante da arte com a natureza.

¹³ SLAVA, Almanaque mostra o processo criativo e a liberdade do renomado palhaço. 29 jun. 2013. Disponível em: <http://globotv.globo.com/globonews/almanaque/v/almanaque-mostra-o-processo-criativo-e-a-liberdade-do-renomado-palhaco-slava-polunin/2663839/> Acessado em: 15/07/2013.

Figura 18: Seleção de fotos de performances e da residência do palhaço Slava Polunin - em Crécy-la-Chapelle, na França - cujas pinturas têm a assinatura dos artistas brasileiros *Os Gêmeos*, 2013.



Fonte: Sites “Academy of Fools”, “Trend Hunter Static” e blog “Moro Na Rua”, 2013.

A poeta oferece em sua OTP, momentos para ser feliz como, por exemplo, ao buscar os estímulos sensoriais da audição. Ela disponibiliza redes para que ela e seus visitantes - amantes da poesia que são acolhidos para dormir em sua casa - possam se deitar com as luzes apagadas junto a uma temperatura ambiente que sugere um frio que os acolhe, de modo a encolher-se nessas redes e ao se permitir ouvir o canto comunicativo dos galos.

Segundo HB, canto de galo vai se emendando um no outro até se extinguir ao longe. A autora aconselha os amantes da poesia que a visitam que exercitem escutar o que de mais longe conseguir no momento. Em seguida, a alvorada dos passarinhos chega para a abertura de mais uma manhã na OTP.

Figura 19: Segundo mosaico de imagens registradas na OTP de HB, 2012.



Fonte: Composição do segundo mosaico por Cecília Barriga, 2012.

No momento que o canto dos passarinhos preencherem boa parte do início da manhã – ela garante que, com a convivência, é possível aprender a identificar de qual pássaro corresponde cada canto –, chegou a hora de levantar-se da rede. Neste instante, o se espreguiçar é inevitável. Este exercício gestual, de início da manhã, faz a autora lembrar-se dos movimentos de um recém-nascido. A cada dia o visitante – amante de articulações poéticas da palavra – inventa uma nova coreografia para convidar o corpo a levantar-se. A música *A Preguiça* (BARRIGA, 1996) de HB ilustrará este momento, o qual se faz necessário espreguiçar-se tal qual um bicho-preguiça ou, como já colocado acima, um bebê, com uma riqueza de gestos, tranquilidade e delicadeza:

A PREGUIÇA

“Tou” com preguiça.
“Tou” com soninho.
Quero uma árvore
para me agarrar.
Gosto das folhas,
brotos verdinhos.
Gosto do sol
para me esquentar...

A poeta conta que a primeira janela a ser aberta é, geralmente, aquela que permite ver o quintal. HB diz que desde a OTP é possível ouvir de tudo: cachorro, pessoas, rádio, TV, moto, martelo, vassoura e tantos outros sons, segundo ela, próprios de quintal e de vizinho. O exercício lúdico, neste momento, também é o de escutar o som mais distante que os órgãos receptores da audição podem capturar.

HB deseja que seus visitantes exercitem calmamente a sua qualidade de escuta. Ocasionalmente, cai uma chuva e logo é possível observar a alegria dos pássaros visitantes da OTP. Há uma solução que os pássaros também têm muito carinho, quando a chuva demora a cair: utiliza-se uma mangueira de borracha para trazer a água que desta vez, vem da torneira. HB já se inspirou em torneiras para compor músicas e poemas.

Assim, é possível contemplar a água que bate da bica da varanda e vai sumindo, como se segue em *Poemetos* lançado no álbum *Letícia Coça-Coça* (BARRIGA, 1996). Neste álbum, a compositora explica que sua filha, Nairama Barriga, criou a primeira estrofe deste poema aos três anos de idade:

POEMETOS

A água vai caindo.
A água vai caindo.
A gente bate nela
e ela vai sumindo!

Beija-flor do bico torto
cambalhotava no ar,
com volta e reviravolta
para as flores poder beijar.

Eu conheci, eu conheci
a filha do jabuti, hi-hi-hi.
Ela caminha bem devagar.
Um passo para lá,
outro para cá.

Um barquinho a navegar
nas águas moles de um rio.
Aí, o rio virou um mar!
E o barquinho?

Um navio!

O mosquito fica aflito
Quando eu começo a cantar.
Pula, pula, bate as asas,
pois não pode me picar! Ah, ah.

Com o tempo é possível acostumar-se com os sons dos cachorros e bichos da redondeza, como, também, com os variados ruídos emitidos pelas pessoas, portões, carros de mão, entre tantos outros que enriquecem e desafiam a audição. A autora relata que há, em sua residência, sons variados de folhas de plantas ao vento. Segundo ela, saber escutar é uma delícia! A poeta aconselha o visitante se entregar às escutas presentes na OTP, ele aprenderá a escutar bem melhor. Outra qualidade de escuta é permitida pelo maior contato com a natureza de modo a preservá-la ao usufruir de estímulos sinestésicos.

Álbuns fonográficos de compositores e intérpretes paraenses, brasileiros e estrangeiros com composições instrumentais ou não, como, também, suas próprias obras fonográficas compõem o acervo musical da OTP que sempre está aberto a novas aquisições e presentes recebidos por amigos da música. Em especial, àquela música alternativa, a qual entrelaça melodia, poesia e arranjos para nutrir com boa música a qualidade da audição da artista e de seus visitantes interessados em vivenciar, com a autora, o modo como se relaciona com o mundo pelo viés da poesia e da ludicidade.

A visão é outro sentido estimulado na OTP. A organização natural de plantas da flora amazônica que existe na casa da artista, bem recebidas pela autora que valoriza a essência espontânea delas, oferece um relaxamento aos olhos cansados do cotidiano exaustivo e formal exigido pelo trabalho. Em uma matéria concedida ao jornal “O Liberal” (LIBERAL, 1989), a escritora afirma não gostar de trabalhos convencionais e acrescenta gostar de novidades. Esclarece que por isso está inventando constantemente.

Aos olhos iniciantes, a artista oferece um mundo de curiosidades. Um ambiente com cores diferenciadas que se completam, em harmonia, nos matizes dos dias, entre folhas novas, maduras e velhas, troncos variados, flores ao abandono da planta no chão, galhos e gravetos. Para fomentar a sensibilidade do olhar, HB sugere um passeio pela OTP para copiar os desenhos característicos de cada folha - de cada espécie de planta – ou, tocá-las de olhos fechados.

Rubem Alves acredita que as pessoas nascem com olhos maravilhosos de crianças e pela vida afora os perdem. Mais adiante, o autor relata um ocorrido ao sair para caminhar de manhã, após recomendações médicas:

Houve uma manhã maravilhosa, o sol nascendo, trapos de nuvens douradas no horizonte, o céu de um azul claro, o ar fresco, tudo me entrando pelos olhos, nariz, ouvidos, pele, o corpo e alma explodindo de beleza e felicidade, senti que o mundo era bonito demais e que a vida valia a pena... (...) Mas senti que ninguém se interessava pelo sol nascente, todos concentrados no exercício médico de andar, sem interesse pelo brinquedo erótico de ver. Felizmente havia muitos pássaros voando, por pura alegria, indiferentes ao colesterol. Bastava-lhes a felicidade de ver (ALVES, 1996, p. 14).

Este mesmo exercício de perceber o ato de ver o mundo como um brinquedo erótico que tem a função de permitir prazer e alegria, proposto por Rubem Alves, é o exercício de enxergar vivenciado por HB nos momentos de interação poética com a natureza que envolve a casa e a alma da artista. Ao receber seus visitantes, com os quais a artista compartilha momentos de sensibilidade em relação às necessidades sinestésicas de suas próprias almas criativas, ela estimula, com a ludicidade e a criatividade presentes em sua relação com sua própria casa, um momento prazeroso, seguindo o pensamento de Rubem Alves, em lúdicos exercícios de olhar e se permitir ser preenchido com as belezas e sutilezas advindas da natureza.

Em noites de lua cheia, sugere-se apagar as luzes e acender as lamparinas – musas de inspiração da compositora –, ou, simplesmente, contemplar a beleza e luminosidade da lua. Ao fechar os olhos para sentir as emoções despertadas pela noite, o corpo sente outra qualidade de sentido, as sensações táteis se apresentam mais estimuladas. A autora reconhece os recursos fílmicos e documentários que compõem o acervo da OTP como sugestões artificiais, mas não menos importante que os recursos naturais, pois também promovem estímulos saudáveis para o cognitivo e para a sensibilidade da pessoa humana.

HB estimula outro exercício interessante na OTP, para estimulação do olfato, se desenvolve com abrir do corpo, ao permitir sentir os variados cheiros que brotam na terra. A poeta relata que o cedo da manhã traz o perfume das flores *Dama da noite* cultivadas junto à janela. A autora vai despertando silenciosamente seus visitantes, abrindo, o que ela chama a página da janela, para o cheiro da manhã entrar.

Sem sair da rede, o visitante pode sentir o cheiro do café passado, bem cedo, no saco de coar. A mesa do primeiro café é arrumada junto à janela, pela qual se pode saborear o próprio café e assistir os primeiros movimentos do dia por meio das plantas próximas a ela. É o primeiro documentário verde! Após esta pausa para o café, os amantes da poesia que visitarem a artista, podem passear pela varanda e sentir os sons, as vistas e os cheiros da parte dianteira da OTP. Juntos, em companhia da artista, é possível conhecer as plantas da *Hortinha de Alice*, como também, as plantas situadas ao nascente, ao poente e na frente da casa da artista.

HB construiu este espaço na OTP, em homenagem à sua primeira neta, Alice, filha de Nairama Barriga. Ela, segundo a avó-artista, voltou a ser anjo antes de seu nascimento, em 2011. Em luto poético, a artista semeia e nutre o seu amor à neta com o trabalho com a terra. No ano seguinte ao falecimento de sua neta, HB foi convidada a escrever uma carta sobre a

temática da Paz, destinando-a à sua neta e a todas as pessoas humanas, por meio da edição do livro *Cartas Para Paz* (BARRIGA in: ARAÚJO, 2012). Este projeto foi desenvolvido pela *Fundação Arte de Educar Cogente*. Em sua carta, a autora descreve:

Sinto que você está bem, brincando no jardim da paz. Quando eu estou triste, corro e me escondo da tristeza na hortinha que tem o seu nome aqui na Oikos Tis Poesias, a minha casa da poesia em grego. Escrevo mais uma cartinha sobre a paz para você que viveu aqui na terra dentro daquela morada especial dentro da minha filha. Querida, a paz é uma palavra muito pequena. Ela só tem três letras, não é? E observe a sua dimensão no mundo! Todos a querem, mas não conseguem. Será que ela existe mesmo, ou é apenas um desejo? Olhe só minha menina das flores, em três letras tem o A, o Z, e em frente delas, o P. Então acho que tem todas as outras letras do mundo do alfabeto, que só as enxerga quem realmente sabe, e o P. O que será esse P? Será princípio? Será poder? Será possível? Ajude a vovó daí, onde existe a cacimba borbulhante da origem das palavras, tá? (...). (BARRIGA in: ARAÚJO, 2012, p. 63).

Mais adiante, nesta carta, a escritora destaca que acredita que quem melhor entende sobre paz são, apenas, as pessoas que se encontram constantemente privadas de permanecer em estado de paz, como cita nas seguintes linhas “são aquelas crianças que vivem naqueles lugares onde a guerra é uma constante (...)” (BARRIGA in: ARAÚJO, 2012, p. 63). HB (BARRIGA in: ARAÚJO, 2012, p. 63) acredita que a paz não aconteça de maneira individual, é necessário exercitá-la de forma coletiva. Conclui destacando alguns exemplos para definir, a seu modo, o que seria paz, ao se direcionar a neta e, indiretamente, também ao leitor:

A paz minha querida é a inspiração e a expiração fortes e relaxadas. É um prato de comida colorida e natural, com toda a família em volta da mesa. É ir para a escola aprender com as crianças, com professores que sorriem. A paz é o emprego para os pais, é a segurança na rua, é ter teatro, cinema, circo, igreja e jardins. É ter um sono tranquilo, é ter um sonho bonito. É ter uma biblioteca que atenda à comunidade em todos os dias da semana, é ter uma quadra de esportes, com vozes em toda a cidade. A paz é uma decisão de quem governa com amor. A paz é sorrir sozinha nas escolhas que lhe convém. A paz é parceira eterna, e do mesmo tamanho do bem. (BARRIGA in: ARAÚJO, 2012, p. 63).

Portanto, com a contemplação dos aromas e sabores da *Hortinha de Alice*, a autora estimula a paz e o bem-estar em seus visitantes, por meio da audição, ao escutar e atentar-se para o silêncio oferecido pelas plantas e também pelo olfato, visão, tato e paladar.

Figura 20: Hortinha da Alice na OTP, 2011.



Fonte: Nairama Barriga, 2011.

Após os estímulos presentes na *Hortinha de Alice*, os visitantes e a poeta, podem se direcionar ao quintal para colher plantas perfumadas, naturalmente, para prepararem um chá ou um banho de cheiro. Este banho, segundo as erveiras do Mercado Ver-o-Peso, trazem maravilhas aos que acreditam no poder das ervas, desde afastar mau-olhado, até fazer o homem dos sonhos chegar aos braços de quem espera. Folhas de Canela, de Tangerina, de Japana, de Mucura Caá e flores cheirosas, como da planta Dama da Noite, Alfavaca, Oryza e as que forem possíveis de se encontrar no momento.

Depois desta pequena colheita, retorna-se à parte da cozinha situada no interior da casa para o uso do fogão. Procura-se utilizar uma panela sem tampa para ferver os elementos naturais para o banho de cheiro, para que o perfume desta fervura seja sentido em toda a casa. Este líquido é próprio para um banho de cheiro ou para fazer um escalda-pés para relaxar. A artista os indica para serem feitos à tarde ou à noite.

O tato poderá ser estimulado no momento de retirar barro do chão e posteriormente, umedecer para o contato com as mãos. Para este exercício, faz-se necessário considerar a intuição. Segundo HB, uma música instrumental com sons da natureza é o ideal para fundo durante este manuseio da terra. O tato também poderá ser estimulado a partir do tocar as pedras e a areia.

As plantas como a macaxeira, o maracujá, a bananeira, a caneleira, o cajueiro, o mamoeiro, podem ser tocadas de olhos fechados, mas sempre tomando precauções que evitem tocar os animais que se hospedam na OTP que devem ser apreciados apenas com a visão para prevenir as contaminações. O tato afetivo, em interação telúrica, também poderá ser exercitado com o descascar, lavar e cortar a macaxeira e com o debulhar de feijão ou de milho, os quais permitirão, após cozedura, estimular o sentido do paladar.

Figura 21: Terceiro mosaico de imagens registradas na OTP de HB, 2012.



Fonte: Composição do terceiro mosaico por Cecília Barriga, 2012.

O exercício de se deliciar pelas papilas gustativas é desenvolvido com a degustação de alimentos colhidos da terra. Saladas são preparadas com folhas de macaxeira, caruru, chicória, alfavaca e manjeriço colhidas na *Hortinha de Alice* e no quintal. As refeições são à base de

alimentos e frutos advindos da natureza sem a presença de agrotóxicos na OTP, e são incrementadas, quando necessário, com verduras e legumes - cenoura, tomate, cebola, cheiro-verde e cebolinha, alho, abóbora - comprados na comunidade.

O fruto do mamoeiro nasce e se desenvolve com facilidade na OTP, e está presente nas inventividades gastronômicas da artista. HB serve o fruto cru aos seus visitantes, para se deliciarem com a polpa e a semente, que, segundo ela, também é muito boa para a saúde. Ela conta que o fruto ainda verde é utilizado em cozidos, sopas, doces e saladas. Ou seja, visitar o espaço é, para além de exercitar a imaginação, literalmente experimentar cheiros, sabores, texturas, é também soltar as amarras do cotidiano. Todos saem enriquecidos, artistas ou não, seus olhares saem modificados ou, ao menos, mais sensibilizados.

A poeta lançou, em 1998, o livro *Balada de Frutas – Ecologia e Erótica*, o qual é composto por poemas que sugerem uma relação erótica de sua poética com a beleza e a variabilidade e riqueza dos sabores naturais das frutas. Abaixo, segue um poema inspirado no mamão

Mamilo
 mama
 mão
polpa vermelha
êxtase melar
ma mão no corpo enxuto
 de você
melar ma mão você chupar
ma mão melar no rosto
 de você
jogar as cascas pra lá
gozar. Ah!...
(BARRIGA, 1998, p. 10)

A macaxeira é degustada ao tomar um café no final da tarde, ou em sopas e cozidos. O fruto da bananeira está presente desde a entrada da OTP e as bananas são servidas cruas ou assadas pela poeta. Quando um cacho de bananas é retirado desta bananeira e, pendurado na

suas belezas, a escuta do silêncio far-se-á necessária. Para os poetas, o silêncio também é fonte, rumores à espera de composições várias.

Seus poemas, canções, palestras, diálogos com adultos e crianças – amantes da palavra – atitudes como, por exemplo, enterrar o mato cortado e não queimá-lo, ou no uso de uma composteira, e reciclagem com embalagens descartáveis são os meios de retribuir o que aprende em companhia da natureza. O projeto alternativo *Página do Livro Muro*, desenvolvido pela escritora nas delimitações de sua residência, estimula seus amigos poetas a registrarem seus poemas no espaço lúdico-poético-ambiental da OTP.

3.2 Espaço de criações artísticas e de brincadeiras poéticas em contato com a natureza

A necessidade de conviver em um espaço com liberdade para criar e desenvolver sua arte, e para relacionar-se com um cenário natural a partir do desenvolvimento de brincadeiras poéticas, fez com que a poeta HB se interessasse em construir a OTP. Um lugar onde a possibilidade de inventar, poeticamente, instrumentos para expressar seu relacionamento lúdico com a natureza, como, por exemplo, por meio de poemas, canções e brincadeiras ecológicas, foi viabilizado com mais força neste cenário.

Em uma matéria veiculada no jornal “O Liberal” (GOMES, 1997), HB define o que ela entende por lúdico. Explica, a partir de um exemplo, que lúdico “é encontrar todos os dias um besouro que fica em uma mangueira (...). Paro e fico olhando para ele, belo, luminoso, sem me importar se vão me chamar de doida (...)”. (GOMES, 1997).

A artista cria, em sua residência, a sua arte com criatividade e simplicidade, apenas, com o material que há em mãos. Produz novas inventividades a partir da reciclagem de embalagens descartáveis cedidas pelas residências de parentes e amigos ou de resíduos

produzidos na OTP. Os resíduos orgânicos são direcionados à composteira para o desenvolvimento de adubo natural, os sólidos, geralmente, são transformados em arte pela artista.

Figura 23: Borboleta e Papai Noel confeccionados por HB na OTP, a partir da reciclagem de embalagens descartáveis, 2012.



Fonte: Cecília Barriga, 2012.

A poeta está sempre à espera de um visitante sensível com quem gosta de compartilhar as descobertas de suas vivências com arte, trabalho com a terra, ludicidade e poesia na OTP. O processo de criação lúdico-poética de HB é, geralmente, solitário, sem a presença de outra pessoa humana. Porém, sua concentração, inspiração, expiração, querências e silêncio focalizam-se, exclusivamente, na natureza presente em sua residência. O que a artista espera oferecer às pessoas que visitam sua residência é o exercício de qualificar, segundo ela, de verde os seus olhares para que a natureza seja contemplada de modo consciente em prol da preservação de sua fauna, flora e ambientação natural aquática ou em solos férteis.

Na varanda e nos jardins de sua casa, HB – militante da palavra e Mestre em Genética e Melhoramento de Plantas, planta sementes e mudas de sua preferência, sem que ela

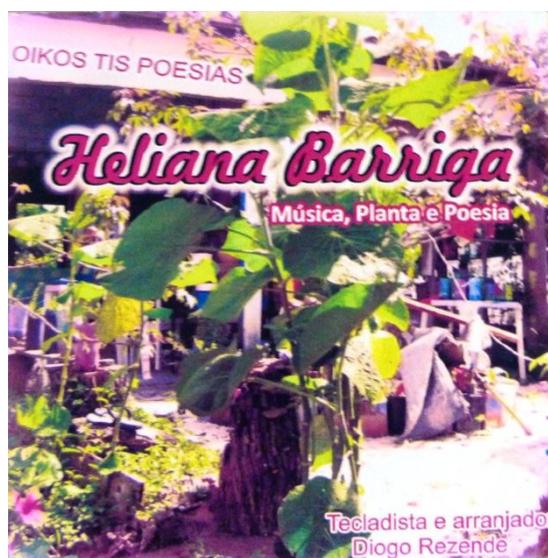
denomina de ‘net-modismos’, mas valorizando as espécies simples e nativas, e aplaudindo com os olhos, as ilustres invasoras. Ela tem admiração por ervas daninhas e animais vira-latas e relata que ocorre de sonhar com uma planta invasora, e um dia, sem esperar, assim, do mesmo jeito que surge o amor, ela aparece na OTP para a alegria da artista; é o caso da *Terezinha* de flores amarelas, da abóbora e de uma trepadeira que dá em portão velho, todas de flores amarelas e surgiram de forma inesperada nos jardins da casa colorida e rodeada por natureza.

As inúmeras inventividades lúdicas de HB, em contato com a natureza que há em sua OTP, acalmam, relaxam e estimulam a artista e seus visitantes a se reaproximarem da floresta, segundo ela, a grande *Oikos*. Em sua residência, uma planta é valorizada em todas as suas partes e não apenas a sua frutificação. A escritora convive com estas plantas a partir de todos os sentidos: visão, tato, olfato, audição – pelos silêncios ao contemplar as belezas da natureza - e, também, pelo paladar ao deliciar-se com os frutos produzidos sem agrotóxicos. O movimento mínimo da planta e seus traços, cores, formas e texturas estimulam a inspiração da artista para a produção de obras literofonográficas e brincadeiras com a poesia.

Após um ano residindo na OTP, em 2011, HB não se interessou em presentear sua nova morada com uma reforma ou aquisição de novo mobiliário e eletrodomésticos. Neste ano, a artista homenageou sua residência com o lançamento do álbum *Oikos Tis Poesias: Música, Planta e Poesia*, com a parceria de seu filho musical, Diogo Rezende, nos arranjos e teclados.

Segundo ela, a pessoa tem que ter a liberdade para fazer o que gosta e sente vontade em sua própria casa. Neste caso, o que mais a autora sente prazer em fazer é criar poesias, histórias e canções inspiradas na natureza, as quais são apresentadas, também, neste projeto que é uma brincadeira da artista para receber os visitantes em sua própria casa.

Figura 24: Capa do álbum *Oikos Tis Poesias: Música, Planta e Poesia* de HB, em homenagem à OTP, 2011



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Neste trabalho, as canções foram inspiradas na OTP e em seus visitantes. A compositora brinca com os ritmos musicais do forró, baião e marchinhas de carnaval nas canções que compõem o álbum. A primeira faixa, *Arquivo da alegria*, é um presente em homenagem aos amigos e funcionários do Arquivo Público do Pará, em Belém; a música *A bica não te bica* fala da bica de sua varanda; *Broto de feijão na animação* foi inspirada no feijão cultivado por ela na OTP; a marchinha *Cuidado com a minha* foi inspirada em hábitos de seus visitantes; *Composteira* é uma forma de apresentar os cuidados com os resíduos orgânicos; na música intitulada *Semente da alegria na Oikos Tis Poesias*, a poeta convida seus visitantes – pessoas sensíveis às belezas da natureza e da poesia – a visitarem, com alegria e emoção, a OTP; em *Macaxeira cheira cheira*, a compositora estimula a alimentação da macaxeira, alimento cultivado por ela em seu quintal; *Seja sem vergonha, mas não seja pessimista* é uma música que também aborda hábitos alimentares; a artista apresenta na canção *Hortinha de Alice* as hortaliças presentes em sua horta, e em *A bananeira que foi*

roubada, a poeta cita, de forma lúdica e criativa, um episódio, sobre o roubo de um cacho de bananas de sua bananeira, vivenciado por ela na OTP.

HB afirma que quanto mais ela cuida da natureza presente em sua residência, mais plantas e animais são atraídos pela casa. Sementes são trazidas e esquecidas por pássaros que visitam este espaço ambiental, para o entusiasmo da proprietária ao descobrir o surgimento de uma nova planta em seus jardins. Insetos e pássaros diversos, incluindo borboletas, beija-flores, bem-te-vis e sabiás, também trazem inspiração, constantemente, à artista, que retribui à natureza da casa, quase imediatamente, com poemas e canções. Assim, HB e os animais, pássaros, joaninas, sol, chuva, todos, cúmplices da criação, ampliam a variedade de plantas, flores, frutos em seu quintal e em corações e mentes de quem sabe apreciar esse jeito de viver ludicamente poetando pela vida afora.

Figura 25: Registro fotográfico da visita de uma borboleta à OTP, 2012.



Fonte: Cecília Barriga, 2012.

Esta personagem está presente na obra de HB, que considera esta história um ganho poético, pois ela associa o recebimento deste achado ao amor que sente e realiza com a presença da natureza em sua vida. Ao cuidar de outro terreno – *Terra de Ser* –, que cultiva de forma parecida à OTP – com liberdade, poesia e ludicidade – permitindo a invasão e a

conservação do maior número possível de plantas, desde a década de 1980, em Mosqueiro, a artista conta que seguiu o voo de uma borboleta bem pequena. Revela que tropeçou várias vezes em silêncio, mas, persistente, continuou a segui-la, rindo de si mesma. Esta interação com a borboleta, ao observar a delicadeza do movimento de abrir e fechar das asas, trouxe a inspiração para a composição de *O Livro da Borboleta*, presente no álbum *Letícia Coça-Coça*:

O livro da borboleta
Tem uma história
Muito rapidinha
Fecha e abre
Fecha e abre
Só lê quem sabe
Só lê quem sabe
(...)
(BARRIGA, 1996)

A cada visita de diferentes animais, a sensibilidade da autora se renova e assim, ela deseja cada vez mais compartilhar, com os visitantes de sua morada, essas alegrias aprendidas e estimuladas pela natureza. Fato curioso é perceber a intimidade dos passarinhos com a OTP. Eles entram na casa por uma janela e saem pela outra, mas antes do voo de partida, pousam, como se quisessem colher um fio de cabelo da cabeça da pessoa humana que estiver distraída dentro da casa, para a construção de um ninho. Isto já ocorreu duas vezes, conta a autora.

HB tem a necessidade de se ausentar, frequentemente, de sua residência, ora para apresentar trabalhos artísticos e suas obras literofonográficas em escolas, feiras de livro, teatros e praças, geralmente, no centro da cidade de Castanhal ou em Belém, ora para cuidar de sua outra neta Maria Adélia, que brotou no útero de sua filha caçula, Cecília Barriga, aproximadamente seis meses após a partida de Alice.

Figuras 26 e 27: Os poetas Antonio Juraci Siqueira, Heliana Barriga e Cláudio Cardoso na Banca dos Escritores Paraenses e o primeiro pôster do projeto *Tem Arte na Praça...*, respectivamente, 2013.



Fonte: Álbum de fotografias de Cláudio Cardoso em uma rede social, 2013.

Atualmente, aos domingos, a escritora disponibiliza sua presença e suas obras literárias na Banca dos Escritores Paraenses – doravante BEP – e no Projeto *Tem Arte na Praça...*, este último, realizado com o apoio da FUMBEL, Prefeitura de Belém, editora Cromos e a própria BEP, na Feira de Artesanato da Praça da República, em Belém.

Devido à ausência frequente da autora em sua OTP, outros fatos interessantes ocorrem para sua surpresa e alegria ao retornar à sua colorida residência. Plantas, reconhecidas pela ciência, segundo a autora, como ervas daninhas se instalaram em diversos vasos, confeccionados por ela com a reciclagem de garrafa pet, da cerca de madeira que circunda parte da residência da artista. Ao invés de retirá-las, como comumente é feito pelas pessoas com menos sensibilidade aflorada, ela as deixou permanecer. Em consequência, a OTP atraiu mais natureza para seus jardins, e capim, também, começou a ser cultivado em vaso pelas mãos da poeta.

A maioria das pessoas, as quais não observam muito bem os detalhes da natureza, acreditam que há diferença de valor entre as plantas chamadas ervas daninhas das convencionais cultivadas em vasos. Porém, para quem se dedica a conviver nessa relação de respirar, olhar, cheirar, sentir, comer, se tratar, se inspirar com as plantas, reconhece a inexistência de juízo de valor em relação às plantas, pois tudo é percebido com muita beleza pelo terceiro olho da artista e é transmutado ao poema, sem diferença ou hierarquização de apreço. A autora sente amor por toda a conjuntura da fauna e flora que a acolhem e a inspiram a criar, artisticamente, suas inventividades literofonográficas e suas brincadeiras poéticas com a identidade da OTP, por meio de seu contato com a natureza.

3. EXERCÍCIOS DE LUDICIDADE NAS OBRAS LITEROFONOGRÁFICAS E PERFORMANCES ARTÍSTICAS DE HELIANA BARRIGA

A arte deve antes de tudo e em primeiro lugar embelezar a vida

Friedrich Nietzsche

3.1 Heliana Barriga: poeta e militante da palavra

HB guarda na memória peculiaridades advindas da infância e as revolve de modo a dar a mão a artista ainda criança para desenvolver sua arte com ludicidade e poesia. Ecléa Bosi (1994), em seus estudos sobre memória, discorre:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho (...). A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, E. 1994, p. 55)

O processo de criação artístico de HB surgiu não somente da reconstrução poético-artística das lembranças de sua própria infância em suas performances e obras literofonográficas, mas, também, da sua relação de amor, criatividade, sensibilidade e simplicidade com seus filhos e, conseqüentemente, com as crianças que têm contato com suas obras. Conta a artista que, ao divorciar-se e ao manter-se distante geograficamente de seus filhos, durante suas infâncias, se viu conduzir ao desenvolvimento de uma obra artística destinada também às crianças.

Em uma entrevista veiculada no jornal “*Diário do Pará*” (CARDORSO, 1987), HB diz que não perdeu seu lado criança. A matéria cita que “com seus filhos, curte um relacionamento sadio, sincero, sem superproteção ou corujice” (CARDORSO, 1987) e mais

adiante, “é tudo na base do diálogo e de muito carinho, não em quantidade, mas em qualidade, que é o que importa” (CARDORSO, 1987). A artista é apresentada, também, nesta reportagem, como uma mãe, em todos os sentidos, moderna à época. Na mesma, HB (CARDORSO, 1987) é citada como uma mãe ‘anticareta’ e bem próxima dos filhos.

Ao lembrar a frase de Rubem Alves (ALVES, 1996, p.108), “quero que tudo que amei e perdi seja devolvido. Todas essas coisas moram nesse imenso buraco dolorido da minha alma que se chama saudade”; é possível observar que toda a saudade sentida pelos anos sem convivência diária com a infância de seus filhos, culminou na gênese de seu processo de criação artístico destinado às crianças, devolvendo, assim, artisticamente, por meio de suas obras lítero fonográficas e apresentações artísticas, todo o amor e carinho presentes em sua relação com Júlio, Nairama, Letícia e Cecília. HB conta que, após o divórcio, seus filhos acompanharam o pai a outra região brasileira.

A distância geográfica permitiu o contato entre a família por meio de cartas e telefonemas, como, também, por brincadeiras nas férias escolares, o que sempre contribuiu com o processo de criação da artista. Há registros de canções e textos¹⁴ inspirados em diálogos por telefonemas e comunicação por meio de cartas. Sempre continha uma indicação de um novo livro para ler ou brincadeira a desenvolver. As obras de HB contribuíram com o processo de alfabetização de seus próprios filhos.

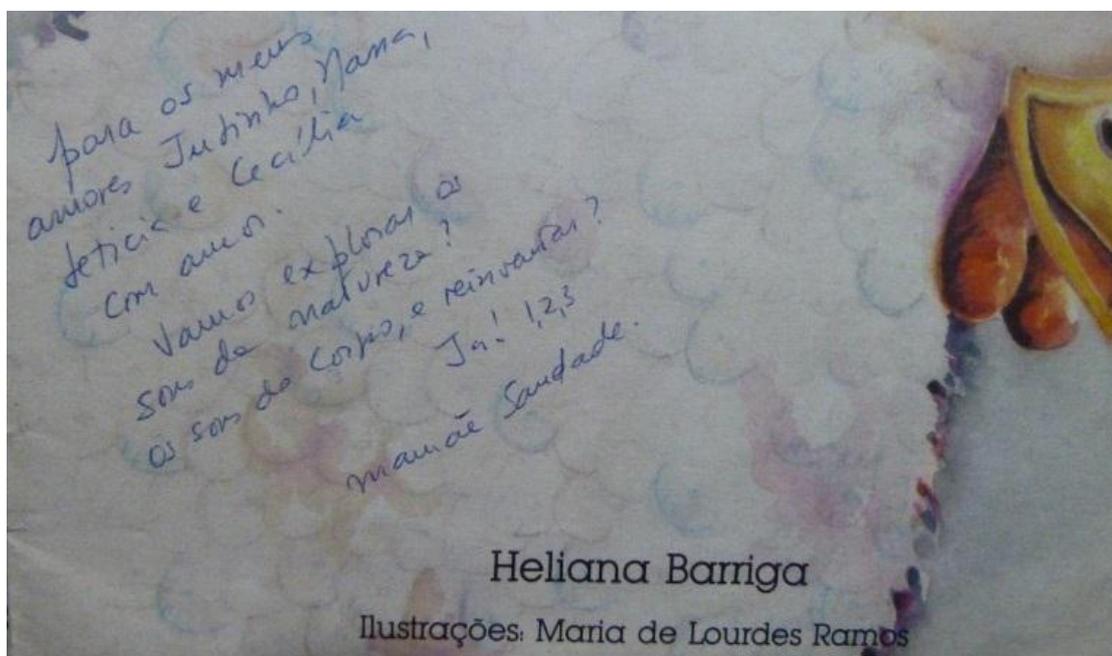
Rubem Alves (2008) escreveu, certa vez, a respeito da relação entre pais e filhos e a aprendizagem:

(...) a infância é muito curta. Muito mais cedo do que se imagina os filhos crescerão e baterão as asas. Já não nos darão ouvidos. Já não serão nossos. No curto tempo da infância há apenas uma coisa a ser feita: viver com eles, viver gostoso com eles (...). Vivendo juntos, pais e filhos aprendem. A coisa mais importante a ser aprendida

¹⁴ A poesia *Pico-Tico*, lançada no álbum *Se eu fosse você eu brincava*, em 2002, teve inspiração em um telefonema entre a mãe poeta e sua filha Cecília, ocorrido na década de 1990. Quando seus filhos ainda moravam no município de Piracicaba, no interior de São Paulo e ela, em Belém do Pará.

nada tem a ver com informações (...). O que se ensina é o espaço manso e curioso que é criado pela relação lúdica entre pais e filhos. (ALVES, 2008, p. 113)

Figura 28: Dedicatória lúdica aos seus quatro filhos na contracapa de seu livro *A Galinha dos Ovos de Cristal*, 1989.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora e filha caçula da artista.

Suas obras trazem referenciais culturais amazônicos, lembranças familiares e de sua infância e de seus filhos, atenção à preservação da natureza e crítica a assuntos da atualidade vivenciada pela artista, sob a óptica de seu olhar poético. A artista tem uma longa experiência na arte com palavras, adquirida, ao longo de trinta anos, em exercícios lúdico-poéticos por meio de apresentações artísticas em teatros, feiras de livro, escolas, praças e hospitais, como, também, na elaboração de álbuns fonográficos e de livros de poesia e de história destinados ao público infanto-juvenil. Sobre seu modo de enxergar com poeticidade, C.P. Barriga discorre:

(...) em conversa com a artista Heliana Barriga, compreende-se que o poeta revisita as imagens de sua própria memória para reinventá-las em histórias a contar. Ao olhar o mundo com o terceiro olho, o olhar interior, o poeta revive sua alma de criança. Com este olhar, o olhar da criança que há em si, o poeta compreende a própria função da poesia, pois segundo Johan Huizinga (2010, p.133), 'para compreender a poesia precisamos ser capazes de enxergar a alma da criança como se

fosse uma capa mágica, e admitir a superioridade da sabedoria infantil sobre a do adulto' (C.P. BARRIGA *in* MARTINS & CARDOSO, 2012a, p. 77).

A poesia é essência de criação e instrumento de comunicação com o mundo interior e exterior a si mesmo, tanto nas vivências profissionais quanto nas pessoais, e, então, trabalhados por parte de vários poetas. É possível notar estes aspectos referentes à poesia, também, nos escritos ou posicionamentos de Manoel de Barros (2010) e Rubem Alves (2008).

Em seus escritos, Manoel de Barros destaca que “para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito.” (BARROS, 2010, p. 178). O poeta, ao descrever poeticamente o que se compreende por poesia, afirma que ela “(...) designa também a armação de objetos lúdicos com o emprego de palavras imagens cores sons etc.- geralmente feitos por crianças pessoas esquisitas loucos e bêbados.” (BARROS, 2010, p. 181) e por poeta, um “indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu (...)” (BARROS, 2010, p. 182), o que se assemelha também à trajetória da poeta sujeito-objeto deste estudo.

Acerca da arte desenvolvida por HB, no “Diário do Pará” (1991) é apresentada a seguinte descrição a respeito de seu processo de criação, “brincadeiras, arte na infância, folclore, animais domésticos e selvagens, plantas da terra e da água integram a temática dos trabalhos de Heliana”, mais adiante a autora analisa que em ambiente escolar, sua poesia não é, até então, aplicada como esperava. Segundo ela (“Diário do Pará”, 1991), “gostaria que minha poesia fosse mais uma alternativa para alimentar a infância, as brincadeiras, a vivacidade própria da criança”.

Observa-se que a artista, objeto de estudo desta pesquisa, é autora de uma obra literofonográfica destinada, em seu maior corpo, às crianças, e que ela percebe e enxerga o mundo pelo prisma da poesia, ao chamar a atenção dos adultos e das próprias crianças para o

olhar que a criança tem e deverá ser estimulada a ter pelos pais ou responsáveis, professores, enfim, pela sociedade que faz parte. Manoel de Barros escreve em seu poema *Exercícios de Ser Criança*, “com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças” (BARROS, 2010, p. 469).

A artista valoriza em suas produções a simplicidade da relação entre lúdico, arte e infância, o que é observado em uma notícia veiculada no jornal “Diário do Pará” (1990) em que é destacado o aspecto de seu processo de criação ser firmado na espontaneidade e na simplicidade, apesar da profundidade dos projetos desenvolvidos pela artista-agrônoma.

Rubem Alves (2008, p.95) diz que o interesse da poesia é pela simplicidade, “(...) é feito caleidoscópio: faz beleza com caquinhos de vidro. Por que é que os poetas são assim tão ligados às insignificâncias? Porque é com insignificâncias que a vida é feita” (ALVES, 2008, p. 95). E continua, ao dizer que a perturbação do olhar do poeta, um ser sensível, é, portanto, o que se entende por poesia, pois ele vê o que não está ao redor de forma nítida e objetiva e afirma que as coisas, no mundo, são transparentes e contém nelas mesmas, a abertura para outros mundos (ALVES, 2008, p.95). Tanto o poeta quanto a criança entendem e valorizam a poesia da vida, de forma consciente ou não, o importante é entrar em contato com a simplicidade nas diversas situações promovidas pela vida.

Alfredo Bosi (1977) está de acordo com os posicionamentos de Manoel de Barros e Rubem Alves, como, também, de HB, ao dizer que “(...) o trabalho mais sublime da poesia é dar senso e paixão às coisas sem sentido, e é próprio das crianças tomarem coisas inanimadas entre as mãos e, brincando, falar-lhes como se fossem pessoas vivas”. (BOSI, A., 1977, p.205). Ele também acrescenta que “(...) nas crianças é vigorosíssima a memória; portanto, vivida até o excesso a fantasia, que nada mais é do que memória”, explica que “(...) a memória é igual à fantasia (...), memória, enquanto relembra as coisas; fantasia, enquanto as

altera e contrafaz; engenho, enquanto as contorna, combina e ordena”. (BOSI, A. 1977, p. 206).

Assim como Ondjaki (*in* BRAIT, 2010, p. 188), HB escreve para celebrar a liberdade que a língua portuguesa permite e, também, para ser feliz. A partir de outras linhas deste mesmo escritor, é possível compreender a essência do processo de criação de HB, quando percebemos que

“(…) a língua não é o molde nem a cozedura. A língua são as mãos sujas das crianças no barro. O riso alegre das crianças com as mãos durante o barro. E o riso desassossegado do barro – com medo de ser cozido. O sonho do barro não era ser, sempre, areia úmida?” (ONDJAKI *in* BRAIT, 2010, p. 190).

A obra de HB é processo e não resultados estanques, esquecidos, fechados em si só. À semelhança da areia úmida, Heliana brinca de “moldar” as palavras, ora elas se curvam, ora se revelam, mas nunca são apresentadas em desenho acabado, ou não se transformam em barro, posto que este endurece, a areia, ao contrário está por ser modelada. Observa-se uma intertextualidade constante nas obras de HB, já que uma obra pode inspirar a produção de uma outra, apresentando diferentes experimentações por parte desta artista que não se inibe em provocar a si mesma ao demonstrar que fechar-se em si mesma, foge de sua maneira de criar artisticamente. A respeito deste aspecto, vale destacar que a autora, constantemente, retoma textos, músicas ou personagens já lançados em uma mídia, posteriormente, em outras, após a inserção de novos arranjos ou de novas configurações.

Rubem Alves (2008, pp. 20-21) analisa o conceito de *pensamentos-brinquedos*.

Segundo o autor,

os pensamentos que a gente pensa por precisar deles andam sempre um atrás do outro como soldados em ordem unida. São ferramentas. Eles vêm quando a gente os chama. Os pensamentos vagabundos são como as nuvens que o vento leva, uma hora se parecem com um cachimbo, o cachimbo vira um navio, o navio se transforma em elefante, o elefante vira flor... Coisa de poetas desocupados... São brinquedos. Eles vêm sem serem chamados (...). Quando alguém lê o que escrevemos e gosta é porque entrou no brinquedo. (ALVES, 2008, pp. 20-21).

A propósito do conceito analisado acima, observa-se que, em seu processo de criação, a autora relata que seu interesse em escrever se intensifica mais pelas ideias que lhe aparecem no momento que não há papel em mãos para desenvolvê-las. Mais tarde, já em casa, gosta dessa provocação feita pelos tipos de pensamentos propostos e descritos acima, por Rubem Alves.

Para a escritora, a palavra tem a funcionalidade de transparecer num poema ou numa canção como um brinquedo a despertar na criança ou no adulto, a imaginação e a vontade de brincar ao se expressar com palavras, assim, como o poeta. No dizer de Manoel de Barros (2010, p. 348), “palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria”. Heliana leva tal brincadeira ao extremo e cria, poeticamente, seus brinquedos até para serem cantados!

O poeta também diz que gosta de brincar com as palavras, pois tem preguiça de ser sério (BARROS, 2010, p. 419) e que “escrever o que não acontece é tarefa da poesia” (BARROS, 2010, p. 458a). Logo, como um brinquedo, a palavra poética é, assim, levada mais a sério pela imaginação dos transeuntes das páginas de um livro de poesia.

Na poesia, as palavras parecem ter uma maior liberdade das fórmulas enrijecidas das gramáticas e o leitor, uma plenitude de emoções. Para escrever poesia, assim como “para cantar é preciso perder o interesse de informar” (BARROS, 2010, p. 458b) e para o gosto do poeta, “(...) a palavra não precisa significar – é só entoar” (BARROS, 2010, 458c), entoar canções, histórias, brincadeiras, gestos, entoar vida!

Há silêncios no caminho da criança, entre sua residência e a escola, que tanto a escola e os professores desconhecem. Enquanto escritora de literatura compreendida como infantil, a artista busca estes silêncios em suas memórias de infância e nos escapes dos caminhos das crianças, informando-se de suas maneiras de brincar, socializar e ser no mundo, aspectos presentes em suas produções. É como se a artista sugasse o que está no universo infantil

nuances percebidas somente por pessoas que sabem Ver com os olhos da arte, da poesia, das insignificâncias, ou das coisas sem importância, ao modo de Manoel de Barros.

Manoel de Barros diz, no poema *Retrato Do Artista Quando Coisa*, que “os silêncios me praticam” (BARROS, 2010, p. 357). Também sobre os silêncios, Thompson discorre nas seguintes linhas: “A lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios” (THOMPSON, 1992, pp.204-205). Enquanto artista da palavra, HB é praticada e envolvida pelos silêncios vivenciados pela sua arte a cada dia. Silêncios recriados em sua arte.

HB não se preocupa em escrever cartilhas, nas quais o fundamental é propor uma reflexão direcionada, guiada, dirigida a um único foco ou temática, geralmente, moralista; sua primeira atenção é estimular o imaginário próprio da infância por meio do lúdico e do poético, em seus textos e canções, fomentando, assim, as emoções dos outros, a partir das que ela revive e/ou imagina.

A diversidade própria da natureza fez inspirar o surgimento de personagens como a Onça Pintada, a Pantera, o Jacaré, a Preguiça, o Macaco Barrigudo, a Tartaruga Cascuda, a Perereca Sapeca, a Abelha Abelhuda, o Jabuti, entre tantos outros animais, nas obras de HB. Todos esses personagens buscam promover a preservação da fauna e flora do cenário amazônico, de forma simples e suave, por meio de letra, música e poesia, a fim de instigar o imaginário do público leitor ou ouvinte. Nos álbuns fonográficos, a compositora atenta-se a este aspecto, como é possível observar nos trechos da seguinte canção presente no disco *Mala Sem Fundo*:

Na floresta os animais/ Precisam das plantas/ As plantas precisam dos animais/ Os animais e as plantas/ Precisam dos rios/ Os rios precisam das plantas/ Os rios precisam dos peixes/ Os peixes precisam dos rios/ Peixes precisam de outros peixes / Rios precisam de outros rios/ Plantas precisam de outras plantas/ Todos precisam de todos. (*Todos precisam de todos* in BARRIGA, 1987).

Na última faixa do mesmo disco, HB apresenta uma crítica, enquanto poeta e Engenheira Agrônoma, à invasão de pastos em solos amazônicos, antes, ricos em fauna e flora. Segue a canção *Saiam Dona Seringueira e Dona Castanheira, pode entrar Senhor Capim...*:

Mete o machado na casca/ Canta pau chegou tem fim/ Quando fogo esfriar/ Pode entrar senhor capim/ Se avexe seringueira/ Seu leite pode secar/ Também dona castanheira/ Já mandei se arretirar/ Mangangá não fala nada/ Tá num canto a matutar/ Pra onde será que arribo/ A quem vou polinizar/ Seu capim tão importante/ Chega aqui de avião/ Paga um preço muito alta/ Pela sua implantação (*Saiam Dona Seringueira e Dona Castanheira, pode entrar Senhor Capim...* in Mala Sem Fundo, 1988, faixa 17).

Acerca da relação entre poesia, arte e natureza proposta pelas obras de HB, o poeta e filósofo Antonio Juraci Siqueira (2006) discorre:

Heliana Barriga sempre defendeu o meio ambiente como uma necessidade vital, como o próprio ato de respirar. Isso antes e depois do termo *ecologia* virar moda. Palavra, aliás, que não faz parte do seu vocabulário, mas do seu próprio modo de ser e sentir. Por entender, como poucos, que ninguém ama o que não conhece, não faz uso de denúncias panfletárias, sensacionalistas, preferindo, em vez disso, trazer a Natureza para dentro de sua arte para que as pessoas acordem e olhem em torno de si e descubram a imensa riqueza que possuímos e precisamos, urgentemente, amar e defender. Quando denuncia, o faz sem ódio, mas com muita poesia e clareza para que se reflita sobre o papel do Homem no planeta Terra. (SIQUEIRA *apud* BARRIGA, 2006, p.23).

HB é uma artista que tem como matéria-prima básica a palavra e os métodos de seu processo de criação são a poesia e a ludicidade. Ela é uma artista da palavra e tem na sensibilidade e na imaginação, os pilares e a essência de suas apresentações e produções artísticas.

A escritora tem uma referência muito forte advinda do cenário circense em suas criações e no seu modo de se alegrar com a vida e, apesar de inúmeras semelhanças com o universo do clown, ela não se caracteriza nesta pesquisa, como uma palhaça. Em suas performances, há muito de si, assim como o palhaço, e sua atenção maior, ao desenvolver

uma performance, é de chamar a atenção de pais, professores e até mesmo, as crianças ao desejo da própria criança em relação à arte, à educação e ao divertimento; o que compreende-se como um aspecto que se difere da arte do palhaço. HB produz obras literárias, fonográficas, entre tantas outras, e atua, diversas vezes, como pesquisadora devido a sua formação como mestra em Agronomia.

Apesar de se compreender que o palhaço não se configura um personagem, mas sim, um traço amplificado da personalidade da pessoa, um exercício de amplificação de suas emoções através de uma lupa de aumento, e, levando em consideração os tipos de palhaços mais correntes em palcos brasileiros propostos pelos estudos de Bolognesi (BOLOGNESI, 2003, p. 91) – *Clown, White Clown, Musical Clown, Toni da Camerino, Acrobatic Clown*, entre outros – busca-se, nesta pesquisa, compreender a figura apresentada por HB em suas performances como ela mesma, sem lentes de aumento ou personagem construído em ensaios. Ela, assim como toda sua obra, é construída com o tempo e a partir das experiências híbridas vivenciadas pela própria artista com suas próprias produções, performances artísticas e experiências de vida.

Segundo Bolognesi (2003, pp. 90-91), compreende-se *Clown*, o palhaço que possui conhecimento de mímica e que, em suas performances, é, geralmente, muito simpático com a plateia; *White Clown*, ou o palhaço branco, traja-se de maneira elegante e apresenta-se sempre com a face pintada de branco, com sobrancelhas e lábios levemente pintados, é sério e demonstra ser o mais inteligente do circo, muito metido e gosta de ser locutor, mas, geralmente, termina o espetáculo vinculado a alguma confusão; *Musical Clown* é o palhaço que toca vários instrumentos musicais; *Mimic Clown*, considerado uma das modalidades mais complexas do palhaço, ele é moldado com anos de experiência na área de mímica; *Toni da Camerino*, ou palhaço de camarim, está à disposição de qualquer necessidade do circo, a

qualquer número ou situação; e *Acrobatic Clown* é o palhaço que apresenta performances acrobáticas de maneira cômica, para este, é fundamental o conhecimento de técnicas corporais de acrobacia.

HB, de certa forma, dialoga com *Musical Clown* e um pouco de cada um, mas suas performances e produções artísticas buscam promover, primeiramente, o brincar com simplicidade e a relação entre lúdico, poesia e natureza, ora de forma cômica ora de forma dramática, e seguindo, a diversidade da emoção compartilhada no contato com seu público, em sua maioria, formado por crianças. Compreender que HB não é palhaça, é, também, não compreendê-la atriz. Não há ensaio de composição de sua personalidade. A artista apresenta sua própria persona no palco, porém, bem mais submersa em cores, melodias, brincadeiras e poesia.

Figura 29: HB em visita à Unidade de Educação Infantil - UEI 1º de Dezembro, 2010.



Fonte: Edinaldo Silva.

A presença lúdica da artista em creches proporciona um estado de surpresa no comportamento das crianças, que vão além do controle de seus professores. HB quebra a rotina da sala de aula pelo seu modo de se vestir e pela sinceridade tão própria dos gestos, sons e olhares desta artista cuja maior parte de sua obra é destinada às crianças. Segundo Sisto (2001, p. 115), “de todo modo, quando o movimento do corpo resulta de um movimento da alma (emoção), o gesto é verdadeiro”. Assim, HB encanta crianças e adultos. Seus gestos expressam as entranhas e a alma da artista tão criativa quanto envolvida com questões socioambientais e humanitárias.

A todo tempo, HB reinventa-se artisticamente, principalmente, no contato com as crianças. Reconhecendo a artista, também, como contadora de histórias, é possível compreender que “o que o contador de histórias quer é provocar emoção nos seus ouvintes, por isso cria formas específicas para melhor atingi-los”. (SISTO, 2001, p. 115). Andrade (2013, p. 27), assim como Huizinga (1971), acredita que o ser humano brinca, se diverte e cria, cotidianamente, novas possibilidades para continuar se reinventando, vivendo com prazer e alegria. HB escolheu o caminho das artes para desenvolver tais possibilidades de lazer, divertimento e brincadeiras no dia-a-dia, enquanto mulher e artista.

Figura 30: HB em visita à UEI 1º de Dezembro, 2010.



Fonte: Edinaldo Silva.

Os momentos com as crianças são os melhores momentos desta autora, ao estimular a criatividade e os desejos mais genuínos. Diante de uma reação diferenciada de seus alunos, que se sentem livres com a companhia da artista, os professores, geralmente, se encabulam, querem repreender seus alunos, e a autora, nesses momentos, fala: “Deixem, pois é importante essa expressão natural!”.

Santos (1999, p. 13) acredita que “para ajudar a criança no seu desenvolvimento” é preciso compreender a natureza própria da infância e perceber o brincar com “uma necessidade básica que surge muito cedo” na criança. Segundo a mesma autora,

a brincadeira é considerada a primeira conduta inteligente do ser humano; ela aparece logo que a criança nasce e é de natureza sensório-motora. Isso significa que o primeiro brinquedo são os dedos e seus movimentos, que observados pela criança constituem-se a origem mais remota do jogo (SANTOS, 1999, p. 13).

Vale a escola, a família, os professores e todos os agentes envolvidos no desenvolvimento das múltiplas inteligências da criança, continuar a estimular a brincadeira nas diferentes fases da infância, pois ela é considerada a primeira atitude humana provida de inteligência lúdica. O brincar (SANTOS, 1999, p. 21) faz parte da vida da criança desde o seu nascimento. O brincar tem sua importância a partir de diferentes pontos de vista: sociológico, psicológico, criativo, psicoterapêutico e pedagógico.

A artista, portanto, a partir de um ponto de vista poético, promove ao estimular a prática da escrita sob uma perspectiva lúdica, enfim, um momento de brincadeiras com as palavras, um retorno a uma das primeiras atitudes lúdicas do ser humano em desenvolvimento, como sugerido por Santos (1999).

A respeito do homem que, enquanto vive, brinca, Andrade (2013) discorre:

O lúdico é vivido numa concepção de construção contínua e acontece nos mais variados horários e locais. (...) qualquer objeto pode ser transformado em um brinquedo; uma vassoura, por exemplo, vira uma bela boneca; um pedaço de pau vira um carrinho; uma caixa de papelão se transforma em uma casinha; até mesmo ‘santinhos’ de candidatos no período eleitoral viram dinheiro no jogo de faz de conta. Esses exemplos mostram como a ludicidade está presente na vida do homem; mesmo nas situações mais adversas ela não deixa de acontecer. (ANDRADE, 2013, p. 34).

A partir deste mesmo pressuposto citado por Andrade (2013), de que qualquer objeto pode ser transformado em um brinquedo, a partir do senso lúdico próprio da natureza humana, HB transforma em suas poesias, canções e jogos poéticos, a palavra em um brinquedo e promove esta brincadeira em suas oficinas, obras literofonográficas e apresentações artísticas.

Santos (1999, p. 112) indica que é possível unir razão e emoção a partir da expressividade lúdica, assim, como, também, conhecimento e sonho, formando, segundo a autora, um ser humano mais pleno. Ela discorre mais adiante que “a criança que é estimulada

a brincar com liberdade terá grandes possibilidades de se transformar num adulto criativo” (SANTOS, 1999, p. 114).

Esta autora afirma que há semelhanças entre as condições favoráveis ao ato de brincar e ao ato de criar, em ambos os casos, é preciso, segundo Santos, “ter a coragem de errar e lançar-se numa atividade de forma descompromissada; é necessário ter a iniciativa e autonomia de pensamento.” (SANTOS, 1999, p. 114). Um dos últimos pontos destacados por Santos (1999, p. 118) trata de observar que a relação entre as diferentes fases do “desenvolvimento e a utilização dos brinquedos, necessariamente não se adapta a todas as crianças, pois (...) nem todas elas se manifestam da mesma forma nos seus estágios evolutivos; mais isso também faz parte da normalidade infantil”.

Uma pergunta que sempre surpreende e alegra o interior de HB, e normalmente feita por crianças muito pequenas é: “Tu és homem ou mulher?”. Em seguida, a artista responde que vai deixar a criança imaginar e que contará, quem sabe, depois. A artista quer que os adultos acompanhantes deixem as crianças livres para sentirem seu estado, segundo ela, estético, com a presença desta autora brincante, musical e literária, que todos os dias, aprende ainda mais a produzir para os adultos crescentes.

Mauro e Coelho (Carvalho et alii, 2009, p.184), com relação à Educação Musical de crianças, esclarecem que na criança arte e vida se misturam. HB sempre compreendeu a essência desta natureza, e sempre teve consciência deste aspecto em seus trabalhos de teatro e música com as crianças. Para ela, a criança não precisa ensaiar, já que possui espontaneidade e expressão de forma bem aguçada, conta que nunca pressionou as que eram convidadas para participar de seus shows.

Alguns professores de escolas e creches públicas que se localizam em situação de risco, refletindo sobre a importância da obra de HB, relataram à artista, que sua arte faz com

que as crianças esqueçam seus momentos de tristeza decorrentes da violência a que são acometidas diariamente. Entretanto, a autora estimula as crianças a criarem expressões de qualidade, não aplaudindo bobagens, a exemplo de tantas letras e coreografias depreciativas do corpo infantil, fazendo com que as crianças apresentem produções bonitas. Ela ressalta que não é simplesmente por ser criança que se deve dizer que tudo que ela faz é lindo.

A luta desta artista-educadora para além das próprias criações artísticas é o incentivo a pessoas que se dediquem a trabalhos de arte infantil de qualidade, para fazer com que as crianças passem mais momentos de esquecimento de suas tristezas diárias e que possam refletir sobre elas com mais leveza, sabedoria e entendimento de um caminho lúdico a escolher. A poeta aproveita a espontaneidade da expressão infantil, causando impacto nas próprias crianças, que não têm nas suas vivências diárias, a valorização necessária para o desenvolvimento espontâneo de seus gestos, de suas imaginações e inteligência tão próprias da infância.

Há várias apresentações sobre a escritora registradas em suas obras, dedicadas a ela, ora por amigos poetas ora por admirados de seus trabalhos artísticos. HB é reconhecida também pelos críticos como artista-educadora, compositora, cantora, escritora, poeta, acordeonista e tantos outros adjetivos reportados ao seu fazer artístico.

3. 2 O reinventar-se em cores e o brincar com palavras

Em seu primeiro livro lançado, em 1982, sob o título *Poesia Primeira*, a poeta, ainda iniciante nesta época, é apresentada por Ronaldo Bandeira. No prefácio, Bandeira inicia considerando este livro como o primeiro voo poético de HB. A poeta, ainda de maneira

tímida, já demonstra, neste livro, sua intencionalidade de escrever sobre natureza, universo infantil e feminino.

Figura 31: Capa do primeiro livro de Heliana Barriga – *Poesia Primeira*, 1982.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Nesta obra, ela ainda é apresentada como profissional da área de Engenharia Agrônômica. Na época, a escritora era pesquisadora e funcionária da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, em Belém. Onde também residia com a família.

Conta, a escritora, que a vontade de escrever seu primeiro livro de poesia veio com pouca coragem e certa timidez. Ela havia convidado seu irmão caçula Walber Pereira, poeta e, atualmente, assim como ela, também integrante do grupo Malta de Poetas Folhas & Ervas. O livro se chamaria *Poesia Primeira e Poesia Caçula*, uma coletânea de poemas da irmã mais velha e do irmão caçula. Infelizmente o projeto não vingou na época e HB prosseguiu sozinha.

A poeta relata um fato curioso a respeito de sua primeira obra. Os originais deste livro foram roubados junto com sua bolsa e reapareceram no lixo de um edifício. Alguém telefonou à artista avisando que os havia recuperado. Ela se surpreendeu ao tomar conhecimento que seu primeiro livro nasceria dessa maneira, segundo ela, tão ligado a problemas sociais.

HB lança, neste livro, poesias escritas entre os anos 1978, quando era mãe somente de Júlio Filho, e 1981, época que já nascera Nairama e Letícia. Faltava ainda nascer Cecília, sua filha caçula. A inspiração da artista nos quarenta poemas publicados nesta obra apresenta certa intimidade familiar advinda de sua relação com Júlio, seu esposo na época, seus três filhos e particularidades vivenciadas pela artista neste período. No poema *Fica* (BARRIGA, 1982, p. 34), dedicado a Júlio, HB apresenta uma tessitura poética bem diferente da apresentada atualmente:

Não
Não te vás
Fica em mim.
Tatua o teu corpo
Com o meu sangue em minha alma
Embala-me com tua voz
Com aquele sol me acalma
Que te devolvo o ar
Em doce poesia.

Em *Lágrima Criança* (BARRIGA, 1982, p. 16), a poeta inspira-se em seu primogênito, Júlio Filho:

Olhos que abrem
Que choram
Água que cresce
Que molha
Cílios que dobram
Enrolam
Se umedecem
E dormem.
Choro que canta
Que nasce
Com o dia novo
E desperta
Todos pro dia
Seu dia.
Lágrima quente
Menina
Rega meu dia
Que dorme
Traz a alegria
Me alcança
Fica comigo
Criança.

No poema *Minha Filha* (BARRIGA, 1982, p. 14), a autora inspira-se em sua filha

Nairama:

Os meus cabelos
Nos teus vão continuar
A crescer como chuva dourada
Os teus dedos serão cópias dos meus.
Os teus olhos
Os meus no espelho.
Minha vida continuará na tua.
Escreverás o meu nome nas pedras
Gritarás o meu nome no mar
E cantarás os meus versos sem fim.
Concluirás o meu livro de poesias
Realizando os meus sonhos de hoje.
Lembrarás o meu corpo
A minha voz, as minhas broncas
Com uma saudade doce, leve, branca
Quando não mais minha criança
Estarás cara a cara com o mundo.

De certa forma, Nairama Barriga, ilustradora de seus livros *Trava Trova Língua* (2001), *Letícia Coça-Coça* (2012) e *Livre* (2012), está a realizar sonhos da poeta, concluindo, juntamente a ela, novos livros de poesia com traços de suas ilustrações, como assim profetizado naquele poema.

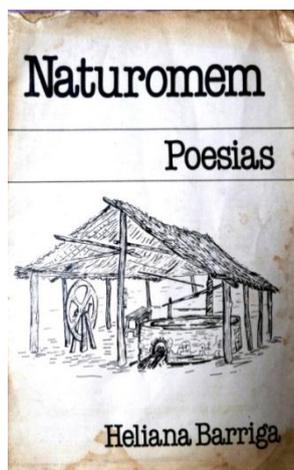
Para Letícia, também inspiradora da obra *Letícia Coça-Coça* (1996; 2012), HB dedica o poema intitulado *Letícia* (BARRIGA, 1982, p. 42):

Vendo teus olhos azuis
Eu me transformo no céu
Que se tingem mais de azul
Com o teu suave piscar.
Ao beijar as tuas mãos
Molezinhas, pequeninas
Sinto a vida renascer.
Não me canso de dizer
Foi Deus que me fez crescer
Permitindo o teu nascer.

No ano seguinte, em 1983, HB lança outro livro de poesias intitulado *Naturomem*. Nesta obra composta por dezenove poemas, a poeta já começa a relacionar ainda mais poesia,

simplicidade, natureza e trabalho com a terra; elementos fundadores de seu processo de criação e que constituem suas criações até a atualidade. A partir deste momento, a poesia começou a provocar ainda mais HB e ela não conseguia mais parar de escrever.

Figura 32: Capa do primeiro livro de Heliana Barriga – *Poesia Primeira*, 1983.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Trabalhando como agrônoma naquela época, a artista buscou inspiração para esta obra no campo, na várzea e na terra firme. O que proporcionou a produção dos poemas deste livro que trata dos desejos do homem e sua relação silenciosa com a terra, a água, a agricultura, o sacrifício e a, ainda atual, semiescraavidão. Conta, a escritora, que naquele momento, ela delirava quando conseguia expressar em poemas o que sentia em seus trabalhos no campo. A partir deste sentimento, muitas mudanças prosseguiram em suas atitudes diante à vida.

No poema *Juquira* (BARRIGA, 1983, pp. 11-12), HB apresenta versos que deram origem à canção *O Papel do Homem*, lançada em 1988, no álbum *Mala Sem Fundo* e regravada em 2002, no CD *Se Eu Fosse Você Eu Brincava*. Seguem, abaixo, os versos do poema citado:

Chamam de juquira
Às plantas invasoras
São seres tão rebeldes
Que despertam ira.

Vivem nos pastos teimando
Competindo com o capim
Num sistema de combate
De uma guerra sem fim.
A floresta é bonita
Mas precisa enriquecer
Vou transformá-la em alimentos
E para os outros vender.
O homem precisa comer
E lutar por sua sorte
Então vamos companheiros
Lá para as bandas do Norte.
A verde vegetação
Bonita dama donzela
É estuprada e sangrada
No fundo do coração.
O homem vitorioso
Chama os monstros tratores
Sem atentar que a floresta
Chora por todas as dores.
A dor de suas onças
A dor de seus passarinhos
A dor de suas minhocas
A dor de seus macaquinhos.
A dor de seus periquitos
A dor de suas araras.
A dor de suas cutias
A dor de suas piabas.
Essa tensão naturomem
Tempos está a viver
Acabará se um dos dois
Feliz se deixar vencer.

Como já observado, uma das características marcantes do processo de criação da artista HB é o conceito de intertextualidade sugerido pela literatura linguística contemporânea. Kristeva (1974) afirma que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA *apud* KOCH, 1997, p. 48). Conceito já analisado por outros teóricos como, por exemplo, Roland Barthes (1974), que discorre o seguinte argumento acerca da intertextualidade:

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob forma mais ou menos reconhecíveis. (BARTHES *apud* KOCH, 1997, p. 46).

Portanto, na relação entre o poema *Juqira* (BARRIGA, 1983, pp. 11-12), citado acima, e a canção, que segue abaixo, *O Papel do Homem* (BARRIGA, 1988; 2002), encontra-se um exemplo da obra de HB do que se compreende por intertextualidade:

E chega o homem
Tão pequenino
Perto da mata
Jovem menino
Derruba tudo
Com seu machado
Eu um minuto
Tudo estragado
Vem de outras terras
Com seus tratores
Acabando com a floresta
Sem escutar suas dores.
A dor de sua onça,
A dor de seu passarinho,
A dor de sua minhoca,
A dor de seu macaquinho.

Em 1984, lançou seu primeiro livro de Literatura de Cordel, *Um Amor de São João*. A artista revolve as origens nordestinas de sua família para o processo de criação deste livro. Relata que, quando criança, seu pai lhe contava histórias em cordel e as cantava em seu violão. Na época de lançamento deste livro, a escritora não tinha noção da métrica nem da rima literária própria do Cordel, mas o fez, por vontade, paixão e musicalidade.

Figura 33: Capa do primeiro livro feito em Literatura de Cordel de Heliana Barriga – *Um Amor de São João*, 1984.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Ao renovar sua escrita com este gênero literário, HB inova também com o movimento de literatura independente. Com o lançamento deste livro, a escritora “parte para a edição de seu primeiro trabalho independente” (“O Liberal”, 1984a). Após uma viagem ao Rio de Janeiro, onde observou “o movimento de jovens poetas que, sem condições de ter seus trabalhos publicados por uma gráfica, recorrem ao mimeógrafo como única forma de divulgar poesia” (“O Liberal”, 1984a). A escritora, em constante renovação, “prega a formação, em Belém, de um movimento de literatura independente” (“O Liberal”, 1984c). Pela trajetória literária de luta pela valorização da poesia, HB é reconhecida uma militante da palavra nesta pesquisa.

Após lançar os livros citados acima e mais alguns poemas em *Antologia De Poetas Brasileiros* – 1982 e o livro *Mãe Amor* – 1983, este último, segundo ela, uma homenagem de amor aos seus filhos, HB inaugura uma nova fase de sua vida literária com os lançamentos dos livros *A Anta Antonia*, *A Abelha Abelhuda*, *A Perereca Saieca* e *Minha Historinha*, em 1984, pela editora FTD, em São Paulo e ilustrados por Mário Barata II. Neste momento, a autora é reconhecida, também nacionalmente, como escritora de literatura infantil.

Figura 34: Capas dos livros lançados pela Editora FTD – 1984.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

HB conta que no início da década de 1980, em Belém, havia uma livraria chamada *Nossa Livraria*, que estimulava bastante os clientes e os escritores locais, por meio da ideologia de seu proprietário, Neyro Rodarte¹⁵. A artista frequentava bastante o local e assim, conheceu o livreiro em suas visitas literárias. Nesta ocasião, ele a entusiasmou a mandar textos de literatura infantil para a editora FTD, que, na época, estava abrindo ainda mais suas portas para a criatividade brasileira e estava recebendo cinquenta novos autores.

A escritora relata que, graças ao incentivo de Neyro Rodarte, ela tomou coragem para enviar a partir deste importante livreiro, que, também, era distribuidor da FTD em Belém, cinco textos de sua autoria com ilustrações de Mário Barata II, dos quais quatro foram selecionados. HB inaugurou a Série Acalanto com os títulos *A Abelha Abelhuda*, *A Perereca Sapeca* e *Minha Historinha*; *A Anta Antonia* compôs a Série Primeiras Histórias.

Para a surpresa da autora, seus livros foram distribuídos para todo Brasil e venderam, inicialmente, mais de seis mil exemplares. O que lhe foi noticiado por um distribuidor que a parabenizou em uma participação em um Congresso de Literatura Infantil, em Niterói, ainda no início da década de 1980.

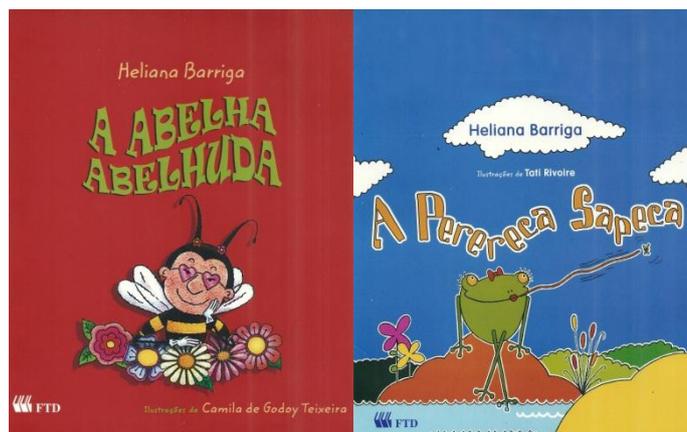
Este fato deu uma nova guinada à sua arte e à sua vida. HB conta que desistiu de uma viagem para doutoramento a outro país, para acompanhar o novo ritmo de sua produção literária e saber mais sobre a reação das crianças leitoras de suas obras.

Atualmente, a autora continua com contrato com a editora FTD com as obras *A ABELHA ABELHUDA* e *A PERERECA SAPECA*, ambas em edição renovada com ilustrações, a partir de 2006, de Camila de Godoy Teixeira e Tati Rivoire, respectivamente.

Figura 35: Capas das edições renovadas de *A Abelha Abelhuda* e *A Perereca Sapeca*,

¹⁵ “(...) um grupo de livreiros, à frente Raimundo Antônio Jinkings e Neyro Rodarte, decidiu realizar a primeira Feira do Livro de Belém, que acabaria empastelada pela Polícia Federal, então a serviço da repressão da ditadura militar. (...) Neyro Rodarte, politicamente um liberal, no melhor sentido do termo, que seduz pela elegância, no trajar e nos modos (...)”. (http://www.museu-goeldi.br/institucional/i_enderecos.htm)

livros ainda distribuídos pela editora FTD de São Paulo, 2006.



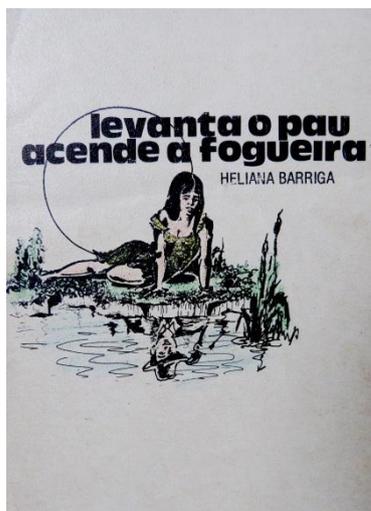
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Em entrevista presente no trabalho de conclusão de curso de Ribera & Sampaio (2006) sobre o imaginário infantil em suas obras literárias, HB discorre a respeito do melhor momento de sua carreira:

Foi a publicação desses livros de literatura infantil de uma vez só. Já pensou? Eu estava iniciando nessa área e ser premiada assim... Foi o máximo para alavancar o meu nome, pois esses livros foram enviados para todas as bibliotecas públicas de todo o país. Fiquei em êxtase, nem conseguia entender o que estava acontecendo (...). (RIBERA & SAMPAIO, 2006, p. 39).

Na X Semana do Escritor Paraense, em 1988, HB lançou o livro *Levanta o Pau Acende a Fogueira*, no hall da Biblioteca Arthur Vianna, onde se encontrou com a professora especialista em literatura infantil e escritora Maria Lúcia Medeiros que, na ocasião, apresentou seu livro à escritora e educadora Fanny Abramovich, que informou que gostou muito, como foi lhe fora relatado pela professora. O livro, que recebeu apoio do Colégio Anchieta, reúne seis simpatias em forma de verso. Algumas juninas, outras eróticas.

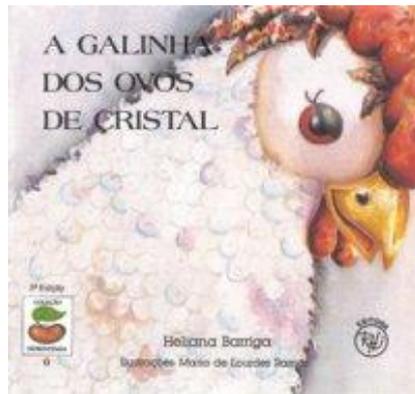
Figura 36: Capa do livro *Levanta o Pau Acende a Fogueira*, 1988.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

“As crianças a adoravam, e não deixavam que a matassem, para que fosse vendida como frango morto e abatido na hora. Seria um fim deprimente para COCORINA (...)” (BARRIGA, 1989, p. 03), assim HB leva o leitor mirim a refletir a partir de seu livro *A Galinha dos Ovos de Cristal* produzido com a editora RHJ de Minas Gerais, em 1989, sobre a questão do abate de animais nas feiras e mercados. A autora conta que ao chegar a um mercado para comprar frango, reparou em um ovo bem delicado que estava exposto a venda junto a outros, ele foi o fio condutor para a criação desta história.

Figura 37: Capa do livro *A Galinha dos Ovos de Cristal*, 1989.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

HB lança um de seus livros de maior poeticidade e ludicidade com as palavras, *De Cabeça Para Baixo*, pela editora Lê de Minas Gerais, também, em 1989. Segundo uma matéria veiculada no jornal “O Liberal” (1989):

O livro é baseado na experiência de Heliana com crianças, na maioria em idade pré-escolar, de escolas particulares e públicas de Belém e do interior, com as quais têm ampliado seu universo infantil. Esse livro, particularmente, é a história de uma garotinha com quem Heliana trabalha muito no despertar da poesia. Segundo ela, “dou umas sacudidas para ver se cai alguma coisa”. E cai de tudo, tanto que ela conseguiu escrever seu livro com muita graça, serenidade e maturidade (O LIBERAL, 1989a).

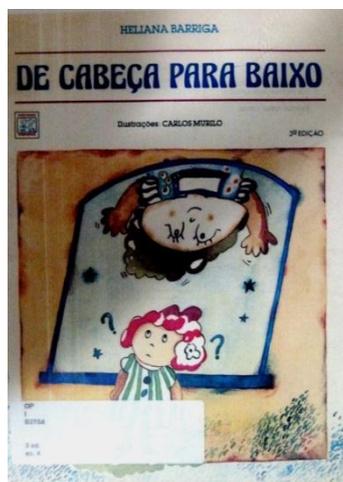
Na entrevista, a autora destaca que “a criança saca das coisas bem mais que se imagina. Eu gostaria de sacar tudo o que elas sacam. Saber o que querem” (O LIBERAL, 1989b). Segue, abaixo, a transcrição do livro *De Cabeça para Baixo* (BARRIGA, 1989c):

Sacudiram a menina poeta de cabeça para baixo, e de dentro dela:
Caiu uma bolinha que rolou, rolou, rolou, desenrolou e enrolou;
Caiu a bonequinha disco voador, que voando foi sentar na careca do vovô;
Caiu um velho sapato, todo manchado, com boca de jacaré;
Caiu um lápis maluco, mordido e sem ponta, que sai riscando tudo o que não é da sua conta;
Caiu um pião emocionado, que quando sai girando, fica todo desmanchado;
Caiu uma chave que faz careta e abre todas as gavetas;
Caiu uma pipa míope, que só sabe voar baixinho, bem pertinho do chão;
Caiu uma barquinha em disparada, que tropeça na calçada e voa lá para o telhado, para a antena da televisão;
Caiu um caquinho de espelho a refletir o sol quente, fechando os olhos vivos das portas da gente;

Caiu uma gaita pequenina, que toca com o vento norte, leste, sul ou oeste, as coisas que o peito sente;
Caiu um palhacinho de corda, que anda e se descontrola. Ri e chora, chora e ri, Ah!, Ah!, Ah!, Buá!, Ih!, Ih!;
Caiu uma caverinha que muda de cor, e faz toc-toc em tudo que é flor;
E de você caiu o quê?

A artista, solta como a menina poeta do livro, inventa mil coisas. Ao dançar e cantar, em contato com as crianças, nas praças, teatros, hospitais, museus e escolas, a poeta protesta da melhor forma que sabe fazer, como citado na a reportagem (O LIBERAL, 1989d), ou seja, com poesia. Ela pinta as sobrancelhas de azul, veste macacões coloridos e apresenta, com ludicidade, as histórias de sua *Mala Sem Fundo*. HB (O LIBERAL, 1989e) diz que não gosta de fazer um trabalho convencional. Gosta mesmo é de novidades, por isso está constantemente inventando novas possibilidades de interação com as palavras por das artes e da brincadeira.

Figura 38: Capa do livro *De Cabeça Para Baixo*, 1989.



Fonte: Acervo da Biblioteca Arthur Vianna, 2013.

Conta, a autora, que na época que criou esta história, ministrava oficinas com o mesmo nome da obra. A menina poeta invisível a acompanhava nestes momentos com as crianças. Na salas de aula, HB sacudia a menina e caíam, dela, inúmeras inspirações poéticas. HB sacudia, em brincadeiras, as próprias crianças que deixavam cair coisas que os professores

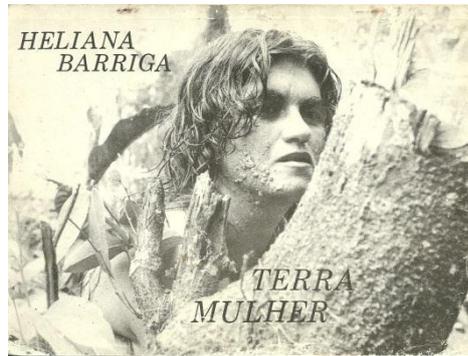
se admiravam. Reconhece que com a menina poeta, as crianças apresentavam maior liberdade em criar poemas e histórias.

O livro nasceu em conjunto com as oficinas. Conta, que na mesma época, compôs a canção *Tempo*, gravada posteriormente, em 1999, em seu álbum *A Filha do Jabuti*. Para compor esta música, a autora se inspirou nas lembranças de seu filho Júlio que já estava vivendo, naquela época, a sua adolescência longe fisicamente da mãe e poeta. Segue a letra da canção:

O tempo quer passar pelo menino
Mas o menino não quer
O menino gosta é do palhaço
E de vez em quando do tempo
O tempo soube disso
E teve uma ideia
O tempo teve uma grande ideia
Vestiu calcinha e sutiã
Botou chapéu com flor
Batom, pulseira e cordão
E botou uma peruca de palha de aço
O menino teve saudade
Daquele tempo palhaço

O livro *Terra Mulher* foi lançado em 1990. Seu irmão Chico Neto, médico ginecologista, desenvolvia, nesta época em Castanhal, um projeto de promoção da saúde da mulher, por meio do CENPLAFAM (Centro de Planejamento Familiar. Havia a preocupação de divulgar o método natural de contracepção Billings.

Figura 39: Capa do livro *Terra Mulher*, 1990.



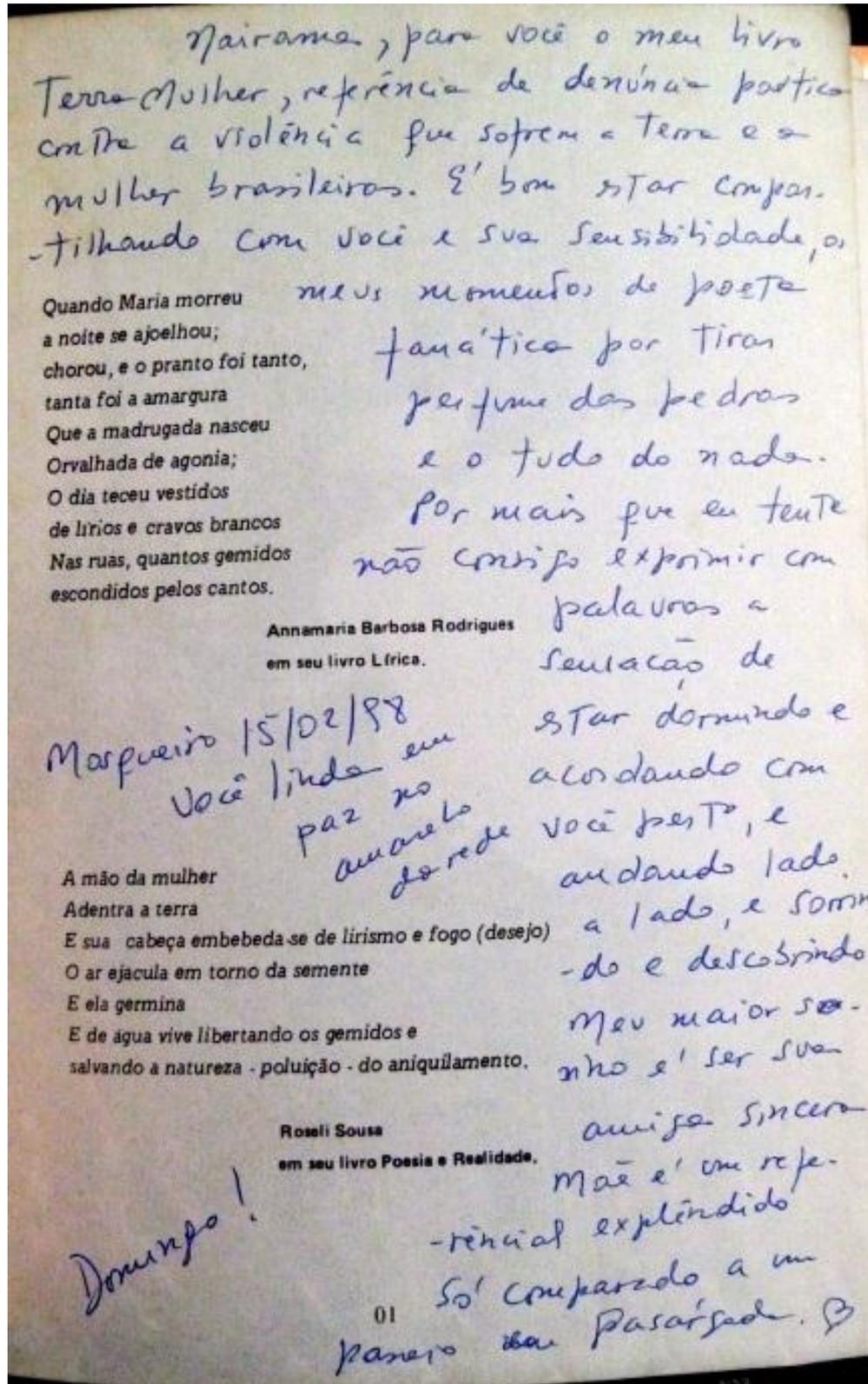
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

A poeta conta que seu irmão a apresentou à poesia do método e, em seguida, ela criou vários poemas. O livro foi editado com o patrocínio da gráfica Johelda e as fotos são de autoria do fotógrafo local, Léo Borges, que ficou muito sensibilizado com a poesia da artista. Segundo uma reportagem (“Diário do Pará”, 1990), neste livro,

a escritora mostra a importância que a mulher confere à vida, comparando-a à terra fecundada e estabelecendo, portanto, uma íntima relação entre as duas, que propõe uma nova reflexão sobre a fertilidade e o trabalho no campo. ‘Terra-Mulher’ é o livro que fala dessa reflexão, na linguagem da poesia (...). ‘No livro, eu me assumo como poeta e também me levo junto como um todo, como agrônoma, o que eu quero ver é a mulher na agricultura, o que está fazendo (...). Seu interesse pela relação mulher/terra aconteceu a partir do contato com as índias Kaiapó, ‘quem vive em contato com a terra e não dizem nada’ (...). O contato com as Kaiapó deu-se no Xingu, em fevereiro do ano passado, quando Heliana participou do I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu (...). ‘Terra-Mulher’ é um trabalho de fomentação para gostar de poesias, sejam mulheres, homens ou crianças. Mas, sem dúvida, o alvo maior é quem tem ligação com a terra. ‘Eu, como agrônoma, nunca vi um trabalho que abordasse a relação da mulher com a agricultura’.

Em uma dedicatória do livro à filha, HB esclarece que ele é uma referência de denúncia poética contra a violência que, a partir das palavras da própria poeta, sofrem a Terra e as mulheres brasileiras. Segue um registro da dedicatória:

Figura 40: Contracapa do livro *Terra Mulher*, 1990, com uma dedicatória da artista destinada à sua filha.



Jogo do Bicho, 1997, é um livro da artista HB que surgiu de exercícios com os quais a poeta compunha poemets avulsos sobre os bichos do Jogo do Bicho. A artista os apresentava nos intervalos dos shows da compositora e veterinária, Déia Palheta. O livreto foi lançado, posteriormente, na Praça da República na ocasião de um evento com a Associação de Defesa dos Animais. Como nota introdutória ao livro, HB sugere:

Eis a poética do Jogo do Bicho.
Antes de dormir, declame o poema para o bicho.
Sonhe com ele.
No outro dia aposte no bicho sonhando e ganhe milhões.
Não se esqueça de investir na poesia.
Boa sorte da Heliana Barriga.

Mais adiante, no último poemeto do livro (BARRIGA, 1997, p. 13), HB promove a seguinte reflexão aos leitores:

Vaca

A vaca pasta esquartejada
Na consciência remarcada
Dos supermercados

Figura 41: Capa do livro *Jogo do Bicho*, 1997.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Acerca do livro *Balada de Frutas – Ecologia e Erótica*, lançado em 1998, C.P. Barriga analisa:

A escritora paraense Heliana Barriga (1998, p.03) discorre sobre o ato de criação de seu livro *Balada de Frutas – Ecologia e Erótica*: ‘O que estava escrito era salada de frutas e eu li balada. Foi um achado, um ganho poético’. O ganho poético a que a autora se refere foi proporcionado pelo seu elevado grau de astigmatismo. Em conversa, Barriga diz que enxerga melhor quando está feliz e emocionada, e precisa de lentes quando retorna à dura realidade. Enxergar com óculos é uma maneira de camuflar os olhos da alma criativa da artista, que se liberta quando a própria autora se liberta dos aros e amarras de seus óculos. (C.P. BARRIGA in MARTINS & CARDOSO, 2012b, pp.76-77).

Em seguida, discorre sobre o erro poético e criativo:

O antigo ditado, segundo Giani Rodari, já dizia: se aprende com os erros; mas quando se privilegia o olhar do poeta ou da criança, entende-se que se inventa com os erros. Rodari (1982,p.35) acredita que ‘em cada erro existe a possibilidade de uma estória’ e que ‘o erro pode revelar verdades escondidas’. Errar é relativo, pois para os poetas, os erros são vistos como valiosos ganhos poéticos. Uma palavra vista com os olhos de criar pode soar como um erro, mas ela é que dará vazão, ou melhor, visão, a novas possibilidades de escrita e de leitura. Os escapes das palavras e das imagens, vistas por estes olhos, estão presentes, principalmente em poemas, músicas e nas brincadeiras de crianças. É com o terceiro olho, o qual possui o olhar da sensibilidade e da ludicidade, que o ser humano reinventa a si mesmo e às suas vivências. (C.P. BARRIGA in MARTINS & CARDOSO, 2012, p. 77c).

Assim como HB, o poeta mato-grossense Manoel de Barros destaca em suas considerações no filme *Janela da Alma* (JARDIM & WALTER, 2002, DVD), em C.P. Barriga:

Que enxerga mais com o seu sentimento primitivo do que com os olhos de enxergar. Para criar, o poeta transfigura a realidade com os olhos de enxergar. Para criar, o poeta transfigura a realidade a partir de sua imaginação e acredita que esta é a principal ferramenta do artista. a imaginação, segundo ele, é que transfigura o mundo. (C.P. BARRIGA in MARTINS & CARDOSO, 2012d, p. 77)

À semelhança do tratamento da palavra, da imaginação e da lida com os sentimentos por parte de Manoel de Barros, HB também transfigura o mundo que vê e manipula poeticamente em sua livre brincadeira de criar artisticamente, ao converter pelo prisma de sua poeticidade os aspectos referentes à realidade sentida pela poeta. Em seguida, C.P. Barriga complementa:

Transfigurar o mundo remete ao conceito de *conversão semiótica* proposto por Paes Loureiro. Este conceito para o teórico designa uma ‘passagem modificadora da qualidade dos signos, (...) como resultado de alteração da dominante em um contexto cultural ou passagem a outro contexto’ (LOUREIRO, 2007, p.36).

Enxergar o mundo é algo inerente à construção cultural do olhar, pois, para Caldas (1999, p. 30) ‘o real do olhar é o imaginário de cada sociedade’. Paes Loureiro (2007a, p.11) acredita que ‘o homem cria, renova, interfere, transforma, reformula, sumariza ou alarga sua compreensão das coisas, suas ideias, por meio do que vai dando sentido a sua experiência’. (C.P. BARRIGA in MARTINS & CARDOSO, 2012e, p. 77)

HB acredita que nos erros cometidos pelo poeta quem ganha é a poesia. Para Nachmanovitch (1993, p. 90), “o poder dos erros nos permite reestruturar os bloqueios criativos e virá-los do avesso”. Ela conta que, no início, os poemas avulsos eram expostos em um varal nos encontros de cultura no SESC, com a AACC (Associação de Arte e Cultura de Castanhal), da qual fazia parte. As pessoas liam e copiavam os poemas. Isso a incentivou a produzir o livro *Balada de Frutas – Ecologia e Erótica*, em 1998.

Em uma entrevista veiculada no jornal “Diário do Pará” (1998), a poeta explica que ela é, neste trabalho, como ““(...) uma espécie de pombo correio entre a floresta e a cidade’. No livro, a escritora presta sua homenagem às frutas, ‘as faxineiras de nosso corpo’, observa.” (MAUÉS, 1998). HB continua e diz que ““(...) ‘à medida que as pessoas leem os poemas, elas começam a descobrir cada uma das 19 frutas que compõe o livro’. (...) ‘é um exercício erótico-poético que pretende estimular as pessoas a prestarem mais atenção às frutas’.” (MAUÉS, 1998).

Figura 42: Capa do livro *Balada de Frutas – Ecologia e Erótica*, 1998.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

O livro *Mala Sem Fundo Um Lugar de Ilustrar*, lançado em 1990, apresenta uma transposição literária do texto teatral e projeto fonográfico, ambos de mesmo nome, *Mala Sem Fundo*, realizados pela artista HB em 1987, em Belém. Após a criação dessas obras teatral e musical, conta a escritora, que houve a necessidade de registrar em um livro. Sensibilizada pela ideia de Mário Quintana, um dos poetas da preferência da artista, de que todo livro de poesia teria que ter espaços em branco para serem preenchidos com os desenhos das crianças leitoras, logo, decidiu, também, produzir um livro a este modo. Cada leitor poderia ter seu espaço no livro para criar suas próprias ilustrações. Segue *Da Paginação* de Mario Quintana:

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficiente claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gato, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas... (QUINTANA *apud* GE, 2007).

Anos mais tarde, HB lança um novo livro *Acredite Quem Quiser*, já em 2008, com esta mesma proposta referente aos espaços para a participação e produção do leitor. Em ambos os livros, *Mala Sem Fundo Um Lugar de Ilustrar* (1990) e *Acredite Quem Quiser* (2008), há um prefácio, em singelas palavras, elaborado pela poeta Roseana Murray: “O poeta sabe sobre estrela. A criança sabe sobre estrela. Heliana Barriga sabe sobre estrela, sobre ar, água, terra, sobre os bichos e a língua das pedras”. (MURRAY *apud* BARRIGA, 2008, p. 03).

Figura 43: Capa do livro *Malta Sem Fundo Um Lugar de Ilustrar*, 1990.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

HB – poeta, escritora, cantora, compositora, engenheira agrônoma e mestra em Genética e Melhoramento de Plantas, desde o início da década de 1980, integra o grupo de poetas *Malta de Poetas Folhas & Ervas*, juntamente com os poetas Antonio Juraci Siqueira - filósofo e trovador - , Benilton Cruz - professor e doutor em literatura - , Edvandro Pessato - Sargento do Exército e formado na área de Letras - , Onna Agaya – arqueólogo - , Roseli Sousa - professora e doutora em educação - , Walber Pereira - professor de inglês - e, mais atualmente, conta também com a participação do poeta Márcio Galvão – professor de biologia em LIBRAS. O coletivo já publicou três livros: *O Livro da Malta* (1999), *Luz – Malta de Poetas Folhas & Ervas* (2004) e *O Livro da Malta III* (2008).

Figura 44: Capas dos três livros lançados pela *Malta de Poetas Folhas & Ervas*, respectivamente em 1999, 2004 e 2008.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A *Malta de Poetas Folhas & Ervas* – doravante *Malta* - é um coletivo de poetas que se reconhece como um bando armado de palavras. É possível acompanhar a trajetória deste grupo ao ler a apresentação de seu segundo livro publicado, *Luz – Malta de Poetas Folhas & Ervas* (2004, p. 7-10). Neste texto, consta que o bando teve origem durante a programação do projeto *Pôr-do-Som*, na Feira do Açaí, em 1984, em Belém.

Nesta ocasião, os poetas Antonio Juraci Siqueira e Onna Agaya convidaram a mestra na área de Agronomia e escritora iniciante, Heliana Barriga e o graduando na área de Letras, Benilton Cruz para participar do evento. Eles recitaram suas poesias sobre um caixote, renovando com gestos e intenções variadas próprias da identidade de cada participante, as performances e maneira de aproximar o público transeunte à causa da poesia.

No mesmo ano, um encontro de poetas intitulado *Arte Alternativa* foi promovido pelo arqueólogo, poeta e pesquisador, Onna Agaya, no Museu Paraense Emílio Goeldi¹⁶. Na ocasião, surgiu o varal com exposição de poemas do grupo. Houve a necessidade de promover

¹⁶ O Museu Paraense Emílio Goeldi é uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil. Está localizado na cidade de Belém, Estado do Pará, região amazônica. Desde sua fundação, em 1866, suas atividades concentram-se no estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados à região. MPEG – O Museu da Amazônia (http://www.museu-goeldi.br/institucional/i_enderecos.html).

mais encontros. Praças se tronaram cativas aos poetas, pois acreditavam que a poesia deveria sair do pedestal e imergir no mundo, se aproximar das pessoas. A palavra divulgada, na época, era a falada.

O primeiro espetáculo do grupo, *Hipnose Poética*, ocorreu em 1987, com a participação especial de Leila Mícolis e Aarão Ramos na arena de um circo instalado na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – CENTUR. A marca principal do coletivo de poetas tomou forma nesta ocasião, de forma mais amadurecida: “o encantamento dos sentidos pela poesia falada, face a face com o público.” (MALTA, 2004, p. 8).

A poeta Roseli Sousa integrou-se ao grupo no início dos anos 1990. A proposta da Malta, neste momento, eram os poemas-show e tratava-se de “(...) espetáculos poéticos em teatros de Belém. Com algum reconhecimento na cartola, em 1990 conquistou a *Sala da Poesia*, na Morada da Arte, e a *Banca do Escritor Paraense*, na Feira de Artesanato da Praça da República.” (MALTA, 2004, p.8).

Há relatos de que nesta mesma época de efervescência poética, o nome do coletivo foi anunciado. A propósito da escolha e composição do nome:

Foi nessa ocasião que fomos registrados (libertariamente) como *Malta de Poetas Folhas & Ervas*, como todos sabem, quer dizer bando, corja. Enfim, é um termo pejorativo, mas que, significativamente, representa o nosso compromisso com a liberdade de expressão poética e com a crítica ao preciosismo acadêmico. Já *Folhas & Ervas*, que Onna Agaya havia absorvido dos *Beatniks* norte-americanos e dos alternativos e mimeógrafos do Rio de Janeiro, representa a música e a dança dos entes espirituais das florestas, levadas à agitação urbana. (MALTA, 2004, p. 8).

Entre os espetáculos que tiveram destaque ao longo da trajetória poética da Malta na década de 1990 e início dos anos 2000, torna-se relevante citar os apresentados nas instalações do Teatro Experimental Waldemar Henrique, como, por exemplo, *Hipnose Poética II* (1990); *(Pâ)nico Poema Show* (1991); *O Banquete*, com participação especial de Ballet Vera Torres

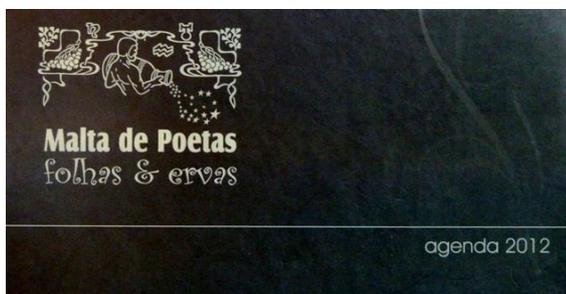
(1992); *Heavy Poema Show*, com participação da Banda Zênite (1993); *Do jeito que o Diabo gosta e Nosso Senhor consente* (1994).

Além do espetáculo já citado, ocorreu também na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – CENTUR, a apresentação de *Poesia Pará Todos* (1993). *Poemas de Amor e Morte* (1994) foi apresentado na V Semana de Cultura Alemã da Casa de Estudos Germânicos/UFPA; *Atrás da Porta* (1996) no Theatro da Paz e *Ritual Poemístico* (1999) na Praça do Pescador, todos apresentados em Belém (MALTA, 2004, p. 8-9).

O objetivo da Malta em suas apresentações poético-artísticas em teatros e praças de Belém é de “tentar recuperar a poética das pessoas, invadir os sentidos de todos os mais comuns seres humanos, fazendo brotar o inesperado senso poético. Todos nós o temos, basta incentivar para que apareça.” (“O Liberal”, 1992).

Além das publicações em livros, participações em espetáculos e em diversos eventos da cidade de Belém, os poetas que compõem a Malta se reinventam em suas produções solos e em comum, por exemplo, com o lançamento da agenda poética da *Malta de Poetas Folhas & Ervas*, na XVI Feira Pan-Amazônica do Livro, em 2012.

Figura 45: Capa da agenda poética da *Malta de Poetas Folhas & Ervas*, 2012.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Entre datas e compromissos, o amante de poesia que consultar dia-a-dia a sua agenda, terá oportunidade de entrar em diversos e variados mundos apresentados pela miscelânea de

versos misturados de forma a brincar com o cotidiano do leitor. Os poetas da Malta se misturam e reaparecem, com a identidade própria de cada um, em fragmentos poéticos no decorrer do ano de 2012 que se segue pelo interior agenda.

É possível observar a brincadeira e liberdade com as palavras, características marcantes no processo de criação de HB, nos seus seguintes poemets (MALTA, 2012. agenda):

Setembro: GIRANDA

Abri bem os braços
Pendurei todos os
brinquedos velhos do
mundo.
E comecei a girar.
O corpo girando a
História.
Um carrossel que
pulsava
ora em cima
ora em baixo.

...

Novembro: (Sem título)

AUTORITARISMO?
AUTORIZAR
AUTO RISAR
ATÉ GAR-GA-LHAR...

...

Dezembro: (Sem título)

BORBOLATA
BORBOLETA
BORBOLITA
BORBOLOTA
BORBOLUTA
BORBOLETRA

Os encontros, reuniões, estudos de poesia, escolhas, preparação e performances de poemas da Malta em “(...) teatros, escolas, bibliotecas, prefeituras, Feira de Livro, secretarias, museus, praças, circos, casas residenciais, comerciais e monumentos, sempre mantendo a

ideia de que lugar de poesia é no coração das pessoas (...).” (MALTA, 2004, p. 10), alimentam a poesia e o espírito de ser humano e de poeta da artista. No grupo, todos os integrantes têm liberdade para escolher os poemas a recitar e os que irão compor as publicações do coletivo.

Segue, abaixo, com o propósito de fazer compreender a proposta poética do grupo, *Os Dez Mandamentos da Malta de Poetas Folhas & Ervas* (MALTA, 1999, p. 2005):

- I. Não desprezar as palavras;
- II. Conhecer o maior número possível de palavras;
- III. Conhecer o maior número possível de pessoas;
- IV. Criar novas palavras e novas pessoas;
- V. Manobrar as possibilidades da palavra;
- VI. Não duvidar do que criou;
- VII. Não esquecer que é gente;
- VIII. Trabalhar com a razão, mas escrever com o coração;
- IX. Antes de dormir, escovar os dentes;
- X. Sonhar linguagens da noite e do dia, para acordar os que andam mortos na vida, para ser única a tarefa de poesia;
- XI. Os dez mandamentos, na verdade, são onze porque o poeta, antes de tudo, é um quebrador de regras.

A Malta é “uma presença articuladora para tantos outros amantes da palavra em Belém” (“O Liberal”, 2004). O grupo de amigos poetas não se reconhece como uma entidade, pois não existe um estatuto, regra ou porta-voz, somente os mandamentos, acima, citados. O motivo que faz o grupo permanecer unido há quase três décadas pela resistência da poesia é “a inquietação e o desejo de ver o verso na boca do povo” (“O Liberal”, 2004).

Uma das características mais marcantes do coletivo é ter poemas na ponta da língua para dizer a qualquer hora, não importa o público ou local. A Malta interessa-se em tirar dos livros, das gavetas e das caixas empoeiradas da memória do poeta, a sua identidade poética e aproximá-la do povo, como poesia ação. Ainda na mesma matéria veiculada no jornal “O Liberal” (2004), segue o seguinte posicionamento da Malta a respeito da quantidade de membros que formam o coletivo, “ao contrário do que possam pensar, também não é um grupo fechado. Mas é legal que, ao invés de serem incorporados a Malta, existam outros

grupos, como tem o *Coisa de Ninguém*, do Clei de Souza e o *Tuíra*, do Paulo Vieira. Quanto mais grupos, melhor” (“O Liberal”, 2004).

O livro *Trava Trova Língua*, escrito por HB e ilustrado pela filha da artista, Nairama Barriga, teve o lançamento de sua primeira edição realizado em 2001. A obra também recebeu apoio do Colégio Anchieta. Conta, a autora, que ela foi influenciada pelo Programa Abracadabra, da Rádio Cultura, para realizar os poemas para este livro. O processo de criação ocorreu quase de maneira espontânea, como de um só lance, relata a poeta. Segue, como exemplo, *Brinco* (BARRIGA, 2001, p. 6):

Ouro duro de dourado
Orelha do céu tem furo
Sol da sola do soldado
Brinco brinquedo no escuro.

Neste livro, a escritora dá origem ao gênero ‘trava trova língua’, que ela compôs ao dar origem a travas-línguas escritas em trovas. As composições desta obra podem confirmar o conceito de intertextualidade presente no processo de criação da artista, que entrecruza, a todo o momento, diferentes linguagens artísticas (música, literatura, pintura, desenho, poesia e dança), haja vista, que os personagens das canções e poemas do álbum fonográfico *Letícia Coça-Coça*, lançado em 1996, inspiraram e deram origem aos poemets desta nova obra.

Figura 46: Capa da primeira edição do livro *Trava Trova Língua*, 2001.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Os textos de HB, musicais e fonográficos, estão em constante diálogo ao longo de suas publicações. Personagens e temáticas se entrecruzam permitindo a observação de uma grande rede contínua de criação, contribuindo para a tessitura de uma identidade artística. Segundo Paulino, Walty e Cury (1995, p.64), o importante é que o fio da leitura não seja interrompido, pois conforme as autoras, a leitura é interação e também um movimento conjunto. Intertextualidade é um fenômeno presente e necessário à literatura na contemporaneidade, já que “(...) a linguagem literária invade o domínio de outras linguagens, ao mesmo tempo que se deixa penetrar por elas.” (PAULINO; WALTY; CURY, 1995, p. 20). As autoras acreditam também que

toda leitura é necessariamente intertextual, pois, ao ler, estabelecemos associações desse texto do momento com outros textos á lidos. Essa associação é livre e independe do comando de consciência do leitor, assim como pode ser independente da intenção do autor. Os textos, por isso, são lidos de diversas maneiras, num processo de produção de sentido que depende do repertório textual de cada leitor, em seu momento de leitura. (PAULINO; WALTY; CURY, 1995, p. 54)

Gebara (2002, p. 87), conceitua os trava-línguas como “(...) jogos conhecidos que desafiam a criança a superar certas dificuldades, ao pronunciar algumas palavras, sons ou combinações de sons”. A autora continua explicando que “(...) a repetição da frase cada vez mais rapidamente pode gerar o erro. O erro, a risada. A risada, a recompensa do jogo”. (GEBARA, 2002, p. 87). Portanto, o trava trova língua, proposto por HB, também funciona como uma brincadeira, estimulando, de certa forma, pela rapidez exigida durante a leitura, o erro criativo e a risada espontânea de seus leitores mirins ou adultos.

Gebara (2002), em seguida, garante que

o ponto central do trava-língua, do trocadilho, do cacófato é a nova ligação estabelecida entre palavras que aparentemente nada têm em comum. As relações que surgem desses jogos não são somente de interesse do universo lúdico, pode-se encontrar vasta bibliografia de correntes ligadas à psicanálise – comentários e análises sobre o assunto -, pois, quando se trata de lapsos, o novo conteúdo reformulado diz muito a respeito do locutor. Isso também pode ser aplicado para as crianças, visto que, nas relações criadas ou ouvidas, elas constroem uma visão mais

ampla dos sons e projetam novas possibilidades de associação de sentido ou explicitam a materialidade do significante, visto que, num primeiro momento, esse aspecto do signo se destaca. (GEBARA, 2002, p. 87)

A obra de HB intitulada *Poemas da Monga, suas façanhas e seu destino espantoso - 16 poemas sacro-profanos sobre o Círio e a Virgem de Nazaré*, “é acima de tudo, um ato de coragem de uma artista sempre inovadora em tudo que faz, que não mascara a realidade nem a si mesma (...)” (SIQUEIRA *apud* BARRIGA, 2011, p.03).

Figura 47: Capa do livro *Poemas da Monga, suas façanhas e seu destino espantoso - 16 poemas sacro-profanos sobre o Círio e a Virgem de Nazaré*, 2011.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

A personagem “Monga, a mulher gorila” é uma das lembranças preferidas da infância escritora. O livro foi produzido a partir de lembranças desta personagem do cenário circense das memórias da artista enquanto criança. Seguem, nas páginas de seu livro de poemas, traços autobiográficos escritos por HB (BARRIGA, 2011, p. 07):

3

Os brinquedos me desejavam
E eu desejava a lua
Nos guiando na estrada
Belém-Castanhal.
Meu pai me ajeitando o sono
Na carroceria do caminhão
De lona dobrada.
Monga
Desejo infantil

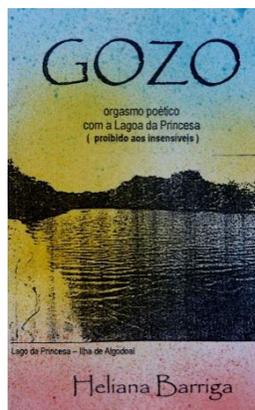
Pornô juvenil
Gorila se desfazendo em mulher
Virgem
Samara
Amara
A mar
Ih! Mijei na cama.

A artista confessa que sempre sentiu um grande fascínio pela personagem e pelo teatro de variedades que fazia parte do arraial de Nazaré e de outras localidades, nos idos de sua infância. Seu pai a levava com a família e vizinhos de Castanhal, em um pau-de-arara, ao arraial do Círio de Nazaré. Além de Monga, HB se lembra da mulher que ficava dentro de um camburão de gasolina e tocavam fogo, como, também, da mulher que ficava dentro de um aquário. As atrizes escolhidas para desempenharem os papéis destas personagens eram sempre muito bonitas.

HB conta que, nos anos 2000, recebeu um convite para recitar poemas em uma rádio da cidade de Belém. Ela propunha, nesta ocasião, a gravação de vinhetas poéticas de autoria de vários poetas da cidade. A artista analisa, que na época, só ouvia poemas singelos em homenagem à Virgem de Nazaré, logo, propôs a gravação de seus poemas sacro-profanos sobre o Círio e a Virgem de Nazaré, mas isso não foi possível. Então, decidiu gravar um álbum fonográfico, editar os poemas em um livro e apresentá-los em performances poéticas em bares da cidade.

Outro livro que também foge um pouco da composição infanto-juvenil da artista é *Gozo: orgasmo poético com a Lagoa da Princesa (proibido aos insensíveis)*, lançado, em 2005, em uma Roda de Carimbó do Grupo de Cultura Regional Iaçá, em Belém. Os poematos contidos neste livro transmitem a sensibilidade criativa da artista na Ilha de Algodão.

Figura 48: Capa do livro *Gozo: orgasmo poético com a Lagoa da Princesa (proibido aos insensíveis)*, 2005.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Segue, abaixo, um poemeto do livro para ilustrar a poética erótica da artista na composição desta obra (BARRIGA, 2005, p. 09):

(Sem título)

Vaza o verso
Orgasmo sem rima
A lambuzar
O verbo

Durante a realização do Projeto “Cultura, Escola e Alegria”, no ano 2003, na cidade de Belém, sob supervisão e orientação da Coordenadoria de Esporte e Lazer – CEAL, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SEMEC, no Governo do Povo, “oficinas rotativas bimestrais e permanentes, com linguagens artísticas do teatro, artes plásticas e música, desenvolvidas em salas e áreas livres das escolas, por uma equipe de artistas e arte-educadores” (CENTRO, 2003) eram oferecidas a alunos e à comunidade, como ocorria, também, a promoção de formação de grupos culturais comunitários.

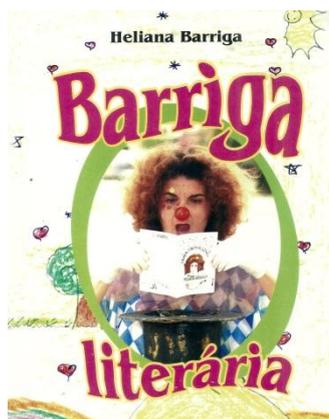
Neste contexto, a professora Dia Favacho, ministrante de oficinas de literatura infantil, trabalhou o livro *Trava Trova Língua* de HB com as crianças participantes. O resultado foi tão fascinante que, na época, a Secretária Municipal de Educação, Luciene Medeiros, por

incentivo da Coordenadora de Educação, professora Roseli Sousa, decidiu ampliar aquela oficina para várias escolas da Rede Municipal de Ensino.

Foram necessárias, pela ampliação do projeto, novas contratações. Assim, a atriz Vandiléia Foro foi contratada e trabalhou diretamente com a autora no desenvolvimento da oficina *Trava Trova Língua* em dezessete escolas municipais. Neste momento, o projeto envolveu cerca de seiscentas crianças na faixa etária de nove a treze anos.

As produções resultantes das crianças - entre elas: desenhos e poemas - foram levadas pela poeta para a sua residência, a Casa de Ser Feliz, onde ela se inspirou nesses resultados e produziu poemas para compor o livro *Barriga Literária*.

Figura 49: Capa do livro *Barriga Literária*, 2005.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

O lançamento do livro foi realizado no Teatro Experimental Waldemar Henrique, em 2005. O evento contou com a participação de novos músicos como Moisés, no violão e Vilma, na percussão. Músicos mais acostumados com a obra, como Diogo Rezende, nos teclados, e Nide Braga, no contrabaixo, também participaram do lançamento. HB, ao buscar reinventar o contato com seu público, com ludicidade, ofereceu a ele uma volta de trenzinho pela Praça da República antes do espetáculo começar.

HB lançou, em 2008, a primeira edição do livro *Acredite Quem Quiser* no Salão Literário do município de Santarém. Neste livro, a autora apresenta uma proposta mais lúdica de contato do leitor com a obra. É um livro-brinquedo, no qual um barbante vem acoplado à lateral do mesmo. A autora conta que a criança, ao ter contato com o livro, geralmente, começava a brincar por fora e, em seguida, por incentivo da autora, entrava para brincar nas páginas do livro. Assim, realizava a leitura à convite da brincadeira.

A autora lançou, em 2010, a coletânea de sete livros, inspirados nas cores do arco-íris. *O Livro do Palhaço*, vermelho como a cor do nariz do personagem, surgiu de uma antiga vontade da artista escrever um livro sobre palhaço, no qual apresenta a reunião de todos os poemas, letras de música e brincadeiras, já lançadas, referentes à esta temática. Seguiu a mesma proposta de reunião de escritos já publicados em *O Livro da Bruxa*, com a cor violeta para a bruxaria. Representou, nesta coletânea, o livro *Mala Sem Fundo* na cor verde, em terceira edição.

Parque de Diversão de Palavras: A Menina que anda com o dicionário nas costas, representou a cor anil. HB apresentou uma novidade neste lançamento, um texto escrito em prosa. A autora relata que escreveu essa história inspirada em uma menina que conheceu em Marabá, no início dos anos 1990. Quase todas as tardes ela e algumas amigas se encontravam com a escritora. Ao lanchar, ela contava as peripécias com o seu dicionário, sua principal atenção e distração. O livro é matéria de inspiração para oficinas dentro de seu projeto *Leituras Sem Ataduras*.

O livro *Claria*, que representa a cor azul, era uma lua que contava histórias para as estrelas, conforme uma criança relatou à poeta. Este texto foi resultado de uma oficina ministrada para crianças dentro da programação da Feira do Livro do SESC-Castanhal, em 2000. As crianças eram recebidas, de forma rotativa, ao entrar em contato com a autora, com

suas respectivas turmas e equipe pedagógica da escola, com alegria por HB, que, imediatamente, as convidava a fazer uma excursão ecológica pelas suas obras expostas, a partir de esculturas em papel alumínio feitas pelo artista Edimilson dos Anjos. Estavam expostas, por exemplo, *Mala Sem Fundo*, *Letícia Coça-Coça* e *A Filha do Jabuti*.

Cada criança escolhia seu personagem preferido dentro de cada obra, mostrava um mundo diferente para eles, e escrevia. Heliana Barriga fazia uma leitura criativa do escrito da criança e, em seguida, o pendurava em um varal poético. No final das oficinas, conta que levava as produções para a *Casa de Ser Feliz*, e escrevia a partir delas. No final, organizou e editou o livro. Nesta ocasião, a autora acredita que começou a escrever feito as crianças a partir daí.

Figura 50: Capa dos livros lançados em 2010: *Acredite Quem Quiser*; *O Livro do Palhaço*; *O Livro da Bruxa*; *Mala Sem Fundo*; *Parque de Diversão de Palavras*; *A Menina que anda com o dicionário nas costas*; *Claria*; *Trava Trova Língua*.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

HB foi convidada a lançar, em 2010, dez poemas em uma coletânea com os poetas Adina Bezerra, Alberto Abadessa, João Bosco, Ney Cohen e Walcyr Monteiro, com apoio da editora Paka-Tatu. A seleção publicada pela autora apresenta poemas com as temáticas ambientais e sociais. Segue o seguinte poema a ilustrar a proposta de HB nesta obra (BARRIGA *in* COHEN et alii, 2010, p. 52):

O caranguejeiro sai com a sua solidão
Aos ensaios da luz
Mais um dia de ilusão
O mangue o espera a tanto
Em desafio e desespero.
Prepara-se o homem destemido
Armado de vontades e sentidos
Enfia-se ao ventre monstro rio de lama
Mantendo sempre acesa a mesma chama
De catar caranguejo
O aprendido.
Só isso ele sabe fazer
E o mangue berço deve proteger
No curso de seus dias atrevidos
Se veste assim de lama
O pobre homem
Num mangal de carência ele consome
A fé
A ânsia
A força
A dor
A fome

Figura 51: Capa do livro *Tratado acerca das Flores*, 2010.

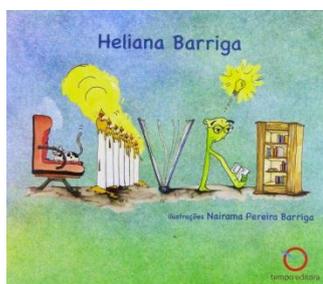


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

O livro *Livre*, lançado em 2012, com apoio da editora Tempo, é a continuação da parceria entre mãe e filha – HB, escritora e Nairama Barriga, ilustradora – neste trabalho, com uma proposta de leitura de poesia concreta. Este é um livro de ilustrações de palavras conhecidas das crianças que, “em um tempo de proliferação diária de imagens na comunicação” (BARRIGA, 2012e, p. 05), a autora se indaga onde ficam os seus olhares.

Logo, “conectada com a necessidade de boas escolhas para o olhar livre da criança, Heliana Barriga oferece este livro, LIVRE, aos seus leitores.” (BARRIGA, 2012e, p. 05). Mais adiante, é dito (BARRIGA, 2012, p. 05) que “a criança tem suas próprias escolhas nas leituras e Heliana Barriga respeita e cresce no olhar de suas preferências”. Esta obra objetiva dar oportunidades para que a criança possa contempla sua própria leitura, “no silêncio de suas descobertas” (BARRIGA, 2012, p. 05).

Figura 52: Capa do livro *Livre*, 2012.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

A ideia de publicação dos livros *Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos*, em dois volumes, I e II, surgiu a partir do I Encontro dos Contadores de Histórias da Amazônia, ocorrido nos dias 1 e 2 de dezembro de 2011, em Belém. Este evento aconteceu em parceria com a Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – CENTUR.

Os contadores de histórias HB, Andréa Cozzi, Cassilda Mártires, Dia Favacho, Edvandro Pessato, Janete Borges, Antonio Juraci Siqueira e Sônia Santos, reuniram-se, em parceria com a editora Tempo, para a realização destes dois livros, nos quais são apresentados

um conjunto de contos que busca apresentar “contadores partilhando suas histórias e incentivando outras histórias a serem revolvidas da memória de quem lê-lo (...)” (COZZI; SANTOS, 2012, p.83). A autora HB esclarece que contar histórias é “o que serve para as pessoas resolvidas, aquelas que não tem medo de se entregarem a viagens sem volta. Aquelas que tem o botão do silêncio na flor de sua alma, e os querem repartir, simplesmente.” (BARRIGA *apud* COZZI; SANTOS, 2012, p. 77).

Figura 53: Capas dos livros
Vol. I e II, respectivamente, 2012.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

3.3 Musicalidade, poesia e diversão: ingredientes íntimos da infância

HB é musicista desde a infância, formou-se como acordeonista aos quinze anos de idade. Em Castanhal, aprendeu a tocar acordeom com uma antiga vizinha, logo após ter voltado de uma estadia de aproximadamente um ano em Belém, quando estudava piano no Conservatório Carlos Gomes com apenas onze anos de idade. Nesta época, a artista, ainda criança, sentia muita falta de sua cidade natal, já que a família continuou morando lá. Castanhal é o cenário da infância da escritora. Deste lugar, “ela se lembra das brincadeiras, do cheiro da terra, do mato, dos animais, das plantas, dos igarapés (...). Já vivia entrosada com a arte e com a natureza (...)”. (CARDOSO, 1987).

A herança poética recebida por tais elementos desde a sua infância contribuiu para o desenvolvimento artístico de HB, haja vista que natureza, ludicidade e poesia são os fundamentos do processo de criação de sua arte, tanto no repertório literário quanto musical. Na opinião da artista, “(...) criança só pode ser estimulada através de brincadeiras e em integração com a natureza.” (CARDOSO, 1987).

Após ter iniciado sua carreira literária em 1982, HB lançou seu primeiro trabalho musical em 1987: o espetáculo *Mala Sem Fundo* composto pelas linguagens dramaturgica e musical. Em uma matéria veiculada na *Re-vista Po-ética* (1987), a sensibilidade e a imaginação são reconhecidos como os elementos fundadores deste espetáculo que teve como destaque no enredo da trama e das canções, os aspectos líricos e telúricos da região amazônica. Nesta crítica sobre a peça, a revista elogia o cenário e o figurino, porém reconhece falhas na iluminação e projeção vocal dos atores em cena.

A artista relata que o disco *Mala Sem Fundo* (1987) foi o primeiro disco ecológico infanto-juvenil do Pará. Segundo a compositora, a *Revista Nova Escola* fez uma matéria apresentando a sua produção, e conta que em seguida à publicação da revista, recebeu cartas de felicitações e pedidos de envio do disco. Informa que atendeu a um pedido especial de uma professora aposentada da Universidade de Campinas – UNICAMP, a musicoterapeuta Raqueli Filizola¹⁷. A professora tinha um trabalho voluntário no Hospital Dr. Domingos Adhemar Boldrini com estímulo através da música, de crianças portadoras de câncer e AIDS, tratadas no hospital, em Campinas-SP. Após aquele pedido, relata que fez algumas visitas para as crianças, com apresentações de oficinas de música e poesia. Seu LP era muito utilizado, para alegria das crianças.

¹⁷ Sobre as contribuições de Raqueli Filizola ao Hospital Dr. Domingos Adhemar Boldrini, ver depoimentos de vários profissionais a respeito do trabalho da musicoterapeuta com as crianças hospitalizadas na dissertação de mestrado de Juliana M. de A. Silva, *Um estudo sobre o processo de implementação de Classes Hospitalares – O caso do Hospital Domingos Adhemar Boldrini*. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000446442> Acessado em: 20/07/2013.

Atualmente, em seus espetáculos, a artista compõe, canta, recita poesias de sua autoria e brinca com as crianças que formam sua plateia. A realização de suas performances em espetáculos musicais compostos a partir de musicalidade, poesia e diversão – ingredientes íntimos da infância – parte da compreensão do show como a produção de um livro vivo.

Nestes espetáculos, as brincadeiras e os personagens propostos nos livros e álbuns fonográficos ganham vida, a partir do direcionamento artístico de HB e dialogam, ludicamente, com o público. Em matéria veiculada no jornal “O Liberal” (1995), conta-se que a escritora e compositora HB resolveu fazer um livro à sua maneira, “Por que não um livro vivo?” (“O Liberal”, 1995), assim surgiu a ideia para a composição do espetáculo *Letícia Coça-Coça*, “misto de literatura infantil, música e teatro (...)” (“O Liberal”, 1995).

Sobre este mesmo trabalho, em outra matéria veiculada no jornal “O Liberal” (1996), é discorrido:

A bicharada é novamente o grande mote de inspiração para as histórias de Heliana Barriga. O disco reúne músicos e atores locais interpretando bichos como porco, preguiça e vários outros. A riqueza da sonoplastia se completa com os ruídos gravados em estúdio, caracterizando palmas, assobios, roncões, além do uso de instrumentos como bandolim, pandeiro, teclados e outros de percussão. ‘O curioso é que as crianças, além de ouvir o disco, gostam de vê-lo, ficam olhando para o aparelho enquanto as histórias vão rodando’, diz Heliana (...). (LIBERAL, 1996b).

O espetáculo *Letícia Coça-Coça* surgiu, em 1995, antes do lançamento do CD de mesmo nome, em 1996. Os shows com as canções, poesias, criatividade e espontaneidade próprias da artista foi bem aceito pelo público infantil e assim, fez surgir a vontade de produzir um álbum fonográfico que registrasse esses elementos oferecidos, primeiramente, no formato de espetáculo e que pudesse, da mesma forma com poeticidade e ludicidade, ser oferecido ao público em formato de CD. O título deste trabalho é uma homenagem à filha Letícia, que tem o costume de pedir para a mãe-artista coçá-la carinhosamente. Hábito, segundo a autora, presente em culturas de etnias indígenas.

Figura 54: Capa do CD *Leticia Coça-Coça*, 1996.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

No álbum *Leticia Coça-Coça* (BARRIGA, 1996), a artista apresenta uma nota na qual informa que os poemas e bruxarias que entremeiam e enriquecem as canções foram exercitados em shows e oficinas de poesia anteriormente à produção deste CD, em seguida, ela informa alguns aspectos referentes à produção deste trabalho artístico:

Eu sou da turma de compositores brasileiros que sempre fará a música boa, que se preocupa com a qualidade do ouvir e do sentir do povo. Quero noticiar o valor humano que é o compositor Alcyr Guimarães, pela forma como se dedicou ao meu trabalho. Minha irmã Ió, pelo acreditar na arte que eu canto. Quero dedicar aos meus filhos Júlio, Nairama, Leticia e Cecília com todo o meu amor. Ao meu filho musical Diogo Rezende, aos meus sobrinhos Augusto e Tainá. Esta obra não tem nenhum apoio do Governo do Estado, muito embora tenha conquistado o segundo lugar no concurso *Cheiro do Pará*, organizado pela Clima-SECULT, em 1992, com direito a edição de um disco, de acordo com o regulamento. Agradeço aos músicos Alcyr Guimarães, Maurício Nery, Bianca Sequeira, Tahis Carneiro, Adamor Ribeiro, Diogo Rezende, Billa, Fernanda Guimarães, poeta Benilton Cruz, bruxa Gerhardt, poeta Roseli Sousa pelos desenhos, Crsitina Batista pelo trabalho no computador. (BARRIGA, 1996).

Nesta nota, a artista destaca um problema vivenciado por alguns artistas no Pará – o não cumprimento do regulamento de premiações culturais, com o não lançamento de obras premiadas – este assunto, em 2011, foi também posto em pauta em uma entrevista com a *Malta de Poetas Folhas & Ervas* na XV Feira Pan-Amazônica do Livro, em Belém, momento que o poeta e filósofo Antonio Juraci Siqueira relata a mesma problemática vivida por HB em relação a este álbum fonográfico. A falta do cumprimento de regulamento, a não publicação

da obra premiada e a longa espera e expectativa do artista, geralmente, o levam a buscar uma publicação de forma independente, com financiamento obtido a partir dos lucros de venda advindos da venda de outras obras.

Figura 55: Participação da *Malta de Poetas Folhas & Ervas* na Arena das Letras, sob mediação de Linda Ribeiro, na XV Feira Pan-Amazônica do Livro, em 2011.



Fonte: Blog *Supermercado da Existência*, 2012.

Em 2012, ano de comemoração aos dezesseis anos do álbum fonográfico *Letícia Coça-Coça*, HB relançou este CD junto à ideia de um livro-encarte com as letras das canções e poesias, em parceria com a Imprensa Oficial do Estado – IOE na XVI Feira Pan-Amazônica do Livro de Belém. As ilustrações desta nova obra foram desenvolvidas pela filha da artista, a arquiteta e ilustradora Nairama Barriga, que também assina as ilustrações dos livros *Trava Trova Língua* (2001) e *Livre* (2012), de autoria de HB. Outra filha da artista tem participação nesta obra, Cecília Barriga responsabilizou-se pela edição e revisão da composição textual.

Com este relançamento, HB retoma “(...) personagens conhecidos do público infantil paraense, como a Tartaruga Cascuda, Miss Lamparina e a Formiga Cochicheira (...)” (RODRIGUES, 2012). No lançamento, Letícia Barriga, filha da autora e inspiradora da obra, compareceu ao estande e disse que hoje, mesmo adulta, “continua se sentindo a mesma garotinha em que a mãe se inspirou para batizar o CD” (RODRIGUES, 2012), e continua:

Quando me perguntam o que eu acho do livro levar o meu nome, sempre respondo que acho muito legal; a obra da minha mãe é interessantíssima e tenho muito orgulho quando as pessoas me associam à mamãe, pois ela tem um trabalho consolidado. (RODRIGUES, 2012).

Mais adiante, Cláudio Rocha, presidente da IOE, comenta que, a respeito de HB viver de sua produção artística, “seja em CD ou forma literária, fica a certeza de que Heliana Barriga é um nome a ser valorizado, pois em um país onde se viver de arte e cultura é tão difícil, a iniciativa da autora torna-se louvável.” (RODRIGUES, 2012).

Figura 56: Heliana Barriga no lançamento do livro-encarte de seu CD *Leticia Coça-Coça* no estande da Imprensa Oficial do Estado - IOE na XVI Feira Pan-Amazônica do Livro, 2012.



Fonte: Rodolfo Oliveira, 2012¹⁸.

HB lançou, em 1999, o CD *A Filha do Jabuti*. A inspiração para a criação deste álbum surgiu a partir dos trabalhos desenvolvidos pela artista em escolas municipais de Belém, entre os anos de 1997 e 2005. Sua participação nas escolas buscava articular educação e poesia em um contato lúdico da artista com as crianças matriculadas na Rede Municipal de Educação de

¹⁸ RODRIGUES, Keila. “*Leticia Coça-Coça* leva público infantil ao estande da IOE”. Belém: Agência Pará de Notícias, 2012. Disponível em: http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=108088 Acessado em: 11/10/2012.

Belém, principalmente, as quais residiam em comunidades periféricas da cidade. A poeta conta que aprendeu muito nesses encontros.

Figura 57: Capa do CD *A Filha do Jabuti*, 1999.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Assim como no álbum *Letícia Coça-Coça* (1996, 2012), ao regravar as canções *O Rock do Jacaré*; *A Preguiça*; *Miss Lamparina* e *A Porca Ronca* lançadas, primeiramente, em 1987 no LP *Mala Sem Fundo*, HB relança as canções *Meu Gato*, *Giranda*, *Alguém Roubou As Pintas* e *Azulzinho* no álbum *A Filha do Jabuti*, em 1999. Neste álbum, além destas regravações, HB lançou as músicas *Pra você uma canção*; *Peixe-Boi*; *Primavera, você viu o meu amor*; *Soca-Soca*; *O Tempo*; *Boi-Estrela-Boi*; *Caixinha de Música*; *Quem Viu Por Aí o Açaí?* e *A Filha do Jabuti*; as histórias *O Mágico Da Praça*; *O Gordo E O Magro*; *A Jia* e *A Risada da Bruxa*.

Novamente, em 2002, no lançamento do álbum *Se Eu Fosse Você Eu Brincava*, HB regrava canções lançadas, originalmente, no LP *Mala Sem Fundo*, em 1987. As regravações são: *Papel do Homem*; *Minha Estrela*; *O Hino do Sonhador* e *Boi Boizinho Bumbá*, esta última tem como letrista o escritor e jornalista Alfredo Garcia. As músicas *Parabolos Para Nós*; *Um Sol Dentro De Ti*; *Catavento*; *O Pato*; *O Equilibrista*; *Para Encher O Saco*; *A Onda*; *Estrelas Parafusadas*; *Namorada Luz*; *Margarida*; *Farol Da Praia* e as histórias *Pico-*

Tico; *Letícia Coça-Coça* e *O Livro da Borboleta* foram lançadas, pela primeira vez, neste trabalho.

A artista relata que a inspiração para o surgimento deste álbum teve origem nos trabalhos artísticos desenvolvidos em sua sala criativa com sede na Escola Anchieta no período 2000 e 2001, em Belém, onde coordenava o projeto *Se Eu Fosse Você Eu Sonhava*, aprovado por lei de incentivo à Cultura do Ministério da Cultura. Este projeto fonográfico, com “(...) ritmos variados da Amazônia, ecologia, fauna, flora, poesia, histórias com efeitos sonoros, bruxaria, palhaçaria, criança e cultura da Amazônia” (BARRIGA, 2013), foi gravado exclusivamente com seu filho musical, Diogo Rezende, com a idade de 15 anos na época.

Figura 58: Capa do CD *Se Eu Fosse Você Eu Brincava*, 2002.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

Em seu álbum fonográfico *Ecológico Urbano* lançado em 2005, HB apresenta músicas poéticas e educativas sobre o cuidado com o lixo, as Doenças Sexualmente Transmissíveis – DSTs, o mosquito transmissor da dengue, a gravidez, como, também, questões de gênero, crianças em situação de risco e animais abandonados em centros urbanos.

No encarte deste álbum, HB é descrita como “Escritora, arte-educadora, compositora, tocadora de acordeom e dona de um carrinho de pipocas. Um carrinho que não vende pipocas, mas empresta alegria, sonhos, cores e palavras para todas as crianças!” (BARRIGA, 2005).

Figura 59: Capa do CD *Ecológico Urbano*, 2005.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2012.

A artista também lançou outros álbuns compostos por regravações de músicas, histórias, poemas e brincadeiras lançados nos projetos fonográficos descritos acima, como, por exemplo, o CD *Heliana Barriga para contar, cantar e coçar...*, o qual foi lançado em 2004 e o CD *Brincadeiras Musicais de Heliana Barriga*, em 2008.

Outros projetos desenvolvidos ao longo da carreira artística de HB são as oficinas com música, contação de histórias e poesia com a participação de crianças, professores ou, somente, amantes da musicalidade da palavra. Um exemplo de oficina onde a artista trabalha a linguagem da música é a intitulada pela poeta de *Os Filhos da Pauta*.

Nesta oficina de criação musical, a artista disponibiliza um rolo de barbante que os participantes utilizarão como apoio para o desenvolvimento de suas criatividade. HB tem como apoio instrumental, o acordeom. Ela considera este momento uma fruta madura, e

representa essa metáfora a partir da figura da melancia. Para a musicista, esta fruta apresenta uma musicalidade, pois para saber se ela já se encontra madura, precisa-se tocá-la na casca de tal forma que emitirá um som, pelo qual responderá com a indicação de maturação da fruta. Ao degustá-la, outros diversos sons são emitidos. Sons molhados, segundo descrição da poeta.

Nesta oficina, uma pauta é construída com o fio de barbante no chão, com o formato de uma clave de sol no início. A seguir, há um comando musical escolhido por HB e imediatamente os participantes ocupam os seus lugares sobre o pentagrama. Em seguida, HB transcreve no papel as notas formadas pelas posições dos participantes sobre a pauta. Ela conta que, como simulando uma brincadeira de estátua, ninguém poderá sair do lugar antes dela anotar todas as posições que são as notas musicais.

Ela anota e a seguir, preparando com toda magia a plateia, vivencia o mais importante momento da oficina: ela vai tocar a nova música criada com o corpo de todos. Esta é a prova criativa da necessidade da compositora em vivenciar a música formada de maneira coletiva.

Quando a poeta era pequena, ela achava que cada pessoa tinha um fundo musical, que tocava todo tempo uma música instrumental que só era escutada pela pessoa. A música para HB é uma poética constante. A artista relata que se permitiu aprofundar em seu próprio fundo musical apreciado por seus filhos e todas as crianças, a produção de sua própria obra fonográfica. Para a compositora, a música nasce com a mesma intensidade como nascem as palavras, e, para ela, tocar um instrumento é o melhor presente que já recebeu de seus pais. A formação musical da artista é composta pelos seguintes instrumentos: piano, acordeom, violão e percussão.

Para sua produção fonográfica, HB busca inspiração na natureza, nos sons e movimentos dos animais e nas plantas. Ela aprendeu a ouvir as plantas além dos sons do vento nas folhas. Segundo a artista, a importância de uma planta não advém somente da

presença de um fruto, pois a planta estimula um mundo de sentidos e emoções. Atualmente, HB está estudando a música proteica¹⁹ que, para ela, é um grande desafio.

A artista ensinou o valor do silêncio às crianças no *Ponto de Cultura Novos Curupiras*, desde a década de 1990. Ela dizia às crianças que era importante manter-se em silêncio ao contemplar uma simples planta. Nessa época, os adultos se admiravam ao ver a turma em completo silêncio ao acreditar nas palavras da poeta. O silêncio, segundo HB, nos ajuda a educar os nossos ouvidos para a qualidade sonora.

Neste ponto de cultura, a compositora coordenou, em 2005, o projeto *Mangue de Música*. Este projeto envolvia crianças dos manguezais de Soure, na Ilha do Marajó, com a linguagem da música percussiva. O projeto buscava promover a construção de instrumentos musicais de percussão a partir de materiais recolhidos no mangue, com base na formação musical de crianças e educação ambiental.

Figura 60: Performance da artista HB no *Ponto de Cultura Novos Curupiras*, 2010.



Fonte: Site do *Ponto de Cultura Novos Curupiras*, 2010.

¹⁹ Sobre este assunto, consultar o artigo “Cientistas transformam proteínas em música clássica”. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI1591508-EI238,00.html> Acessado em: 15/06/2012.

Para a compositora, criar melodias requer um estado de surpresa. Ela relaciona esse estado com o surgimento de sentimentos como o amor, a tristeza e a alegria no ser humano. Para suas criações, a artista observa a riqueza dos gemidos, ruídos, granidos, sons repetidos, sotaques, manias sonoras, gírias, sons do corpo e tantos outros que compõem a dinâmica sonora da natureza, como, também, a musicalidade produzida pelas crianças em seus momentos de brincadeiras.

Também na década de 1990, ao ministrar mais uma oficina musical para professores em uma escola municipal no distrito de Mosqueiro, HB chamou a atenção de alguns meninos que, em seguida, foram convidados pela artista para participarem de sua oficina. Um dos meninos tinha a habilidade de tirar som de seu próprio sovaco, o que chamou bastante a atenção da compositora que relata a dificuldade de emitir sons desta mesma maneira. Segundo HB, os sons do corpo dão origem a uma ampla sinfonia entre melódicos e percussivos. A artista assume que aprende vários componentes para a construção de suas performances em seus espetáculos, a partir de observações dos gestos espontâneos das crianças com quem tem contato.

A artista descreve, ludicamente, sobre o processo de composição musical no *Poema da Clave de Sol*, gravado no CD *Letícia Coça-Coça* (1996, 2012d). Este poema, dedicado ao lançá-lo em seu álbum fonográfico, ao seu filho musical, seu sobrinho Diogo Rezende, foi inspirado nos alunos do Conservatório de Música Fundação Carlos Gomes, com quem a autora teve contato no final da década de 1980, em Belém. Segue o poema abaixo (BARRIGA, 2012d):

Poema da Clave de Sol

Se melancias eu quiser cantar.
Se melodramas eu quiser tecer.
Se marmeladas eu quiser compor.
Se meladeiras eu quiser tocar.
Eu uso as notas que não são dinheiro

Para inventar um mundo verdadeiro.
Eu uso as notas que não são fiscais
Para criar os mundos musicais.
Eu até pareço com um caracol
E levo a vida sempre em arrebol.
Eu sou, eu sou...
A Clave de Sol!
Para fazer uma canção
Não é tão difícil assim
Basta ter... Imaginação
E um pouquinho de
Pirlimpimpim!

O objetivo da escritora, contadora de histórias, artista-educadora, compositora, musicista, cantora e poeta HB, ao compor suas obras literárias e fonográficas com arte, ludicidade e poesia, é o de inspirar crianças - adultos crescentes - ou adultos já crescidos, a desenvolverem atitudes mais humanas e sensíveis em relação ao seu próprio bem-estar e à necessidade de preservação da natureza que os acolhe e os estimula a cheirar, a tocar, a ouvir, a enxergar, a se deliciar com tantas belezas em seus frutos, paisagens, animais, plantas e na beleza que há na própria pessoa humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar a esta etapa da dissertação – momento de fechamento de análises e do traçado de suas últimas linhas – me permitiu reconhecer o longo e prazeroso caminho de descobertas, as quais fizeram parte, nestes dois anos de duração do mestrado, de minhas relações acadêmicas, profissionais e familiares. Descobri novas formas de lidar com a vida num contínuo crescimento como pessoa humana e, também, como filha, mãe, pesquisadora e educadora.

As principais experiências que inspiraram o desenvolvimento deste estudo foram a descoberta de uma nova relação com minha mãe, Heliana Barriga – sujeito-objeto desta pesquisa – enquanto pesquisadora, e como mãe de uma criança que surgiu em meu ventre no primeiro mês letivo de mestrado. Com minha filha, Maria Adélia, eu tenho a oportunidade, a cada dia, de reaprender a brincar e saborear a ludicidade e o colorido próprio da infância; os quais também caracterizam os fundamentos do processo de criação da artista pesquisada e das obras literofonográficas de sua autoria analisadas nesta pesquisa.

Os percursos de leituras, diálogos, coletas de dados, entrevistas semiestruturadas, reflexões, análises e impressões trouxeram tanto para a pesquisadora quanto para o sujeito-objeto desta pesquisa, uma riqueza difícil de relatar de forma crítico-científica, no âmbito mais racional. Nas interações entre a pesquisadora e o seu objeto de análise, inúmeras transformações foram realizadas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de atitudes bem mais sólidas e condizentes com o trabalho sensível na área da educação, a partir dos seguintes fundamentos: arte, ludicidade, poesia, infância e natureza, à luz das práticas lúdico-poéticas da artista Heliana Barriga no processo de criação, transmissão e recepção da identidade de sua própria arte.

Esta etapa que também tem como objetivo a busca de finalização da escrita deste estudo, longe de apresentar um ponto que se faz final e, muito menos, uma conclusão, fez surgir na pesquisadora a sensação de que estas considerações finais indicam a certeza de uma abertura para novos caminhos e maneiras de lidar com o objeto de análise deste estudo.

Parte da pesquisa foi apoiada com o recebimento de uma bolsa financiada pela Fundação CAPES - até início de 2013 -, momento que pude abrir mão deste apoio financeiro por fazer parte, desde então, de maneira efetiva, da Rede Municipal de Educação de Belém, no cargo de professora. A oportunidade de me manter num emprego na área de educação também contribuiu no custeio de um acervo bibliográfico referente aos estudos realizados nesta pesquisa e contribuíram de forma significativa à realização da mesma, e na realização de experiências na aplicabilidade de novos anseios que me fazem perceber a temática a ser fundamentada, futuramente, em meu doutoramento – a relação entre a arte desenvolvida pela artista Heliana Barriga e a educação de crianças com necessidades educacionais especiais -, de forma a dar continuidade aos estudos sobre ludicidade, poesia e processo de criação da artista sujeito-objeto desta pesquisa.

O desafio que me foi lançado do decorrer deste estudo não é pequeno, e o desejo de dar continuidade às análises de outros aspectos além da necessidade de compreender a relação intertextual entre os processos de criação lúdico-poética de poemas e canções, e, assim, de outros resultados publicados por Heliana Barriga, como, também, a verificação dos atores que instigam o seu processo reflexivo e criativo, e os espaços de criação que sua arte acontece e suas próprias interações; assim, como a maneira que a emoção, a inspiração, a criação e a performance da artista se apresentam no que ela reconhece por *Relatórios Lúdicos* é maior ainda.

Não seria demasiado afirmar, a respeito da utilização de parte da obra literofonográfica de Heliana Barriga, que um balanço referente às mesmas ficará de certa forma, nesta dissertação, incompleto. A coleta de dados e seleção nas diversas etapas vivenciadas pela pesquisadora no decorrer deste estudo, contribuíram, desde já, para a continuidade de novas reflexões e caminhos possíveis para o diálogo a respeito da obra e do processo de criação da artista sujeito-objeto desta pesquisa.

O reconhecimento da importância do que é observado e considerado relevante pelas crianças e pelos poetas como insignificâncias, torna viável a aproximação da natureza e das necessidades educativas próprias da infância por parte da sensibilidade da pessoa humana.

O que busca a artista são a vivência e valorização da infância e da preservação da natureza a partir de sua identidade artística, entendendo que a infância não precisa ser vista somente pela perspectiva racional ao que diz respeito às fases do desenvolvimento infantil, mas, também, não menos importante, pela perspectiva lúdico-emocional do brincar.

Portanto, se esta pesquisa contribuir para a sensibilização dos leitores em seu contato com a criança e a natureza por meio do caminho das artes, a certeza de que valeu a pena tê-la elaborado: preencherá a razão e emoção da pesquisadora e permitirá a sensação de que seus estudos não foram em vão.

BIBLIOGRAFIA

De Heliana Barriga

BARRIGA, Heliana. 2013. **Heliana Barriga: Arte Atrevida é Vida Tear é Arte Vida!**.

Disponível em: <http://www.helianabarriga.com.br/sitesed/servico_02/> Acessado em: 26/06/2013.

_____. **Excertos extraídos de Relatórios Lúdicos escritos por Heliana Barriga e cedidos para esta pesquisa.** Belém, 2012b. Trabalho não publicado.

_____. 2012c. **Reflexões de uma Contadora de História.** Disponível em: <http://www.helianabarriga.com.br/sitesed/servico_02/fotos/fotos/1346857038153339/direitos-da-crianca> Acessado em: 10/09/2012.

_____. **Livre.** Belém: Tempo, 2012d.

_____. **Entrevista cedida à pesquisadora Cecília Barriga, em 13/04/2012.**

Disponível em: Acervo pessoal da pesquisadora. Belém, 2012e.

_____. Heliana Barriga In: ARAÚJO, Livia Cristina Fonseca de. **Cartas para a Paz: Pensamentos, Sentimentos e Ações para a Cultura de Paz no Planeta.** Belém: Fundação Arte de Educar Cogente, 2012, pp. 62-63.

_____. **Poemas da Monga, suas façanhas e seu destino espantoso - 16 poemas sacro-profanos sobre o Círio e a Virgem de Nazaré.** Belém: Papachibé, 2011.

_____. **À Flor da Desistência.** In COHEN, Ney et alii. **Tratado acerca das Flores.** Belém: Paka-Tatu, 2010. pp. 45-56.

_____. **Claria.** Belém: Cromos, 2010.

_____. **Parque de Diversão de Palavras: a menina que anda com o dicionário nas costas.** Belém: Cromos, 2010.

_____. **Mala Sem Fundo.** Edição Renovada. Belém: Cromos 2010.

_____. **O Livro da Bruxa.** Belém: Cromos, 2010.

_____. **O Livro do Palhaço.** Belém: Cromos, 2010.

_____. **Trava Trova Língua.** Edição Renovada. Belém: Cromos, 2010.

_____. **Acredite quem quiser.** Belém: Cromos, 2008.

_____. **Balada de Frutas – Ecologia e Erótica.** 2ª ed. Belém: Papachibé, 2006.

_____. **Barriga Literária.** Belém: Ed. do autor, 2005.

_____. **Gozo: orgasmo poético com a Lagoa da Princesa (proibido aos insensíveis).**
Maracanã: Ed. do autor, 2005.

_____. **Trava Trova Língua.** Belém: Escola Anchieta, 2001.

_____. **Jogo do Bicho (Para todos os bichos e bichas do planeta).** Belém: Ed. do autor, 1997.

_____. **Mala Sem Fundo Um Lugar de Ilustrar.** Belém: Pingo D'água Poesia Ilimitada, 1993.

_____. **Terra Mulher.** Castanhal: Johelda, 1990.

_____. **De Cabeça Para Baixo.** Belo Horizonte: Lê, 1989.

_____. **A Galinha dos Ovos de Cristal.** Belo Horizonte: RHJ, 1989.

_____. **De Cabeça Para Baixo.** Belo Horizonte: Lê, 1989.

_____. **Levanta o pau acende a fogueira.** Belém: Anchieta, 1988.

_____. **Minha Historinha.** São Paulo: FTD, 1984.

_____. **A Abelha Abelhuda.** São Paulo: FTD, 1984.

_____. **A Perereca Sapecta.** São Paulo: FTD, 1984.

_____. **A Anta Antonia.** São Paulo: FTD, 1984.

_____. **Um Amor de São João.** Belém: Ed. do autor, 1984.

_____. **Naturomem** - Poesias. Belém: Associação dos Funcionários da Embrapa/CPATU, 1983.

_____. **Poesia Primeira.** Belém: Ed. do autor, 1982.

BIOGRAFIA e bibliografia de Heliana Barriga. Disponível em <http://www.helianabarriga.com.br/sitesed/tp1/depsinstitucional.php?p=&idsublink=1299727324935631>> Acessado em 12/09/2012.

RELATÓRIO Lúdico escrito por Heliana Barriga. Visita à Escola de Aplicação da UFPA – NPI na Semana do Livro Infantil. Disponível em Acervo pessoal da artista. Belém: 2012. Trabalho não publicado.

Sobre Heliana Barriga

BARRIGA, Cecília Pereira. As Janelas da Alma não têm grades, e mesmo se tivessem... In CARDOSO, Joel; MARTINS, Bene. **Desdobramentos das linguagens artísticas: diálogos interartes na contemporaneidade**. Belém: UFPA/ICA/PPGARTES, 2012. pp. 73-87.

BERNARDO, Alethea. **A criança tem sabedoria, expressão, eu valorizo isso (c/ Heliana Barriga). Entrevista**. Belém: Agência UNAMA, 2006. Disponível em http://www.agencia.unama.br/index.php?option=com_content&view=article&id=263:qa-crianca-tem-sabedoria-expressao-eu-valorizo-issoq-c-heliana-barriga&catid=43:entrevistas&Itemid=276> Acessado em 10/09/2012.

CARDOSO, Emily. 1987. **Um Projeto que faz a Liberdade brilhar como uma Estrela**. Diário do Pará. Belém-Pará. 11 ago.

COZZI, Andréa; SANTOS, Sônia (orgs.). **Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos**. Vol. I. Belém: Tempo, 2012.

_____. **Apanhadores de Histórias: Contadores de Sonhos**. Vol. II. Belém: Tempo, 2012.

CURUPIRAS, Ponto de Cultura Novos. 2010. Disponível em <http://pontodeculturanovoscurupiras.blogspot.com.br/> Acessado em 13/01/2013.

DIÁRIO do Pará. 1991. **Mala Sem Fundo**. Belém-Pará. 23 de setembro.

_____. 1990. **Os Filhos e os Frutos respondem a Terra-Mulher**. Belém-Pará. 24 de janeiro.

_____. 1987. **Mala Sem Fundo: Amor, Paz e Liberdade para Crianças de Zero a Cem Anos de Idade.** Belém-Pará. 01 de agosto.

GOMES, Áurea. **Mulher de terra e poesia – Heliana Barriga: escritora e compositora.** O Liberal. Belém-Pará. 26 mar. 1997.

LIBERAL, O. 2004. **Bando Armado de Palavras Poéticas.** Belém-PA. 13 de junho.

_____. 1996a. **Letícia Coça-Coça é um verdadeiro reino animal.** Belém-Pará. 07 de agosto.

_____. 1996b. **Soltando bichos sobre as crianças.** Belém-Pará. 24 de setembro.

_____. 1995. **Coceira Musical no Teatro do Museu.** Belém-Pará. 24 de junho.

_____. 1992. **A poesia nasce no olhar.** Belém-Pará. 10 de outubro.

_____. 1984. **A Poesia de Cordel de Heliana Barriga.** Belém-Pará. 20 de junho.

MALTA de Poetas Folhas & Ervas. **O Livro da Malta III.** Belém: Cromos, 2008.

_____. **Luz – Malta de Poetas Folhas & Ervas.** Belém: Paka-Tatu, 2004.

_____. **O Livro da Malta.** Belém: Rumo, 1999.

_____. **Malta de Poetas Folhas & Ervas - Agenda.** Belém: Cromos, 2012.

MAUÉS, Dirceu. Diário do Pará. **Heliana Barriga lança novo livro.** Belém – PA, 20 jun. 1998.

OLIVEIRA, N. A. de; TAVERNARD, E. P.M. **Musicalização na pré-escola: Contribuições do trabalho de Heliana Barriga.** 2004. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao

Colegiado de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, como requisito à obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Castanhal: UFPA, 2004.

PARÁ, A Província do. 1997. **Talento sem limites – Heliana Barriga: irreverência e animação**. Belém – PA. 04 de outubro.

PESSOATO, Edvandro. **A casa de ser feliz**. 2ª ed. Belém: Tempo, 2012.

RIBERA, M.S.M.; SAMPAIO, M.I. **O imaginário infantil nas obras da escritora paraense Heliana Barriga**. Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do Grau de licenciatura em Letras à banca examinadora da Universidade da Amazônia-UNAMA. Belém: UNAMA, 2006.

RODRIGUES, Keila. “Leticia Coça-Coça leva público infantil ao estande da IOE”. Belém: Agência Pará de Notícias, 2012. Disponível em http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=108088 Acessado em 11/10/2012.

Obras de Apoio

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

_____. **Quarto de badulaques**. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **As contas de vidro e o fio de nylon**. São Paulo: Ars Poetica, 1996.

ANDRADE, Simei Santos (org.). **Ludicidade e formação de educadores**. Belém: PPGARTES/ICA/UFPA, 2012.

BARRIGA, Raimunda Heliana Magalhães Pereira *et alii*. 1980. **Melhoramento genético da malva (Urena lobata L.) na Amazônia**. Disponível em

<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/376828/1/CPATUPA9.pdf> Acessado em 20/10/2011.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Unesp, 2003.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix – Edusp, 1977.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CADERNOS de apoio e aprendizagem: Língua Portuguesa / Programas: Ler e escrever e Orientações Curriculares. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2010. Disponível em <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/publicacoes/Cad_Apoio/LP/LP3/LP_Conteudo_Aluno_3Ano.pdf> Acessado em 25/07/2012.

CENTRO de Estudos em Administração Pública do Governo – CEAPG. Fundação Getúlio Vargas – FGV. 2003. Disponível em < <http://ceapg.fgv.br/programa/projeto-cultura-escola-alegria-0>> Acessado em 14/09/2012.

COELHO, Regina; MAURO, Helena. *Educação Musical – brincar que vale para toda a vida – Trabalho realizado no Centro de Musicalização Infantil*. In: CARVALHO, Alysso et alii. (orgs). **Brincar(es)**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2009. pp. 181-190.

DALAI-Lama. **Palavra de Sabedoria / Sua Santidade, o Dalai-Lama**. Trad. Maria L. N. Silveira e Márcia C. Alves. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DEBORTOLI, José Alfredo. Educação Infantil e conhecimento escolar: Reflexões sobre a presença do brincar na educação de crianças pequenas. In: CARVALHO, Alysso et alii.

(orgs). **Brincar(es)**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2009, pp. 65-80.

FERREIRA, A.B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.

FOOLS, Academy of. 2011. **Slava's Academy of Fools; Slava's Snowshow 15th Anniversary; The Moulin Jaune**. Disponível em <http://www.academyoffools.com/>
Acessado em 15/07/2013.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GE, Clarice. **Árvore dos poemas: Mario Quintana 1906 – 1994; Da Paginação. 18 ago. 2007**. Disponível em <http://arvoredospoemas.blogspot.com.br/2007/08/mario-quintana-1906-1994.html> Acessado em 10/01/2013.

GEBARA, Ana Elvira. **A Poesia na Escola: Leitura e análise de poesia para crianças**. São Paulo: Cortez, 2002.

GOMES, Erica Silva. **Processo Criativo In: GERAL, Revista Ensaio**. Vol. 1, nº 1. Belém: UFPA/ICA/Escola de Teatro e Dança, 2009, pp. 64-67.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Um Toque de Voyeurismo – o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 6ª ed. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

MAURO, Helena; COELHO, Regina. Educação Musical – brincar que vale para toda a vida: Trabalho realizado no Centro de Musicalização Infantil. In: CARVALHO, Alysso et alii (orgs.). **Brincar(es)**. Belo Horizonte: Ed. UFMG – Pró-Reitoria de Extensão, 2009.

MUSEU Paraense Emílio Goeldi. Disponível em: <http://www.museu-goeldi.br/institucional/i_enderecos.htm> Acessado em: 27/07/2013.

NACHMANOVITCH, Stephen. **Ser Criativo: O Poder da Improvisação na Vida e na Arte**. 5ª ed. Tradução de Eliana Rocha. São Paulo: Summus, 1993.

ONDJAKI. Da língua que se fala à língua que se sonha (autocomentários em quatro andamentos). In :BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RUA, Moro na. 2010. **Os Gêmeos x Le Moulin x Slava**. 28 dezembro. Disponível em: http://moronarua.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html Acessado em: 15/07/2013.

SANTOS, Santa Marli Pires Dos (org.). **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de Contar Histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

STATIC, Trend Hunter. 2011. **Os Gêmeos Depicts Performance Artist Slava Polunin's Head**. 06 janeiro. Disponível em: <http://www.trendhunter.com/trends/os-gemeos#> Acessado em: 17/07/2013.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRANSPORTES, Secretaria de Estado de. 2012. Disponível em:
<www.setran.pa.gov.br/distancias.php> Acessado em: 29/11/2012.

VELHO, Gilberto (org.). **Sociologia da Arte**. Vol. I. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Tradução: Jerusa Pires e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

Outras mídias utilizadas

BARRIGA, Heliana. **Letícia Coça-Coça**. Livro-encarte e CD. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2012, 1 disco (CD).

_____. Ed. do autor. **Ecológico Urbano**. Belém: Data Memory, 2005, 1 disco (CD).

_____. Ed. do autor. **Se Eu Fosse Você Eu Brincava**. Belém: Data Memory, 2002. 1 disco (CD).

_____. Ed. do autor. **A Filha do Jabuti**. Belém: Data Memory, 1999. 1 disco (CD).

_____. Ed. do autor. **Letícia Coça-Coça**. Belém: Data Memory, 1996. 1 disco (CD).

_____. Ed. do autor. **Mala Sem Fundo**. Belém: Sinal Produções, 1987. 1 disco (LP).

JANELA da Alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2002. 1 DVD (73 min), color.

ANEXOS

**ANEXO 01: TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO
ORAL E ESCRITO**

CEDENTE: _____, nacionalidade: _____, estado civil:
_____, profissão: _____, portadora da Cédula de Identidade RG:
_____, emitida pela _____, e do CPF nº _____, domiciliada e
residente na _____.

CESSIONÁRIO: Cecília Pereira Barriga. **OBJETO:** Depoimento oral e escrito.

Registros orais, escritos e fotográficos cedidos exclusivamente para a Dissertação de Mestrado:
MALA SEM FUNDO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO LÚDICO-POÉTICA DA ARTISTA HELIANA
BARRIGA elaborada pela pesquisadora Cecília Pereira Barriga.

DO USO: Declaro ceder a Sra. Cecília Pereira Barriga sem quaisquer restrições quanto aos seus
efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter
histórico e documental que prestei a pesquisadora Cecília Pereira Barriga, na cidade de Belém no
período de realização de sua pesquisa de Mestrado em Artes (PPGARTES/ICA/UFPA) realizada de
agosto de 2011 a setembro de 2013, resultando em depoimentos orais gravados e registros escritos.
Fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e científicos, os
mencionados documentos, no todo ou em parte, editado ou não, segundo suas normas, com a única
ressalva de sua fidelidade e indicação de fonte e autor para futuros estudos a serem desenvolvidos pela
pesquisadora.

Belém, ___ de _____ de _____.

Assinatura da colaboradora da pesquisa

Cecília Pereira Barriga

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 02: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I. Registro das explicações da pesquisadora a participante a respeito da pesquisa.

Prezada Senhora: Eu, CECÍLIA PEREIRA BARRIGA, mestranda do curso de Pós-Graduação em Arte da Universidade Federal do Pará, quero convidá-la para participar de um estudo que deverá resultar em pesquisa científica. Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar, descrever e analisar a trajetória de criação lúdico-poética de sua arte, como também suas performances artísticas e obras literofonográficas já publicadas. Dessa maneira poderemos compreender melhor o processo de criação de sua arte e os ambientes que a estimulam a criar. Para isso, será preciso realizar uma série de entrevistas com a V.Sa., de acordo com a sua disponibilidade. É importante informar, que será realizada e transcrita (digitada) por mim. A sua participação será totalmente voluntária, podendo deixá-la a qualquer momento, não havendo prejuízo para a sua pessoa e instituição. Gostaríamos muito que você considerasse o convite uma vez que esse depoimento oral e escrito é fundamental para aprofundarmos o conhecimento. Antes de iniciar, gostaria de saber se você necessita de mais alguma informação, pois estou à disposição para os esclarecimentos. Tendo decidido colaborar ao estudo, necessito da sua assinatura. Agradeço a sua atenção e colaboração.

II. Consentimento pós-informado:

Compreendo os objetivos desta pesquisa, o que é esperado de mim, eu concordo em participar de forma voluntária da mesma.

Entendo que as informações não serão confidenciais, e haverá identificação nominal, e que não sofrerei nenhum tipo de sanção ou prejuízo, caso desista de participar desta pesquisa. Declaro que concordo em oferecer todas as informações solicitadas pela pesquisadora, que fui convidada para participar deste estudo, e o faço voluntariamente.

Belém, ____ de _____ de _____.

Assinatura da colaboradora da pesquisa

Cecília Pereira Barriga

Assinatura da pesquisadora

ANEXO 03: TRANSCRIÇÕES DE TRÊS EXEMPLOS DE RELATÓRIOS LÚDICOS DE HELIANA BARRIGA

I Exemplo:

Oikos Tis Poesias - 18/07/2011, 2ª feira.

Escrever? Até quando?

Sou fascinada pela surpresa de encontrar um fragmento de texto perdido, deixado, abandonado ao chão ou sobre, e que me encontra à... Acho que é por me assustar, me tirar da linha de tensão, me fazer parar e me fazer retornar. É com freio da razão que eu paro, pego, olho, viro, assopro, leio e não entendo. Isso é maravilhoso! Como se fosse um aviso em código de não 'tô nem aí'. Mas me faz ler e refletir. Quem será que escreveu? Meus olhos e minhas mãos não medem esforços de estar junto deste tipo de texto, largado-texto aos olhos da história inútil. Quando estão em pedaços de papel largados de um caderno, então! É o meu fascínio, de leitora de escritos abandonados pelo meio de tantos caminhos. Sei que aguicei a sua curiosidade agora, mas é isso que eu quero mesmo, além de aguçar seu desejo de também considerar essa literatura do inútil. Quem sabe você encontrará um desfecho mais interessante? Quem sabe seguindo o mistério dessa escrita, você não desvendará um caso sem solução? Importa tudo: Pedacos de lições de aula, pedacos de poemas, cartas, recados, receitas, anotações, tudo denotará um momento humano que escreve, que pensa ao escrever, que sonha e que dá continuidade a esse movimento.

Heliana Barriga

II Exemplo:

Oikos Tis Poesias - 18/07/2011, 2ª feira.

Escrever

O envelhecer de minhas letras que nunca se entenderam com o paralelismo das linhas azuis da página. Altamente influenciadas pela grossura do bico da caneta, minha letra adora uma personalidade. Elegante, à ponta fina, se distribui entre vestes azuis e pretas, conforme o instante. De temperamento forte, à ponta grossa, desdobram-se às ondas da página e me dão um prazer, um tesão, um gozo de mais escrever.

Quando pego uma música de fundo, minha letra dança e termina o texto quando finda a música. Escrever à aurora do dia, banhando-se, nua aos primeiros raios de sol. Minha letra escreve poemas puxados pela dança de algumas borboletas. Escrevendo em frente a esta janela, com árvores paradas como a me olhar e esperar a ideia de minha nova escrita me deixa suada a minha letra e uma sensação de não desistir. As plantas se insinuam ao meu olhar da escrita, enquanto passarinhos que nunca sei quem são, inserem estranho canto à continuação. Minha escrita é um vício que só me é mantido se tiver papel em branco. Mesmo assim eu cato cadernos antigos com cantos de páginas que oferecem carona. Escrever em espaços entre poemas de um livro bom, encontrado agora, é um bom instante para minha escrita. Escrever em muros de vizinho, poemas de meus amigos ou poemas que inspiram minha mão teimosa em servir aos outros, é minha nova prosa.

É muito bom escrever e não ler e o pau não comer. Fechar o caderno, esquecer e muito depois, ou não, retornar ao ponto. Parece novidade e dá uma boa liga de inspiração e alegria. Meu corpo entra em uma velha sintonia, e me relaxa a mente em nova freguesia. A sensação é de que parece que não fui eu quem escreveu e me ensina a continuar, escritora primeiro de mim mesma.

Valeu!

Heliana Barriga

III Exemplo:

Oikos Tis Poesias - 20/07/2011, 4ª feira – Ainda escrever...

Quando comecei a escrever poemas, eram textos enormes, à amplidão do tamanho da folha de papel, el, el. Alguém me avisou: À medida que você for se aprimorando, você vai diminuindo o texto. A palavra mudará de jogo com você. Agora você a procura, mas no futuro, ela é que procurará você.

Não lembro quem me falou isso. Acho que foi o poeta vigiense José Ildone, que se mandou para Vigia de malas e cuias. Aconteceu sim, hoje, depois de uns 30 anos de escrita, já acontece esse fenômeno comigo. E tem coisas que eu me provoco, por exemplo, estar sem caneta na bolsa, e aquela vontade de escrever agora! Isso valoriza a escrita. Outra provocação a mim de mim é escrever no menor pedaço de papel. Por exemplo, um poema sobre grávida, que por si já puxa tantas palavras:

Grávida	ou	A arte é artevida
Ávida		vidatear
Vida		atrevida
Dá		

ou

Tenho a sensibilidade da terra seca
aos primeiros pingos de chuva

e por aí vai. Socorro que chegou o vento forte.

Heliana Barriga